

ISSN 2177-4730



POLONICUS

Revista de reflexão Brasil - Polônia

Polonicus

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano VIII – 1/ 2017

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920 ~ Porto Alegre-RS. Brasil

tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242

E-Mail: revista@polonicus.com.br

www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzislaw Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski

Claudio Boczan

Impressão

Corgraf Gráfica e Editora Ltda.

Fone: 41 3012-5000

www.grupocorgraf.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI

Mariano KAWKA

Piotr KILANOWSKI

Renata SIUDA-AMBROZIAK

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro*

Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-Skłodowska – Lublin (UMCS)*

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *In memoriam*

Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*

Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*

Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*

José Lucio GLOMB – *Ordem dos Advogados do Brasil-PR*

Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW)*

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*

Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Thais Janaina WENCZENOVICZ - *Universidade Estadual do RS (UERS)*

Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*

Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de Janeiro*

Waldemiro GREMSKI – *Pontificia Universidade Católica - PR*

Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia (UKSW)*

**A revista conta com o apoio financeiro destinado
às comunidades polônicas no exterior pelo
Ministério das Relações Exteriores da Polônia**



**Czasopismo jest współfinansowane w ramach funduszy
polonijnych Ministerstwa Spraw Zagranicznych RP**

Fundo editorial / Fundusz wydawniczy:

Pe. Alceu ZEMBRUSKI, SChr – Bateias-PR, Pe. Kazimierz DŁU-
GOSZ, SChr – Curitiba-PR, Pe. Stanislaw MAŁYSA, SChr – Bateias
-PR, Pe. Jan SOBIERAJ, SChr – Curitiba-PR,
Provincia da Sociedade de Cristo.

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil -
- Ano 8, n. 14 (jan/jun.2017) – Curitiba :
v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

SUMÁRIO

EDITORIAL

Wstęp

POLÔNIA

Polska

Wilson RODY CZ

A CONSTITUIÇÃO POLONESA DE 1791:

***contexto, conteúdo e legado*16**

Konstytucja polska z 1791: kontekst, zawartość i dziedzictwo

Iraci José MARIN

O HINO NACIONAL POLONÊS.

***Circunstâncias Históricas*27**

Polski hymn narodowy. Okoliczności historyczne

Zdzisław MALCZEWSKI, SChr

SOBRE O MARECHAL JÓZEF PIŁSUDSKI

NO BRASIL33

O Marszałku Józefie Piłsudskim w Brazylii

Wojciech NECEL, SChr

A IGREJA E O ALBERGUE DE S. ESTANISLAU

EM ROMA A SERVIÇO DA COMUNIDADE POLÔNICA LOCAL42

*Kościół i hostel św. Stanisława w Rzymie w służbie
polonijnej wspólnoty lokalnej*

Stanisław PAWLISZEWSKI

PRONUNCIAMENTO DURANTE O SIMPÓSIO POLÔNICO NO CESLA

UIV (25.10.2016)54

Przemówienie podczas Sympozjum Polonijnego w CESLA UW

ARTIGOS

Artykuły

Jerzy MAZUREK

AS DUAS REVOLUÇÕES RUSSAS DE 1917 61

Przesłanie papieża Franciszka z okazji Światowego Dnia Migranta

Dwie rosyjskie rewolucje w 1917

Mariano KAWKA

POLONÊS E PORTUGUÊS:

O ENCONTRO DE DOIS IDIOMAS

NOS DICIONÁRIOS 82

Polski i portugalski: spotkanie dwóch języków w słownikach

Anna RYBKA

O "MUNDO BRASILEIRO" NO OLHAR DE UM IMIGRANTE DE ORIGEM POLONESA

(com base na prosa de João Krawczyk)..... 95

"Brazylijski świat" w spojrzeniu imigranta polskiego pochodzenia (na podstawie prozy Jana Krawczyka)

Remy FREDER, Schirlei Mari FREDER

ATORES SOCIAIS E A POLONIDADE:

PREOCUPAÇÕES COM A MANUTENÇÃO

DA CULTURA 111

Podmioty społeczne i polskość: Obawy o zachowanie kultury

Milton José ALLEGRETTI

OS POLONESES E O CHIMARRÃO: ELO DE INTEGRAÇÃO À CULTURA E COSTUMES DE UMA NOVA PÁTRIA..... 122

Polacy i chimarrão: ogniwo integracji z kulturą i zwyczajami nowej ojczyzny

Izabel LIVISKI

O SURREAL POLONÊS AOS OLHOS DA ARTE 128

Surrealizm polski w spojrzeniu sztuki

POEMAS

Wiersze

Joanna JÓZEFOWSKA, Guilherme BORGES

POEMAS DO PADRE JAN TWARDOWSKI

TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS 142

Wiersze ks. Jana Twardowskiego przetłumaczone

na język portugalski

Tomasz ŁYCHOWSKI

A PALAVRA. Poetas poloneses contemporâneos 148

Słowo. Współcześni poeci polscy

RESENHAS

Przegląd literacki

Rhuan Targino ZALESKI TRINDADE

KMIECIK, Sylwia. *A comunidade polônica brasileira*

na visão do padre Zdzisław Malczewski/

/Polonia Brazylijska w publicystyce

ks. Zdzisława Malczewskiego. Varsóvia:

Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego,

2016, pp. 166..... 158

CRÔNICAS

Wydarzenia

Tomasz ŁYCHOWSKI

POWIDOKI / AFTERIMAGE DE ANDRZEJ WAJDA 161

Powidoki Andrzeja Wajdy

Zdzisław MALCZEWSKI, SChr
**INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO
DO PAPA SÃO JOÃO PAULO II** 164
Inauguracja pomnika papieża Jana Pawła II

Zdzisław MALCZEWSKI, SChr
**VISITAÇÃO CANÔNICA DO SUPERIOR GERAL
DA SOCIEDADE DE CRISTO
NA CAPELANIA POLONESA EM PORTO ALEGRE**..... 167
*Wizytacja kanoniczna przełożonego generalnego Towarzystwa Chrystusowego
w Kapelanii Polskiej w Porto Alegre*

**DIRETORIA DA CASA DA CULTURA
POLÔNIA BRASIL
SE REÚNE PARA PLANEJAMENTO 2017** 170
Zebranie zarządu Domu Kultury Polska Brazylia odnośnie planowania 2017

Zdzisław MALCZEWSKI, SChr
**O ECHO POLONII BRAZYLIJSKIEJ
DEIXA DE SER PUBLICADO** 173
„Echa Polonii Brazylijskiej” zaprzestało wychodzić

EDITORIAL

A diversidade de eventos, de aniversários históricos, bem como a riqueza das pesquisas de muitas pessoas contribuiu para que possamos apresentar aos nossos leitores mais um número do nosso periódico, que se mostra muito rico nas questões apresentadas. Pretendo fazer um esboço dos artigos publicados nas seções que tradicionalmente configuram o conteúdo desta revista.

Na seção intitulada *POLÔNIA*, publicamos em primeiro lugar um texto de autoria de Wilson Rodycz, no qual o autor aborda a problemática das Constituição de 3 de Maio. O autor apresenta o contexto histórico do surgimento da carta magna polonesa, o seu conteúdo, bem como a herança da grande constituição de 1791 para as sucessivas gerações de poloneses.

No dia 26 de fevereiro de 1927, a *Mazurka de Dąbrowski*, que surgiu em 1797, foi oficialmente proclamada como o hino nacional polonês. Em razão do nonagésimo aniversário do hino polonês *A Polônia não desaparecerá*, pela publicação de um artigo de Iraci José Marin queremos familiarizar os leitores com as circunstâncias do surgimento desse hino, apresentando também a sua tradução para a língua portuguesa. O hino, originalmente chamado *Canção das Legiões Polonesas na Itália*, foi escrito por Józef Wybicki. Infelizmente, o autor da melodia permanece desconhecido.

Um outro aniversário que ocorre este ano é o dos 150 anos do nascimento (no dia 5 de dezembro de 1867 em Zułowo, na região de Wilno), de Józef Klemens Piłsudski – líder social polonês e lutador pela independência, soldado e estadista polonês. No ambiente militar e político brasileiro, o marechal Józef Piłsudski gozou de grande popularidade e de grande respeito. Zdzislaw Malczewski SChr, fazendo uma análise dos artigos do periódico *Brasil-Polônia*, apresenta esse olhar brasileiro para o marechal Piłsudski. O autor descreve também a história do monumento ao marechal numa das mais famosas artérias do Rio de Janeiro.

Nessa seção publicamos também o artigo de Wojciech Necel SChr a respeito da história e do papel da igreja de S. Estanislau em Roma. Esse santuário é importante não apenas para os poloneses residentes na Cidade

Eterna, mas também para os peregrinos que chegam da Polônia e dos países de emigração ao centro da capital católica. Por dezenas de anos, junto à igreja de S. Estanislau em Roma localizou-se a Central da Pastoral Polonesa no mundo.

No número anterior falamos do I Simpósio Polônico, que se realizou na Universidade de Varsóvia (CESLA – 25 de outubro de 2016). Publicamos então o discurso de Alfredo Leoni, embaixador do Brasil na Polônia. No presente número publicamos o texto do pronunciamento de Stanisław Pawliszewski, ex-embaixador da Polônia no Brasil e presidente da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia.

Na seção seguinte, *ARTIGOS*, publicamos diversos e interessantes textos. O primeiro autor apresentado é Jerzy Mazurek, que comenta as duas revoluções russas de 1917. Para melhor compreendermos a história da Polônia, precisamos observar os acontecimentos que ocorreram no país vizinho, visto que eles não deixaram de exercer influência sobre os poloneses.

O texto seguinte é de Mariano Kawka, a respeito do encontro de duas línguas, polonesa e portuguesa, nos diversos dicionários publicados na Polônia, no Brasil e em Portugal, inclusive nos dicionários de sua autoria recentemente publicados em Varsóvia e em Porto Alegre.

Anna Rybka, com base em obras do escritor João Krawczyk, apresenta o mundo brasileiro percebido pelo olhar de um imigrante polonês. Graças a esse artigo, a nova geração polônica pode familiarizar-se com um literato que através dos seus textos publicados na Polônia e no Brasil descrevia as suas experiências, bem como o ambiente em que viveu.

O texto seguinte é obra de duas gerações – pai e filha: Remy e Schirlei Mari Freder –, que no seu texto comum escrevem a respeito dos sujeitos sociais na realidade polônica, expressando também as suas inquietações pela preservação da cultura polonesa no Brasil.

O autor seguinte, Milton José Allegretti, lança um olhar sobre os imigrantes poloneses e seus descendentes pelo prisma do chimarrão como um índice de integração com a cultura e os costumes da nova pátria.

A seguir, Izabel Liviski publica o seu texto, no qual aborda o mundo

da arte e apresenta a questão do surrealismo polonês como uma das suas manifestações.

Na seção *POEMAS*, publicamos dois textos. O primeiro é de autoria de Joanna Józefowska e Guilherme Borges, que apresentam aos nossos leitores a poesia do Pe. Jan Twardowski. O Pe. Twardowski (falecido em 2006 em Varsóvia) é um poeta, representante da moderna lírica religiosa, praticamente ainda desconhecido no Brasil. O segundo texto é obra de Tomasz Lychowski, que dedica as suas reflexões a poetas poloneses contemporâneos.

Na seção *RESENHAS*, Rhuan Targino Zaleski Trindade publica uma resenha do livro de Sylwia Kmiciek intitulado *A comunidade polônica brasileira na visão do Pe. Zdzislaw Malczewski*. O livro é uma publicação bilíngue. A tradução da língua polonesa para a portuguesa foi feita por Mariano Kawka. Em seu trabalho, publicado em Varsóvia na série Biblioteca Iberística, a autora analisa a atividade literária do sacerdote polônico.

Na seção final, *CRÔNICAS*, publicamos alguns textos que apresentam eventos não apenas da vida da coletividade polônica no Brasil. O primeiro texto é o artigo de Tomasz Lychowski, que se debruça sobre a obra cinematográfica de Andrzej Wajda, falecido no dia 9 de outubro de 2016 em Varsóvia. Com a sua obra, Wajda deu início à escola do cinema polonês.

A pequena coletividade polônica concentrada na Braspol em Nova Roma do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, homenageou a memória do papa polonês S. João Paulo II edificando um monumento de 11 metros de altura, no estilo das capelinhas polonesas de beira de estrada. A solene inauguração realizou-se no dia 10 de dezembro de 2016. Zdzislaw Malczewski SChr, em estilo jornalístico, descreve a solenidade da bênção e da inauguração do monumento.

A reportagem seguinte do mesmo autor fala da visita oficial do Pe. Ryszard Głowacki SChr – superior geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados – à Capelania Polonesa em Porto Alegre.

O texto publicado a seguir apresenta o organograma da atividade da Casa da Cultura Polônia Brasil em Curitiba nos planos da administração dessa jovem mas muito dinâmica organização polônica, que tem a sua sede na capital paranaense.

Essa seção se encerra com a notícia do encerramento da publicação, nos últimos sete anos, do único periódico em língua polonesa no Brasil, o *Echo Polonii Brazylijskiej* (Eco da Comunidade Polônica Brasileira).

Alimento a esperança de que os prezados leitores encontrarão neste número de *Polonicus* muitos textos cujo conteúdo lhes despertará o interesse. Desejo-lhes uma prazerosa e enriquecedora leitura.

Zdzislaw Malczewski SChr – redator

W S T Ę P

Różnorodność wydarzeń, rocznic historycznych, a także bogactwo badań wielu osób przyczyniły się do tego, że możemy oddać naszym Czytelnikom kolejny numer naszego periodyku, który jest tak bogaty w prezentowane zagadnienia. Zamierzam zarysować publikowane artykuły w działach, które tradycyjnie składają się na treść tego czasopisma.

W dziale zatytułowanym *POLSKA* zamieszczamy pierwszy tekst autorstwa Wilsona Rodycza, w którym pochyla się nad problematyką związaną z Konstytucją 3 Maja. Autor przybliży kontekst historyczny powstania polskiego zasadniczego dokumentu, jego zawartość jak również dziedzictwo wielkiej konstytucji z 1791 r. dla kolejnych pokoleń Polaków. 26 lutego 1927 r. Mazurek Dąbrowskiego powstały w 1797 r. został oficjalnie ogłoszony oficjalnym polskim hymnem narodowym. W związku z tegoroczną 90. rocznicą polskiego hymnu „Jeszcze Polska nie zginęła” poprzez publikację artykułu autorstwa Iraci José Marin pragniemy zapoznać Czytelnika z okolicznościami powstania tego hymnu, jak też z jego tłumaczeniem na język portugalski. Hymn, pierwotnie nazywany Pieśnią Legionów Polskich we Włoszech został napisany przez Józefa Wybickiego. Niestety autor melodii pozostaje nieznanym. Kolejna rocznica przypadająca w obecnym roku to 150 lat (5 grudnia 1867 r. w Żuławie na Wileńszczyźnie) od urodzenia Józefa Klemensa Piłsudskiego – polskiego działacza społecznego i niepodległościowego, żołnierza, i polskiego męża stanu. W środowisku brazylijskich wojskowych, polityków marszałek Józef Piłsudski cieszył się dużą popularnością oraz wielkim szacunkiem. Zdzisław Malczewski SChr przeprowadzając analizę artykułów periodyku „Brasil – Polônia” przybliży brazylijskie spojrzenie na marszałka Piłsudskiego. Autor opisuje także historię postawienia pomnika marszałka w jednej z najsłynniejszych arterii Rio de Janeiro. W dziale zamieszczamy także artykuł Wojciecha Necla, SChr o historii i roli polskiego kościoła św. Stanisława w Rzymie. Świątynia ta jest ważna nie tylko dla Polaków mieszkających w Wiecznym Mieście, ale także pielgrzymów przybywających z Polski i emigracji do centrum chrześcijańskiej stolicy. Przez dziesiątki lat przy kościele św. Stanisława

w Rzymie mieściła się Centrala Duszpasterstwa Polskiego w świecie. W poprzednim numerze wspominaliśmy o I Sympozjum Polonijnym, jakie miało miejsce na Uniwersytecie Warszawskim (CESLA – 25 października 2016 r.). Publikowaliśmy przemówienie Alfredo Leoni ambasadora Brazylii w Polsce. W obecnym numerze publikujemy tekst wystąpienia Stanisława Pawliszewskiego byłego ambasadora Polski w Brazylii i prezesa Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego w Warszawie.

W drugim dziale *ARTYKUŁY* zamieszczamy wiele różnorodnych i interesujących artykułów. Pierwszym autorem tekstu jest Jerzy Mazurek, który omawia dwie rewolucje rosyjskie z 1917 r. Aby lepiej zrozumieć historię Polski potrzebujemy obserwować wydarzenia, jakie miały miejsce w sąsiednim kraju, gdyż nie pozostały one bez wpływu na losy Polaków. Kolejny artykuł to tekst Mariano Kawki o spotkaniu dwóch języków polskiego i portugalskiego w publikowanych słownikach (Warszawa – 2014 i Porto Alegre – 2015). Anna Rybka ukazuje brazylijski świat postrzegany oczyma imigranta polskiego. Autorka oparła się na tekstach Jana Krawczyka. Dzięki tej autorce nowe pokolenie polonijne może poznać człowieka pióra, który poprzez swoje teksty publikowane w Polsce i Brazylii opisywał swoje doświadczenia, jak też otoczenie, w którym przyszło mu żyć. Kolejny tekst jest dziełem dwóch pokoleń ojca i córki: Remy e Schirlei Mari Freder, którzy we wspólnym tekście piszą o podmiotach społecznych w realiach polonijnych, gdzie wyrażają także swoje obawy o zachowanie kultury polskiej w Brazylii. Kolejny autor Milton José Allegretti w swoim artykule spogląda na imigrantów polskich i ich potomków poprzez pryzmat picia erva mate jako przejawu ich integracji z kulturą i zwyczajami nowej ojczyzny. Z kolei Izabel Liviski publikuje swój tekst, w którym przybliży kwestię surrealizmu polskiego postrzeganego poprzez sztukę.

W dziale *WIERSZE* zamieszczamy dwa teksty. Pierwszy autorstwa Joanny Józefowskiej i Guilherme Borges, którzy przybliżają naszym czytelnikom poezję ks. Jana Twardowskiego. Ks. Twardowski (zmarł w 2006 r. w Warszawie) to poeta, przedstawiciel współczesnej liryki religijnej, praktycznie jeszcze nie znany w Brazylii. Drugi Tekst jest dziełem Tomasza Łychowskiego, który dedykuje swoje rozważania współczesnym poetom polskim.

Rhuan Targino Zaleski Trindade w dziale *PRZEGLĄD LITERACKI* publikuje recenzję książki Sylwii Kmiecik „Polonia Brazylijska w publicystyce ks. Zdzisława Malczewskiego”. Książka jest wydaniem dwujęzycznym. Przekładu z języka polskiego na portugalski dokonał Mariano Kawka. Autorka w swojej pracy wydanej w Warszawie w serii Biblioteki Iberyjskiej omawia działalność publicystyczną polonijnego duszpasterza.

W ostatnim dziale *WYDARZENIA* zamieszczamy kilka tekstów przybliżających wydarzenia nie tylko z życia społeczności polonijnej w Brazylii. Pierwszym tekstem jest artykuł Tomasza Łychowskiego pochyłającego się nad twórczością filmową Andrzeja Wajdy, zmarłego 9 października 2016 r. w Warszawie. Wajda zainicjował swoją twórczością polską szkołę filmową. Mała społeczność polonijna skupiona w „Braspolu” w Nova Roma do Sul, w stanie Rio Grande do Sul, uhonorowała pamięć papieża Polaka Jana Pawła II postawieniem, 11 metrowej wysokości, pomnika zbudowanego w stylu polskiej kapliczki przydrożnej. Uroczysta inauguracja odbyła się 10 grudnia 2016 r. Zdzisław Malczewski, SChr w stylu reporterskim opisuje uroczystość poświęcenia i odsłonięcia pomnika. Kolejny reportaż tego samego autora omawia oficjalną wizytę ks. Ryszarda Głowackiego, SChr – przełożonego generalnego Towarzystwa Chrystusowego dla Polonii Zagranicznej w Kapelanii Polskiej w Porto Alegre. Kolejny tekst przedstawia harmonogram działalności Domu Kultury Polska Brazylia w Kurytybie w zamierzeniach zarządu tej młodej, ale bardzo dynamicznej organizacji polonijnej mającej swoją siedzibę w stolicy stanu Paraná. Ostatnim tekstem w tym dziale jest obszerna informacja o zaprzestaniu wydawania po 7 latach ukazywania się jedyne go pisma w języku polskim w Brazylii „Echa Polonii Brazylijskiej”.

Żywię nadzieję, że Drogi Czytelnik znajdzie w tym numerze periodyku wiele tekstów, które będą dla niego radością podczas ich czytania. Życzę przyjemnej i ubogacającej lektury!

Zdzisław Malczewski, SChr – redaktor

A CONSTITUIÇÃO POLONESA DE 1791: contexto, conteúdo e legado *

Wilson RODYCZ**

“Apesar de tantas e tão abalizadas advertências, entre as elites da nação, entre os nobres e os magnatas, continuaria predominando a concepção de que somente elas constituíam a nação, somente a elas competia a suprema autoridade nacional, inclusive a de delimitar a autoridade real ao âmbito que lhes conviesse, e por esse caminho, não só confirmaram a sua ascendência na direção e na solução dos problemas nacionais, como também transformaram os reis em meras figuras decorativas, desempenhando teatralmente um poder que efetivamente não exerciam.”¹

Contexto

A situação política e social da Polônia era conflituosa desde os anos 1600. Por isso, reformas vinham sendo pensadas.² Os **problemas políticos** decorriam do excesso de privilégios da classe nobre (*szlachta*, magnatas, *hetmans*), tais como o *liberum veto* (veto livre)³ e o direito exclusivo à

* Comunicação apresentada perante a V Vitrine Literária Polônica (Curitiba, 24.10.2015), é pesquisa bibliográfica embasada em Perry Anderson (Linhagens do Estado absolutista), que se utiliza dos estudos de Boguslaw Lesnodarski, S. Kieniewicz e R. F. Leslie, em textos disponibilizados na internet e na bibliografia indicados ao final.

** Desembargador aposentado do TJRS, pesquisador, autor do livro *Os imigrantes poloneses da Colônia Lucena – Itaiópolis* (2011) e do artigo *A szlachta e a Partilha da Polônia* (2012), Cônsul Honorário da República da Polônia em P. Alegre.

1 Tempski, p. 279

2 A Gabriel Bonnot de Mably e Jean-Jacques Rousseau foram encomendados estudos sobre reformas a serem implementadas, tendo o primeiro apresentado o seu *Du gouvernement et des lois en Pologne* (O Governo e as Leis da Polônia) em 1771 e, o segundo, as suas *Considerações sobre o governo da Polônia*, em 1772. Pensadores locais também escreveram sobre o tema: Stanisław Konarski, Józef Wybicki, Hugo Kollątaj, Stanisław Staszic, Ignacy Krasicki, etc.

3 Era o direito que cabia a cada deputado do Sejm (Parlamento) de anular qualquer decisão da maioria. Por esse veto, qualquer minoria paralisava as iniciativas da maioria. Com isso, as minorias

propriedade da terra,⁴ a eletividade da monarquia,⁵ etc. No exercício desse veto, deputados, representando interesses de algum magnata ou de governo estrangeiro, paralisavam o governo. O reverso era a “confederação”, artifício que permitia às facções aristocráticas descontentes se autoproclamarem em “estado de insurreição armada” contra o governo.⁶ Isso era particularmente prejudicial quando impediam o fortalecimento do governo central (Rei), inviabilizando a criação de impostos ou o aumento do efetivo do exército nacional. Esse sistema era conhecido como “Democracia dos Nobres”.⁷ Os

acumularam cada vez mais poder. O anacronismo de *liberum veto* foi responsável pelo encaminhamento do país para o caos. Esse sistema político tornou a Polônia conhecida como expoente das liberdades minoritárias. Nesse sentido, Ruy C. Wachowicz, *op. cit.*, p. 12. Grandes proprietários como Czartoryski, Sapieha, Potocki, Radziwill e outros foram os que com mais frequência lançaram mão do veto. O deputado Sicinski, que inaugurou o seu uso em 1652, era um instrumento de Radziwill. Conforme estudos estatísticos de Konopczynski, citado por Anderson, o apelo ao veto tinha caráter marcadamente regional. 80% dos deputados que o exerceram eram originários da Lituânia ou da Pequena Polônia; a família Potocki detinha o recorde de recurso ao veto. Anderson, *op. cit.*, p. 292-293, nota 23.

4 As possessões agrárias não eram iguais na nobreza. Extensões imensas, com mais de um milhão de hectares, eram privilégio de poucos, como Radziwill, que detinha 4 milhões de ha, Potocki (1 milhão e 200 mil ha), Wisnowiecki (230 mil súditos), Zamoyski (800 mil ha e umas 80 cidades e 800 aldeias). A imensa maioria possuía diminutas áreas de terras, de 4 a 8 ha. Havia ainda os pequenos cavaleiros, possuidores também de pequenas propriedades com não mais do que uma ou duas aldeias. Ocorria, portanto, uma grande desigualdade econômica no seio da própria nobreza. Nesse sentido, Anderson, *op. cit.*, p. 285.

5 A eletividade dos reis foi implantada após a morte do rei Casimiro III (1370) e o estabelecimento da União com a Lituânia, com a dinastia Jagiellônica (1386). A *szlachta* conseguiu impor o princípio da eletividade da monarquia, que foi sendo acrescentada de outras concessões, tais como isenções tributárias e prerrogativas jurídicas e políticas, como a outorga de poderes assembleares às *conventiones particulares* (privilégio de *Nieszawa*, 1454), em que passaram a ser decididos assuntos importantes, inclusive o bloqueio de ações do rei, impedindo a criação de impostos e o ajuntamento de tropas. Essas *convenções* evoluíram para os *sejmiki*, e, no nível nacional, o *Sejm*. Em 1572, com a morte do rei Segismundo, seguiu-se um leilão pelo trono, sendo eleito o francês Henrique de Anjou, que foi obrigado a conceder mais privilégios à nobreza, que se tornaram vinculantes para os reis que vieram depois. Frisavam o caráter não hereditário da monarquia e despojavam o monarca de quase todos os poderes relevantes, especialmente de aumentar o efetivo militar, fixado em três mil homens. Todas as questões financeiras ou políticas de importância dependiam do consentimento do *Sejm*. O desatendimento dessas restrições legitimava a rebelião contra o monarca (*confederação*). Desde então, os nobres eleitores sempre preferiram eleger um rei estrangeiro “com o intuito deliberado de assegurar a debilidade do Estado central.” Nesse sentido, Anderson, *op. cit.*, p. 287.

6 Nesse sentido, Skarczynski, in *The Constitution of Poland before de Partitions*, p. 60, *apud* Anderson, *op. cit.*, p. 293.

7 Liberdade dourada, Democracia dos nobres ou Comunidade dos nobres, em polonês *Złota*

problemas sociais decorriam do “regime de servidão da gleba”,⁸ pelo qual os camponeses eram obrigados a trabalhar de graça para os proprietários a maior parte do tempo (corveias), eram proibidos de mudar de aldeia e estavam submetidos inclusive, em certa época, à pena de morte, aplicada pelos senhores.⁹

A Constituição de 1791 enfrentou esses graves problemas. O *Grande Sejm* de 1788–1792 funcionou como uma “assembleia confederada”, que deliberava imune ao *liberum veto* e, por isso, teve condições de discutir inclusive a extinção desse veto.

Desde o início do reinado do Rei Stanislaw II Poniatowski,¹⁰ em 1765, houve ações visando a reformar as instituições, com a criação de um exército nacional e de impostos gerais, o que era impedido pela nobreza e pelos países vizinhos, interessados na manutenção de uma Polônia fragilizada. Essas ações culminaram com a intervenção da Rússia e da Prússia, a pretexto de proteger

Wolność, Rzeczpospolita Szlachecka, foi o sistema político-aristocrático que vigorou na Polônia por mais de dois séculos. Estava baseado na suposição de igualdade política entre todos os “cavalheiros”, em que era exigido sempre o consentimento unânime para todas as medidas tomadas. Uma simples desconfiança de qualquer dos pares – de que a medida fosse prejudicial para o seu distrito eleitoral (normalmente simplesmente a sua própria propriedade), mesmo após o ato já ter sido aprovado pela maioria – era o suficiente para anular o ato.

8 O regime de servidão da gleba foi instituído em 1496 pelos *Estatutos de Piotrkow*, que proibiram o deslocamento de mão-de-obra das aldeias, a exceção de um único camponês de cada comunidade por ano. Seguiram-se outras medidas contra os aldeões, dentre as quais uma de 1520, estabelecendo corvéias de até seis dias por semana; outra, de 1574, outorgou à classe proprietária o *ius vitae et necis* (direito de vida e morte) sobre os servos, que lhes permitia o direito de matar arbitrariamente os camponeses adstritos à gleba. Nesse sentido, R. F. Leslie, *The Polish Question*, p 4-5, *apud* Anderson, *op. cit.*, p. 283.

9 Montesquieu disse que, para os camponeses, a Polônia era o *infernum rusticorum*: “A Polônia (...) não tem praticamente nenhuma das coisas a que chamamos bens móveis do universo, à parte o trigo nas suas terras. Uns poucos senhores possuem províncias inteiras; eles oprimem os camponeses para obter uma quantidade maior de trigo a ser vendido no exterior, a fim de granjearem a si próprios os objetos requeridos por seu luxo. Se a Polônia não comerciasse com outras nações, o seu povo seria mais feliz.” *In: O espírito das leis*, *apud* Anderson, *op. cit.*, p. 296, nota 29.

10 Stanislaw Augusto II Poniatowski nasceu em 17 de janeiro de 1732 em *Wolczyn* e morreu em 12 de fevereiro de 1798 em S. Petersburgo. Era filho de *Stanislaw Poniatowski* e de *Konstancja Czartoryska*. Foi eleito rei em 1764 graças ao apoio da sua ex-amante Catarina, da Rússia. Para isso, os russos despenderam aproximadamente 2,5 milhões de rublos. Os apoiadores de Poniatowski e os seus oponentes se engajaram inclusive em movimentações militares e, no final, o exército russo estava estacionado a poucos quilômetros do local da eleição.

os direitos das minorias religiosas (protestantes e católicos ortodoxos), ocorrendo a Primeira Partilha em 1772, com a perda de um terço do território e resultando ainda mais fortalecidos os privilégios da nobreza, com a imposição dos “cinco princípios”, declarados eternos e imutáveis: eleição livre dos reis, o *liberum veto*, o direito de se rebelar contra o rei (confederação) e o direito exclusivo da *szlachta* aos cargos públicos e à propriedade da terra.

Entretanto, os ideais reformistas não cessaram e já no ano seguinte (1773), uma nova tentativa teve início, abrangendo o sistema de educação, com a criação de escolas e a formação de professores, o estabelecimento de um Exército nacional permanente e a concessão de alguns direitos aos camponeses, além de outras reformas na área do comércio e da indústria. Seguiu-se um projeto que sistematizava todas essas reformas, o *Código Zamoyiski*, que acabou rejeitado pelo *Sejm* de 1780.

USTAWA RZĄDOWA.

PRAWO UCHWALONE.

Dnia 5 Maia, Roku 1791.



W WARSZAWIE,
u P. DEWORA Kosińskiego: Nadru: J. K. Mici
i Dyrektora Druku: Korp. Kaź.



Artigo VI, penúltimo parágrafo:

Wszystko i wszędzie większością głosów udecydowane być powinno. Przeto *liberum veto*, *konfederacje* wszelkiego gatunku i *sejmy konfederackie*, jako duchowi niniejszej

konstytucji przeciwne, rząd obalające, społeczeństwo niszczące, na zawsze znosimy.

Tudo, em toda parte, será decidido por maioria de votos; portanto, **abolir** para sempre o *liberum veto*, confederações de qualquer tipo, e *sejms* confederados, como sendo contrários ao espírito desta Constituição, subversivo do governo, e destrutivo da sociedade.

Então no *Grande Sejm* de 1788–1792, lideranças¹¹ tentaram mais uma vez aprovar uma reforma geral, esboçada no projeto de Constituição, com o apoio do Rei Poniatowski. Nessa época, a Rússia e a Áustria estavam envolvidas em guerras contra o Império Otomano e a Suécia e com seus próprios problemas internos, impedindo-as de intervir na Polônia. Mas parte da nobreza se opôs, tendo solicitado a intervenção da Rússia, que veio em seu socorro. Posteriormente, a Prússia descumpriu uma aliança que havia sido firmada, o que determinou a derrota militar das forças polonesas e o insucesso da reforma.

Para aprovar o projeto de Constituição, os seus defensores usaram de um estratagema que pode ser classificado como um “golpe de estado”: secretamente, anteciparam a sessão que deveria ocorrer no dia 5 de maio de 1791, e, quando muitos opositores ainda não tinham retornado do recesso de Páscoa, rapidamente aprovaram a lei no dia 3 de maio. No dia seguinte, os deputados contrários protestaram, mas as suas objeções foram ignoradas e em 5 de maio a Constituição foi promulgada como *Ustawa Rządowa* (Decreto do Governo). Embora nas províncias onde o partido dos *Hetmans* exercia influência a aceitação tenha sido tímida, o povo em geral recebeu com júbilo a Constituição.

Reação

A Constituição vigorou por apenas um ano e meio. A nobreza e os países vizinhos temiam a influência que uma lei que incorporava princípios

11 O texto da Constituição foi elaborado principalmente por *Kazimierz Sapieha*, *Ignacy Potocki*, *pe. Hugo Kollątaj* e outros.

da Revolução Francesa (1789)¹² poderia exercer na região,¹³ bem como que uma *Commonwealth* forte pudesse exigir a devolução das terras perdidas na Primeira Partilha. Instigada pela Rússia, a oposição¹⁴ reagiu, formando a “Confederação de *Targowica*”, a que o Rei Poniatowski foi obrigado a aderir, resultando na derrota das forças reformistas perante os exércitos da Rússia, Prússia e Áustria, na revogação da Constituição e ainda na Segunda Partilha do País (1792).

Em 1794, os patriotas se revoltaram novamente, despontando como líder Tadeusz Kościuszko, que, visando a obter a adesão do povo, prometeu a extinção do regime de servidão e acesso à propriedade de terra aos camponeses que lutassem na revolta (*Proclamação de Połaniec*). O levante, porém, não teve forças para se impor e foi derrotado, levando à Terceira Partilha da Polônia em 1795, que perdurou até 1918.

Conteúdo

A Constituição era baseada nas Constituições da Inglaterra¹⁵ e dos Estados Unidos,¹⁶ adaptada às particularidades polonesas. Refletia os ideais

12 A Revolução Francesa consistiu numa série de acontecimentos no período de 5 de maio de 1789 a 9 de novembro de 1799, que mudaram o cenário político e social da França e do mundo ocidental, e visava a por fim aos exageros da Corte, aos gastos excessivos com guerras e aos privilégios do clero e da nobreza. A tomada da *Bastilha* em 14 de julho de 1789 foi o seu evento mais simbólico. A execução do rei Luís XVI e da rainha Maria Antonieta, que, para restabelecer os seus antigos poderes, pediram a intervenção da Áustria, em 21 de janeiro e 16 de outubro de 1793, respectivamente, foram os episódios que mais alarmaram as realzas europeias.

13 Em Portugal e no Brasil, a repressão à *Inconfidência Mineira*, com a condenação dos inconfidentes e a execução de Tiradentes, também é consequência desse fenômeno – medo da Revolução Francesa. O processo (devassa) teve início em maio de 1789, culminando com uma sentença, impondo uma execução cruel, visando a servir de exemplo à população, em abril de 1792.

14 Franciszek Ksawery Branicki, Stanisław Szczęśny Potocki, Seweryn Rzewuski, Szymon e Józef Kossakowski e outros.

15 *A Magna Charta Libertatum (Grande Carta das liberdades, ou concórdia entre o rei João e os barões para a outorga das liberdades da Igreja e do rei Inglês)* é de 1215.

16 A Constituição dos EUA (*We the People*) foi aprovada pela Convenção da Filadélfia entre 25 de maio e 17 de setembro de 1787.

do *Iluminismo*,¹⁷ incluindo as ideias de “contrato social” e de “separação dos poderes do Estado” (Rousseau e Montesquieu). Continha 11 artigos, que dispunham sobre os seguintes temas:

- mantinha a religião Católica Romana como a “religião dominante”, mas garantia a tolerância à liberdade religiosa (art. I);
- confirmava os privilégios da nobreza, reconhecendo que todos os nobres eram iguais e gozavam de segurança pessoal e do direito à propriedade;
- afirmava que “todo o poder na sociedade civil deve ser derivado da vontade do povo”, mas o conceito de povo era aplicável apenas à nobreza e às pessoas das cidades livres, ou seja, não incluía os camponeses (art. V);
- estabelecia a separação dos poderes em Legislativo (bicameral), Executivo (“o Rei e sua Corte”) e os ramos do Judiciário;
- punha os camponeses “sob a proteção das leis nacionais e do governo” (art. V) – o regime de servidão, porém, não foi abolido;¹⁸
- extinguiu a união com a Lituânia, estabelecendo um estado unitário;
- estabelecia uma monarquia hereditária;¹⁹
- abolia o *liberum veto*, o *direito de confederação* e reduzia a influência dos *Sejmiks*, estabelecendo o princípio da aprovação das leis por voto da

17 John Locke combateu o absolutismo, negando a origem divina dos reis e afirmando que o governo nasce de um entendimento entre governantes e governados. (*Ensaio sobre o Entendimento Humano*, 1690).

18 Nem mesmo a Constituição dos Estados Unidos havia emancipado os escravos, pelo contrário, havia referendado a continuação da escravidão (arts. I e IV da Seção 2 e art. I da Seção 9 e mesmo na 5ª Emenda, de 1791, em que os escravos foram entendidos como coisa), que terminou somente com a 13ª Emenda, de 1865. A Constituição polonesa de 1791 também não emancipou os servos da gleba. Esse regime somente foi sendo extinto ao longo do século XIX: com relação às terras polonesas então em mãos das potências vizinhas, ocorreu a extinção do regime de servidão da gleba na Prússia, em 1807 (efetivada ao longo de 15 anos), na Áustria, em 1848 e na Rússia, em 1861.

19 Esta disposição destinava-se a acabar com a destrutiva disputa de potências estrangeiras a cada eleição real. A Constituição dispôs que, após a morte do Rei Poniatowski, o trono da Polônia se tornaria hereditário e passaria para Frederico Augusto I da Saxônia, que, no entanto, recusou a oferta.

Polônia

maioria simples;

- estabelecia um Exército nacional;
- estabelecia que emendas à Constituição poderiam ser feitas a cada vinte e cinco anos.

Algumas leis aprovadas antes ou depois foram consideradas integrantes da Constituição:

- O “Decreto das Cidades Reais Livres”, aprovado em 18 de abril de 1791, pelo qual o direito de *captivabimus-neminem* (equivalente ao *habeas corpus*) foi estendido aos habitantes dessas cidades (os burgueses), que também tiveram reconhecido o direito de adquirir a propriedade da terra e de concorrer a cargos públicos civis e militares (comissões executivas do Tesouro, da Polícia e do Poder Judiciário) e ao Sejm, tendo sido facilitada ainda a sua ascensão à *nobilitação*²⁰ (art. III);
- o Decreto sobre os *Sejmiki* (*Sejms regionais*) aprovado em 24 de março de 1791;
- a Declaração das Propriedades Reunidas, de 5 de maio de 1791, e
- a Declaração Mútua dos Dois Povos, Polônia e Lituânia, de 22 de outubro de 1791, confirmando a sua unidade e indivisibilidade.

Houve ainda a previsão de no futuro serem aprovadas uma “Constituição econômica”, que garantiria a todos o direito à propriedade e à proteção ao trabalho, e uma “Constituição moral”, uma lei análoga à Declaração dos Direitos dos Cidadãos estadunidense e à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão francesa – que não chegaram a ser editadas.

Legado

Tendo vigorado por pouco tempo, e em situação de conflitos e guerra, a

²⁰ Com meio milhão de burgueses agora substancialmente emancipados, o poder político tornou-se melhor distribuído, mas pouco foi feito em favor das classes politicamente menos conscientes e ativas, os camponeses e os judeus.

Polônia

Constituição não teve oportunidade de ser implementada, não sendo possível saber se teria produzido consequências profícuas para a nação.

Ela é considerada a segunda mais antiga constituição nacional codificada moderna do mundo (antecedida apenas pela dos Estados Unidos), reconhecida pelos cientistas políticos como um documento progressista para o seu tempo.

Para os poloneses contemporâneos e do século seguinte, foi um símbolo que ajudou a manter vivas as aspirações de independência e de uma sociedade mais justa.

Objetivamente analisada, foi uma lei elaborada preponderantemente por segmentos da classe nobre, com alguma contribuição da burguesia, sem a participação dos camponeses, que teve o mérito de ter enfrentado dois problemas de grande importância, o *liberum veto* e a eletividade da monarquia.

Atualmente, ela é vista na Polônia como a culminância dos esforços heroicos do seu povo para trilhar os seus próprios caminhos.

O dia 3 de maio é o feriado cívico mais importante na Polónia desde a recuperação da independência em 1918, embora no período de domínio comunista, 1945-1989, tenha sido tentado colocá-lo no esquecimento.

A derrota do liberalismo polonês, com a revogação da Constituição de 1791, foi um retrocesso apenas temporário para a causa da democracia ocidental; durante o século seguinte, todas as monarquias absolutas ruíram, completando-se o processo com a queda da monarquia russa em 1917.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998, 3ª ed., 1ª reimpressão, 548 p.

McEVEDY, Colin. *Atlas da História Moderna*, vol. 3. São Paulo: Ed. Verbo, 1990, 2ª ed., 94 p.

RODYCZ, Wilson Carlos. A szlachta e a Partilha da Polônia. In: *Polonicus* – Revista de reflexão Brasil-Polônia, ano III, nº 2, Curitiba: Ed. Missão Católica Polonesa no Brasil, jul.-dez., p. 57-64, 2012.

RUTKOWSKI, Tadeusz, e outros. *Polônia - Panorama Histórico*. Varsóvia: Ed. Wydawnictwo Interpress, 1983, 169 p.

SCHILING, Voltaire. Polônia: *A luta pela liberdade*. *Cadernos de História*; Memorial do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Gráfica do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, [s.d.], 31 p.

TEMPSKI, Edwino Donato. Quem é o polonês. In: *Boletim especial do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense Comemorativo ao Centenário da Imigração Polonesa para o Paraná*, p. 1/500, Curitiba: 1971.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. Conjuntura Emigratória Polonesa no século XIX. In: *Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa*, vol. I, pág. 9/27, Ed. da Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, Curitiba: 1970.

Links dos textos acessados na internet:

Constitution of May 3, 1791. https://en.wikipedia.org/wiki/Constitution_of_May_3,_1791 acessado em 9.10.2015.

Nr. 5. www.polishconstitution.org/Konstytucja-PL.html, acessado em 12.10.2015.

The Constitution of May 3, 1791.

www3.lrs.lt/pdf/konstitucija_angliska_1.pdf,
acessado em 9.10.2015.

RESUMO – STRESZCZENIE

Konstytucja 3 Maja 1791 r. winna być przedstawiana i nawet przypominana, szczególnie w środowiskach polonijnych.

Autor przybliża polonijnemu i brazylijskiemu czytelnikowi kontekst historyczny i polityczny uchwalenia Konstytucji 3 Maja.

O HINO NACIONAL POLONÊS - Circunstâncias Históricas –

*Iraci José MARIN **

I.

A canção mais antiga, que era entoada como se fosse o Hino Polonês, começava com o verso “Mãe de Deus, Virgem Maria”, e era cantada pelos soldados nos campos de batalha de Grunwald (batalha decisiva das guerras polaco/lituana contra os Cavaleiros Teutônicos, entre 1409 e 1411) e na batalha de Warna (contra os turcos, em 1444, cujo comandante do exército polonês foi Ladislau III, que sucumbiu).

Mas o ‘nascimento’ do Hino Nacional Polonês ocorreu mais tarde e guarda uma história bem interessante.

Quando Napoleão Bonaparte invadiu a região da Lombardia (Itália), entre 1796 e 1797, procurou formar um exército poderoso para conquistar toda a região norte do País, sob o domínio austro-húngaro; a responsabilidade coube ao general polonês Jan Henryk Dąbrowski, que reuniu aproximadamente oito mil combatentes, em Milão, comandando ali uma legião de soldados poloneses, a chamada Legião de Dąbrowski. Várias batalhas foram travadas nos anos em que as legiões polonesas ficaram em terras italianas, lutando ao lado do exército napoleônico para conquistar a região norte deste país, sob dominação austro-húngara.

Jan Henryk Dąbrowski

* O autor é advogado em Caxias do Sul-RS, autor dos livros “Imigrantes poloneses afundados num mar italiano” (pesquisa, 2014) e “À margem do rio” (ficção, 2015).

Polônia

Foi nesta circunstância histórica que surgiu uma canção simples, entoada pelas legiões polonesas e inicialmente conhecida como “a canção das legiões polonesas na Itália”; depois passou a ser chamada de “Mazurek Dąbrowskiego”, em homenagem ao comandante daquelas legiões.

A “Canção das Legiões” foi composta em Reggio Emilia, no ano de 1797; ela foi entoada, pela primeira vez, no mesmo ano e local, e se supõe que teria sido pelo próprio autor. A letra da “Canção das Legiões” foi escrita entre 16 e 19 de julho de 1797, por Józef Wybicki (1747-1822), que era oficial das Legiões Polonesas, ativista político e também poeta. A música do Hino foi adaptada de uma melodia folclórica polonesa – “mazurka Podlaski” -, que animava um tipo de dança folclórica da região de Mazury, na Polônia. Sua letra foi publicada na cidade de Mantova (Itália), no jornal “Década Legionária”, em fevereiro de 1799. Durante algum tempo, a música foi atribuída ao compositor polonês do século XVIII, Michał Kleofas Ogiński (1728-1800).

(Causou-me surpresa verificar, nas procuras de elementos para este trabalho, que a melodia do Hino Nacional da Jugoslávia é muito parecida com a melodia do Hino Nacional da Polônia...)

Józef Wybicki

Retornando ao momento histórico, a “Canção das Legiões” passou a ser cantada cada vez mais intensa e frequentemente pelos soldados poloneses em terras italianas, sendo, inicialmente, apenas uma canção militar. Com o tempo, passou a ser uma canção de cunho nacional, difundindo-se pela Polônia e cantada pelo povo polonês nos momentos solenes, nas festas históricas e nas cerimônias patrióticas, durante o período de ocupação.

Já é de conhecimento geral que a Polônia foi invadida e ocupada por três potências vizinhas – a Rússia, a Prússia e a Áustria - por 123 anos, de 1795 a 1918. Tudo começou em 1723, quando estes países subscreveram o “Tratado das Três Águias Pretas”, cuja finalidade era dominar o País da Águia Branca,

Polônia

a Polônia, cujo território então era de 730 mil km² (constituía a “República das Duas Nações”). Em três momentos – 1772, 1793 e 1795 -, a Polônia foi invadida e, a cada vez, repartida por aqueles países, tirando-lhe a administração e a soberania, com o intuito de quebrar a sua cultura e assim “despolonizar” o País.

Houve um momento em que a Polônia foi ‘libertada’ momentaneamente do jugo dos invasores, em razão da investida do exército napoleônico sobre o território ocupado. Em decorrência, foi criado o Principado de Varsóvia, também denominado Grão-Ducado de Varsóvia (1807-1815). Durante este tempo, a melodia do Hino foi muito executada. Também quando ocorreu o Levante de Novembro de 1830, contra os invasores russos, prussianos e austríacos, a canção foi intensamente cantada. Mas logo proibida.

Embora proibida, não foi esquecida ou enterrada pelo povo. Ela se tornou uma forma de manter o moral de todos, constituindo-se numa espécie de encorajamento do povo contra a dominação estrangeira, de certa forma depositando em mãos do comandante toda a esperança e também a vontade deles de poderem viver juntos e livres na sua Pátria: *“Marche, marche Dąbrowski,/ Das terras italianas para a Polônia,/ Sob a tua liderança/ Nos uniremos com a Nação”*.

Os poloneses cantavam a canção como um desafio aos invasores, cuja expressão de bravura está contida nos seus dois primeiros versos: *“A Polônia não desaparecerá/ enquanto nós vivermos”*.

A partição da Polônia condenou-a à inexistência por 123 anos, obrigando o povo a ser russo, prussiano ou austríaco. (Foi com esta ‘nacionalidade’ que os imigrantes poloneses chegaram ao Brasil, durante o período de dominação estrangeira.) Mas o povo polonês mantinha o sentimento de que não havia desaparecido como nação. Eles continuavam se sentindo poloneses. Este sentimento arraigado na alma do povo transparece, no Hino, através da expressão *“Seremos poloneses”*, a sinalizar que, libertado o País, eles voltariam a ser abertamente o que sempre foram.

Também transparece a determinação de vencer os inimigos, seguindo exemplo do passado: *“Como Czarniecki para Poznań,/ Após a invasão sueca/ Para a salvação da Pátria/ Voltaremos pelo mar”* (referência ao *dilúvio sueco*, 1655), e aponta um exemplo a ser seguido para alcançar a vitória: *“Bonaparte deu-nos o exemplo/ De como devemos vencer”*.

Tornou-se um hino de esperança na libertação do jugo estrangeiro, traduzindo a confiança de viver livre no futuro. A canção foi reconhecida como Hino Popular Polonês em 1831 (embora não como Hino Nacional oficial). Sua letra, na verdade, evoca(va) outros feitos e conclama(va) para a união contra a dominação estrangeira, através da luta armada para a libertação da Pátria: *“O que a prepotência estrangeira nos tirou/com a espada reconquistaremos”*.

A certeza da libertação do jugo estrangeiro está expressa nos versos: *“O pai para a sua Bárbara/ Fala chorando: /”Ouça criança, são os nossos/ Que batem nos tambores”*. As palavras são do pai para a filha, anunciando a vitória, num misto de emoção e alegria.

II.

Ao término da Primeira Guerra Mundial, em 1918, os países invasores da Polônia estavam numa grande crise: a Rússia passou a se preocupar com a sua Revolução, permeada por uma guerra civil sangrenta e generalizada; a Alemanha perdeu a guerra, levando para o desastre também a Prússia; a Áustria também ficou enfraquecida com a guerra. No outro lado, na Polônia, se fortalecia a força militar, sob o comando do revolucionário polonês e estadista marechal Józef Piłsudski (1867 – 1935).

É pertinente apontar que Woodrow Wilson, presidente dos EUA, em seus *“14 pontos para a Paz”*, apresentou solução para a Polônia, no item 13, assim descrita:

“13) Uma Polônia independente, habitada por populações indiscutivelmente polonesas e com acesso para o mar;”

Polônia

Estas questões do pós-guerra, mais a mobilidade social e política no País e ainda a pressão internacional, foram decisivos para a Independência da Polônia, que ocorreu no dia 11 de novembro de 1918 – sendo ratificada pelos países vitoriosos, através do Tratado de Versalhes (Paris, 1919). (O item 13 dos “14 pontos para a Paz” merece estudo em separado.) A Polônia conseguiu então a autonomia, passando a constituir governo próprio, com a reconquista do seu território e da soberania nacional. Instaurou-se a Segunda República.

O dia 11 de novembro é o Dia Nacional Polonês.

A Polônia tornou-se livre, com governo autônomo e território demarcado, depois de 123 anos de dominação estrangeira. Por isto, vale transcrever a afirmação de Rousseau, embora escrita antes deste tempo: *“As potências estrangeiras conseguiram engolir a Polônia, mas não digeri-la”*.

Entre 1919 e 1920, no entanto, a Rússia soviética ainda fez inúmeras incursões bélicas contra a Polónia, com o objetivo de integrá-la ao bloco bolchevista. O exército polonês estava sob o comando domarechal Józef Piłsudski; houve combates fortes e os russos foram enfim derrotados na ‘batalha do Vístula’. (A Rússia conseguiu integrar a Polónia ao bloco soviético após a Segunda Guerra Mundial.)

III.

A “Canção das Legiões” passou a ser muito entoada, durante o tempo todo, e foi considerada uma das mais populares canções patrióticas, ao lado da canção religiosa “Boże, coś Polskę” (“Deus, salve a Polónia”), de Antoni Feliński (1860-1862), de “Chóral”, de Kornel Ujejski, escrita em 1846, e de “Rota”, de Maria Konopnicka, escrita em 1910, entre outras canções que surgiram sob influência de fatos históricos.

A letra da canção sofreu pequenas adaptações ao longo do tempo. De todo modo, a “Canção das Legiões” fez sucesso e agradou devido à simplicidade e fervor de sua melodia e à esperança contida em seu texto, principalmente

porque fazia nascer nos corações dos poloneses uma certeza, que pode ser sintetizada nas palavras de Bagnowska: “Ainda vive a nossa Pátria” (2). Ela foi adotada oficialmente como Hino Nacional Polonês em 1926. Em 11 de março de 1980, um decreto do governo instituiu o Hino como Símbolo da Pátria.

IV. O Hino Nacional polonês

Fonte:

1 - Wikipédia.

2 – BAGNOWSKA, A. *O Mapa, o Brasão, a Bandeira e o Hino Nacional*. Varsóvia: Edições Polônia, 1965.

3 - MARIN, Iraci José. *Imigrantes poloneses afundados num mar italiano*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2014.

RESUMO – STRESZCZENIE

90 rocznica ustanowienia Hymnu Narodowego jest szczególną okazją do przybliżenia naszym Czytelnikom okoliczności powstania Mazurka Dąbrowskiego. Autor tekstu (włoskiego pochodzenia), postarał się również o przetłumaczenie tekstu Hymnu na język portugalski.

SOBRE O MARECHAL JÓZEF PIŁSUDSKI NO BRASIL

*Zdzisław MALCZEWSKI SChr**

Os assuntos poloneses “desde sempre” têm contado no Brasil com muita simpatia, compreensão e apoio. A personalidade, a atividade e o engajamento patriótico do marechal Józef Piłsudski têm gozado de grande reconhecimento em muitas esferas da sociedade brasileira, de maneira especial entre os militares, os políticos e os literatos. Muitas vezes Piłsudski tem sido apresentado como um modelo a ser imitado pelos brasileiros no amor à pátria, na luta pela sua independência ou no desvelo pelo seu bem e seu desenvolvimento.

Na antiga capital brasileira, no Rio de Janeiro, era editado um periódico mensal intitulado *Brasil-Polônia*. O primeiro número foi publicado no dia 15 de agosto de 1921. O seu primeiro redator foi Leôncio Correia, um conhecido poeta e intelectual brasileiro. O principal objetivo dessa publicação era a divulgação geral da Polônia ¹.

Com o tempo a revista tornou-se um órgão da Sociedade Polono-Brasileira Kościuszko (fundada no dia 24 de julho de 1929 no Rio de Janeiro). O primeiro presidente dessa organização foi o ministro brasileiro Rodrigo Octavio, o vice-presidente – o ministro Tadeusz Grabowski, o segundo vice-presidente – o Prof. Aloysio de Castro, o tesoureiro – Eugênio Findling, a secretária – Carmen de Faro Lacerda. Entre os colaboradores do periódico encontramos muitas personalidades da vida brasileira, tais como: José Mattoso Maria Forte, o senador Daniel de Carvalho, o general Ivo Soares, o Prof. Gastão Bahiana, Maria Eugênia Celso, Ubaldo Soares, o Conde Cândido

* Pesquisador independente da comunidade polônica brasileira, autor de livros e artigos. Redator da revista *Polonicus*.

¹ Zdzisław MALCZEWSKI SChr, *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil*, Warszawa, 2008, p. 150-151.

Mendes de Almeida².

A publicação era redigida em língua portuguesa e adotou como seu objetivo principal o desvelo pela aproximação cultural e econômica entre o Brasil e a Polônia, bem como a cooperação para o desenvolvimento intelectual e econômico mútuo entre os dois países. O último número dessa revista foi publicado como um número triplo, cobrindo os meses de novembro e dezembro de 1937 e janeiro de 1938. Não possuímos informações que apontem para a publicação desse periódico após o término das operações da II Guerra Mundial ou da atividade da Sociedade Polono-Brasileira Kościuszko. Provavelmente a eclosão da II Guerra Mundial, e o conseqüente envolvimento dos seus sócios nos trabalhos do Comitê de Ajuda às Vítimas da Guerra na Polônia absorveu-os a tal ponto que eles encerraram a sua atividade dentro dessa Sociedade³.

O acima mencionado periódico *Brasil-Polônia*, nos diversos textos que publicou dedicados aos assuntos da Polônia, dedicou muito espaço à pessoa, à vida e à obra patriótica do marechal Józef Piłsudski.

Por exemplo, no número 17 de 1931, encontramos uma resenha da coleção dos 4 volumes de Józef Piłsudski *Pisma – Mowy – Rozkazy* (Escritos – Discursos – Ordens), Varsóvia, 1930-1931⁴. No número 2 de 1932 encontramos o interessante artigo *Os traços fundamentais da grandeza do marechal Piłsudski*⁵. No número seguinte (3) daquele mesmo ano encontramos um artigo dedicado à figura do marechal Piłsudski e aos seus méritos para com a Polônia⁶. Por sua vez o número 10-11 de 1933 dedica muita atenção ao marechal Piłsudski por ocasião dos 15 anos da independência da Polônia. O texto apresenta também várias fotos de Piłsudski⁷. O número 3 de 1934 publica uma crônica da comemoração do dia onomástico do marechal Piłsudski⁸, bem como o artigo intitulado *Piłsudski – escritor*⁹. Por sua vez, no número 8 de 1934,

2 Zdzisław MALCZEWSKI SChr, *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, Lublin, 1995, p. 70.

3 *Ibidem*, p. 72.

4 *Brasil-Polônia*, 7/1931, p. 96

5 *Ibidem*, 2/1932, p. 20.

6 *Ibidem* 3/1932, p. 25-26.

7 *Ibidem*, 10-11/1933, p. 158-166.

8 *Ibidem*, 3/1934, p. 24-25.

9 *Ibidem*, 3/1934, p. 26-28.

Ubaldo Soares publica o artigo intitulado *A obra do comandante Piłsudski*¹⁰. No número 3-4 de 1935 foi publicado o texto do discurso do Dr. Tadeusz Stanisław Grabowski – ministro plenipotenciário no Brasil e vice-presidente da Sociedade Kościuszko, pronunciado no dia 19 de março de 1935 em língua polonesa e dirigido à colônia polonesa no Brasil por intermédio da Rádio Guanabara. O discurso foi dedicado ao marechal e trazia o título *A obra imortal de Piłsudski*¹¹. Nesse mesmo número do periódico encontramos ainda dois textos escritos por brasileiros e dedicados a Piłsudski. O primeiro é um discurso do Dr. Rodolpho Josetti – presidente da Cultura Artística, médico-cirurgião que tinha participado de uma conferência de combate à tuberculose em Varsóvia. Após a volta da Polônia ele fez uma palestra na Sociedade Kościuszko intitulada *A Polônia de Piłsudski*. Esse pronunciamento foi transmitido pela Rádio Guanabara no dia 19 de março de 1935¹². O texto seguinte é de autoria do Dr. Gustavo Barroso – membro da Academia Brasileira de Letras e diretor do Museu de História, intitulado *O marechal Piłsudski*. Esse pronunciamento também foi transmitido no dia 19 de março pela Rádio Sociedade, no Rio de Janeiro¹³. Foi publicada igualmente uma extensa crônica das comemorações em honra de Józef Piłsudski organizadas no Rio de Janeiro¹⁴. O número 10 de 1935 publica um artigo dedicado ao congresso dos legionários, que se realizou no dia 6 de agosto em Cracóvia, no castelo de Wawel, e durante o qual foi homenageada a memória do falecido marechal¹⁵. Naquele mesmo número foi publicado um artigo a respeito da repercussão mundial da morte do marechal Piłsudski¹⁶. No número 12 de 1935 encontramos um extenso relatório das comemorações da festa da Independência da Polônia no dia 11 de novembro, que se realizaram então na capital do país, no Rio de Janeiro. Naquele dia realizou-se a solenidade da inauguração das ruas Tadeusz Kościuszko e Marechal Piłsudski, com

10 Ibidem, 3/1934, p. 26-28.

11 Ibidem, 3-4/1935, p. 35-36.

12 Ibidem, 3-4/1935, p. 37-38.

13 Ibidem, 3-4/1935, p. 38-39.

14 Ibidem, 3-4/1935, p. 64.

15 Ibidem, 10/1935, p. 149.

16 Ibidem, 10/1935, p. 149.

a participação do governador Dr. Pedro Ernesto, de políticos, influentes brasileiros – amigos da Polônia, representantes diplomáticos liderados pelo chefe da legação polonesa Dr. Tadeusz Grabowski e de uma numerosa coletividade polônica. O coroamento da solenidade foi a coleta de terra do terreno destinado à construção da Casa Polonesa na Rua Marechal Piłsudski, que foi enviada a Cracóvia para ser depositada no Montículo de Piłsudski¹⁷. Por sua vez o número 3-4 de 1936 publica um manifesto do general Edward Rydz-Śmigły dirigido às forças armadas (19 de março de 1936) por ocasião do dia onomástico do marechal Piłsudski, no qual o general prestava uma homenagem ao construtor da Polônia renascida¹⁸. Naquele mesmo número do periódico foi publicado também o discurso do Prof. Ignacy Mościcki – que exercia as funções de presidente da Polônia, dirigido à nação por intermédio do rádio¹⁹. A seguir – no mesmo número da revista – encontramos o texto do Dr. Rodrigo Octavio Filho (advogado, escritor e jornalista) intitulado *Piłsudski – o construtor da Polônia*. Tratava-se do texto de uma comunicação pronunciada pelo autor durante uma sessão solene da Sociedade Polono-Brasileira Kościuszko no Clube Militar no Rio de Janeiro no dia 18 de agosto de 1935²⁰. Digno de registro é ainda o artigo que descreve a coleta de terra da ilha de Madeira e da cadeia de montanhas Pilar, em Portugal, e o seu transporte no navio *Piłsudski* à Polônia. A seguir essa terra foi depositada no Montículo de Piłsudski em Cracóvia²¹. O último texto naquele número trazia o título *Piłsudski comentado por estrangeiros*²². O número 3-4 de 1937 publicou uma reportagem dedicada às comemorações do dia onomástico do marechal Piłsudski, lembrando os seus méritos diante da Polônia, da mesma forma que os do seu fiel discípulo e sucessor marechal Rydz-Śmigły²³. No mesmo número foi publicado o texto de um discurso do presidente Prof. Ignacy Mościcki, dirigido à nação polonesa através do rádio. Na sua mensagem o

17 Ibidem, 12/1935, p. 199-203.

18 Ibidem, 3-4/1936, p. 37.

19 Ibidem, 3-4/1936, p. 38-42.

20 Ibidem, 3-4/1936, p. 43-48.

21 Ibidem, 3-4/1936, p. 49.

22 Ibidem, 3-4/1936, p. 59.

23 Ibidem, 3-4/1937, p. 35-36.

presidente apresentou os méritos do marechal Piłsudski para a reconstrução e o desenvolvimento do Estado Polonês²⁴. O número seguinte da revista, o n. 5-6 de 1937, publicou um texto de Carmen de Faro Lacerda – secretária da Sociedade Polono-Brasileira Kościuszkó, rememorando o segundo aniversário da morte do marechal Piłsudski²⁵. Naquele mesmo número encontramos o texto intitulado *Recordando a pessoa do grande Marechal*. Trata-se de um discurso radiofônico pronunciado pelo Dr. Diógenes Monteiro – membro da administração da Sociedade Kościuszkó, transmitido no dia 12 de maio de 1937 pela Rádio Nacional. O discurso se encerra com o apelo: “... não importa a vossa idade. Procurai conhecer a vida desse grande homem e nela encontrareis o estímulo e o sincero desejo de fazer da pátria o bem supremo para todos”²⁶. Nas páginas do mesmo número foi publicado o texto *Testamento do Marechal*, de autoria de Witold Zechenter e traduzido por Carmen de Faro Lacerda²⁷. O texto seguinte desse mesmo número, intitulado *A Mãe de um grande Polonês*, de autoria de Stanisława Moszczeńska, foi dedicado à mãe do marechal²⁸. Esse periódico publicou também dois relatos das comemorações em honra do marechal Piłsudski, em Wilno e no Rio de Janeiro, no segundo aniversário da sua morte²⁹. No número 11-12 de 1937 encontramos um artigo que apresenta Piłsudski como escritor³⁰.

Em muitos números da revista *Brasil-Polônia* podemos encontrar a crônica das comemorações organizadas em honra de Józef Piłsudski. Em geral essas comemorações eram organizadas a exemplo daquelas promovidas na Polônia por ocasião do dia onomástico do marechal.

O busto do marechal Józef Piłsudski no Rio de Janeiro

Numa das principais artérias do Rio de Janeiro, na Avenida Vieira Souto, localizada no bairro de Ipanema, na parte meridional da cidade, nas

24 Ibidem, 3-4/1937, p. 36-39.

25 Ibidem, 5-6/1937, p. 82.

26 Ibidem, 5-6/1937, p. 83.

27 Ibidem, 5-6/1937, p. 84-85.

28 Ibidem, 5-6/1937, p. 86-88.

29 Ibidem, 5-6/1937, p. 89.

30 Ibidem, 11-12/1937, p. 177-178.

proximidades da famosa praia do oceano Atlântico, encontra-se um busto do marechal Józef Piłsudski.

A escultura da cabeça desse grande soldado polonês e estadista foi trazida da Polônia, em 1938, pelo então legado da Polônia Tadeusz Skowroński, que a deixou no prédio da legação no Rio de Janeiro.

Em 1945, a escultura, juntamente com a biblioteca da legação, foi entregue às autoridades brasileiras. Em período posterior a biblioteca foi enviada ao Instituto Científico Polonês, e o busto permaneceu guardado por vários anos na residência de Krzysztof Skowroński, filho do último legado da II República Polonesa no Rio de Janeiro.

Certo dia, durante uma conversa com o governador do estado da Guanabara e ex-embaixador do Brasil, Francisco Negrão de Lima, Krzysztof Skowroński informou que a coletividade polonesa local desejava oferecer o busto de Józef Piłsudski à cidade do Rio de Janeiro. O governador aceitou de bom grado essa proposta e em breve, isto é, no dia 18 de dezembro de 1967, realizou-se a solene inauguração. No pedestal encontra-se uma inscrição em língua portuguesa: “No centésimo aniversário do nascimento do herói nacional e libertador da Polônia em 1918 marechal Józef Piłsudski 1867-1967 a colônia polonesa oferece à cidade do Rio de Janeiro”.

O busto de Józef Piłsudski foi descerrado por ocasião das comemorações do centésimo aniversário do nascimento desse grande marechal da Polônia. O descerramento solene foi realizado pelo governador da Guanabara, o embaixador Francisco Negrão de Lima, na companhia de autoridades civis brasileiras, dos adidos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, de uma representação do exército brasileiro, do clero, de uma delegação das associações de ex-combatentes do Brasil, da França, da Bélgica, da Inglaterra, bem como de organizações polonesas com os seus estandartes. Do ato de inauguração participaram também os representantes da família do marechal Józef Piłsudski – Anatol e Juliusz Piłsudski, residentes no Rio de Janeiro desde 1927.

Do lado polonês pronunciou um discurso Janusz Pawełkiewicz – presidente do círculo local dos ex-combatentes poloneses e da Sociedade Polonia, e Roman Skowroński – filho do último legado da Polônia no Brasil.

Fez o seu discurso também o governador Francisco Negrão de Lima. No seu pronunciamento, o governador lembrou o discurso que havia pronunciado na Câmara dos Deputados do Brasil após a morte do marechal Józef Piłsudski³¹.

O marechal Józef Piłsudski como patrono de organizações polônicas

Em território brasileiro, temos as seguintes organizações polônicas que se orgulham do patronato do Chefe do Estado Polonês:

- Sociedade Polono-Brasileira Marechal Józef Piłsudski em Curitiba. Essa organização foi fundada em 1905. No prédio dessa organização possui a sua sede o conjunto de folclore polonês “Wisła”³².

- Sociedade Brasileira de Cultura Polonesa Józef Piłsudski em São Paulo. Vale a pena mencionar que no período de entreguerras muitas organizações polônicas no Brasil passaram por uma crise motivada por desentendimentos ocorridos entre os líderes. Isso também aconteceu em São Paulo. Por motivo de desentendimentos, na Sociedade Polonesa ocorreu uma cisão. Em consequência dessa divisão, surgiu uma nova organização, o Círculo da Juventude Marechal Józef Piłsudski. Ainda em 2007 essa organização demonstrava a sua vitalidade. Atualmente não possuímos informações a respeito da atividade concreta dessa organização. A falta de uma imprensa polônica impossibilita a obtenção de informações exatas, concretas a respeito da vitalidade das organizações polonesas e polônicas no Brasil³³.

A constituição polonesa de 1935 como inspiração para a constituição brasileira

Ao rememorarmos a figura do marechal Józef Piłsudski, percebendo a admiração diante dos seus méritos e o respeito de que gozava no ambiente político do Brasil, não podemos deixar de mencionar a constituição polonesa

31 Zdzisław MALCZEWSKI SChr, *Obecność Polaków...*, op. cit., p. 208-209.

32 Zdzisław MALCZEWSKI SChr, *Ślady polskie...*, op. cit., p. 139.

33 *Ibitem*, p. 142; Zdzisław MALCZEWSKI SChr, *Comunidades polônicas*. In: Zdzisław MALCZEWSKI SChr (org.). *Polônia e polono-brasileiros. História e identidades*. Curitiba, 2007, p. 186.

justamente voltada ao marechal, e que serviu de inspiração para a redação da carta magna que transmitiu o poder autoritário ao presidente Getúlio Vargas.

No dia 23 de março de 1935 o parlamento votou a nova constituição. No dia 23 de abril de 1935 o presidente Ignacy Mościcki assinou a carta magna. Józef Piłsudski tinha diante de si menos de um mês de vida (faleceu no dia 12 de maio de 1935). Essa constituição havia sido redigida visando o marechal, mas o poder supremo no país passou a ser exercido por Ignacy Mościcki. A nova constituição entrou em vigor no dia seguinte. Por força da *Constituição de Abril*, foi introduzido na Polônia um sistema presidencialista de caráter autoritário³⁴.

A constituição polonesa de 1935 serviu de modelo aos políticos brasileiros para a redação de uma nova constituição brasileira, a fim de apoiar e fortalecer os poderes do presidente Getúlio Vargas. No dia 10 de novembro de 1937 o presidente Vargas assinou a constituição no mesmo dia em que introduziu a ditadura do chamado Estado Novo. Essa constituição foi chamada “Carta Polaca”. A sua redação se baseou na constituição polonesa, de caráter autoritário, que conferia ao governo um poder quase ilimitado. A constituição brasileira foi redigida pelo jurista Francisco de Campos, nomeado ministro da justiça pelo presidente Vargas³⁵.

Uma expressão muito concreta e um sinal de respeito e admiração da parte do Estado brasileiro diante do marechal Józef Piłsudski foi a homenagem que lhe foi concedida no dia 4 de abril de 1933, com a outorga a ele da Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul, que é a mais importante condecoração oficial da República Federativa do Brasil³⁶.

34 https://pl.wikipedia.org/wiki/Konstytucja_kwietniowa (03.04.2017).

35 www.infoescola.com/direito/Constituicao-de-1937.

36 A Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul foi instituída pelo imperador Dom Pedro I no dia 1 de dezembro de 1821. Com a queda do império e a proclamação da república, essa condecoração foi abolida. O presidente Getúlio Vargas restabeleceu-a no dia 5 de dezembro de 1932. Cf. https://pl.wikipedia.org/Order_Krzyza_Poludnia (03.04.2017).

RESUMO – STRESZCZENIE

150. rocznica urodzin Marszałka Józefa Piłsudskiego jest szczególną okazją, aby spojrzeć, jak środowisko brazylijskie podchodziło do osoby Naczelnika Państwa Polskiego. Autor na podstawie artykułów publikowanych w periodyku „Brasil – Polônia” ukazuje różnorodność tekstów publikowanych w tym czasopiśmie na temat Marszałka Józefa Piłsudskiego.

Autor ukazuje także historię postawienia pomnika Piłsudskiego w Rio de Janeiro oraz wymienia organizacje polonijne uznające Marszałka za swojego patrona.

A IGREJA E O ALBERGUE DE S. ESTANISLAU EM ROMA A SERVIÇO DA COMUNIDADE POLÔNICA LOCAL

Wojciech NECEL, SChr *

1. Uma iniciativa do cardeal Stanisław Hozjusz

Um fator que muito influenciou a decisão do Cardeal Stanisław Hozjusz (1504-1579), Bispo da Warmia, residente em Roma, de fundar um albergue para os peregrinos poloneses com uma igreja própria foi provavelmente o Ano Santo de 1575, no qual vieram à Cidade Santa muitos católicos da Polônia¹. Sendo Grande Penitenciário e vendo a afluência dos seus compatriotas que peregrinavam a Roma no Ano Jubilar, o Cardeal quis organizar para eles a assistência pastoral a exemplo de outras nacionalidades, que possuíam na Cidade Eterna as suas igrejas e as suas pousadas. Apresentou o seu plano ao papa Gregório XIII (1572-1585)². O Papa respondeu positivamente a essa iniciativa e na sua Bula *Ex supernae dispositionis arbitrio*, de 8 de outubro de 1578, expressou o consentimento para a organização de um albergue para a nação polonesa e ao mesmo tempo entregou aos poloneses a pequena igreja do Santíssimo Salvador (San Salvatore dei Pensili), que foi edificada no século IX sobre as bases de um antigo teatro romano do século I. Ainda naquele mesmo ano, no dia 6 de dezembro de 1578, o Cardeal Hozjusz assumiu oficialmente essa igreja, com os prédios e os anexos a ela pertencentes (jardim e forno de cal), que juntamente com a igreja foram retirados da jurisdição do Vicariato de Roma e incorporados diretamente à Sé Apostólica³.

2. A construção do novo santuário e albergue e as necessárias reformas

* Universidade Cardeal Stefan Wyszyński em Varsóvia.

1 H. FOKCIŃSKI, Dzieje Kościoła i Hospicjum Św. Stanisława Biskupa i Męczennika w Rzymie. In: Kościół i Hospicjum Św. Stanisława w Rzymie, Roma, 2000, p. 9-20; P. FELICOLO, Santo Stanislao alle Boteghe Oscure: la Chiesa Nazionale dei Polacchi a Roma. In: Polonia. Nuovo paese di frontiera. Da migrante a comunitari, Roma, 2006, p. 250-252.

2 Cf. R. MONGE, *Duemila anni di Papi*, Farigliano, 2007, p. 454-455.

3 Cf. H. FOKCIŃSKI, op. cit., p. 10-11.

Após a morte do Cardeal Hozjusz (5 de agosto de 1579), esse imóvel foi gerenciado pela administração a que pertencia o Pe. Stanisław Reszka, ex-secretário do Cardeal Hozjusz, e por três outros membros. Em 1580, após a demolição de toda a estrutura, até os fundamentos, os administradores iniciaram a reconstrução da nova igreja e do novo albergue com a grande ajuda e participação do rei da Polônia Stefan Batory (1576-1586)⁴ e de sua esposa, a rainha Anna Jagiełło, irmã do rei polonês Zygmunt August II (1548-1572)⁵, bem como de outros benfeitores. Após onze anos de trabalhos de construção, no dia 13 de outubro de 1591 o Cardeal Jerzy Radziwiłł, bispo de Cracóvia, benzeu solenemente a nova estrutura do albergue e da igreja, que adotou o título do Santíssimo Salvador e do Santo Estanislau Bispo e Mártir, e desde então o bispo de Cracóvia é o chamado protetor e defensor dessa igreja e desse albergue polonês em Roma. Esses centros têm sido sempre apoiados por magnatas poloneses e pelas famílias nobres polonesas, entre as quais se encontravam, por exemplo, as famílias Czartoryski, Działyński, Krasieński, Lanckoroński, Ossoliński, Potocki, Radziwiłł, Zamoyski e muitas outras famílias nobres⁶.

A atual aparência e forma da igreja e do albergue de Santo Estanislau provêm de 1735, após reformas e ampliações anteriormente realizadas, que duraram vinte anos. Além desses trabalhos de construção, a administração do albergue empreendeu por duas vezes a iniciativa de reelaborar os seus primeiros estatutos, provenientes de 1580, que têm sido modificados, renovados e atualizados, primeiramente em 1642, e a seguir em 1757. Sobretudo na última versão dos estatutos foi reorganizada a administração do albergue e da igreja, definindo e assinalando neles, por exemplo, os direitos e as obrigações tanto do reitor como de cada bispo de Cracóvia que seria seu protetor e defensor. Participavam então da administração cinco pessoas: o reitor e quatro dispensadores, dois religiosos e dois leigos. A última etapa dos estatutos atualizados, relacionados com o estado jurídico e legal do albergue e da igreja, foi a sua aprovação e ratificação pela Constituição do Parlamento

4 Cf. L. SOJKA, *Poczet Królów i Książąt Polskich*, Bielsko Biala 2010, p. 7.

5 Cf. *ibidem*, p. 35.

6 Cf. H. FOKCIŃSKI, *op. cit.*, p. 12.

da Polônia de 3 de outubro de 1764 e pelo Decreto do rei Stanisław August Poniatowski (1764-1795)⁷ de 1789. Esses dois documentos em certo sentido deram início à “estatização” da Fundação Hozjusz em Roma, o que por um lado facilitou o seu funcionamento e abriu um amplo caminho para as influências e intervenções do Estado polonês, e por outro lado, forneceu um pretexto ao governo russo para assumir a posse tanto da igreja como do albergue⁸.

3. Testemunha da história

Desde o início da sua existência, a igreja romana de S. Estanislau tem sido o lugar de muitos importantes acontecimentos históricos, bem como o objetivo de visitas, orações e encontros, não apenas para os peregrinos e os habitantes de Roma, mas também para muitos dignitários da Igreja e do mundo da política, para artistas, poetas, pessoas da cultura bem como para cardeais e papas que vinham pessoalmente a esse santuário polonês. Os arquivos da igreja confirmam que, durante cerimônias solenes, em 1621 o papa Gregório XV (1621-1623)⁹ promoveu orações pela Polônia, que na época se encontrava em estado de guerra contra os turcos. Em 1632 foi eleito nela para rei da Polônia Władysław IV Waza (1632-1648)¹⁰. Em 1651 na igreja de S. Estanislau em Roma realizou-se a eleição do rei Jan II Kazimierz (1648-1668)¹¹. Após o feliz encerramento da guerra com a Suécia, o Papa Alexandre VII (1655-1667)¹² visitou por duas vezes a igreja polonesa, e em 1657 e 1661, para agradecer a Deus e celebrar a vitória sobre o protestantismo e sobre o chamado “dilúvio sueco”, durante o qual ocorreu o famoso e conhecido episódio da milagrosa defesa do Santuário de Monte Claro. Igualmente o Papa Clemente X (1670-1676)¹³ visitou essa igreja em 1672, e um ano depois, no dia 13 de novembro

7 Cf. L. SOJKA, op. cit., p. 47.

8 Cf. H. FOKCIŃSKI, op. cit., p. 12-13.

9 Cf. R. MONGE, op. cit., p. 470-471.

10 Cf. L. SOJKA, op. cit., p. 47.

11 Cf. *ibidem*, p. 41.

12 Cf. R. MONGE, op. cit., p. 476-477.

13 Cf. *ibidem*, p. 480-481.

de 1673, 29 cardeais participaram de um solene *Te Deum* para agradecer pela vitória do comandante Jan Sobieski (futuro rei) sobre os turcos em Chocim em 1672. Foi muito apreciada e profundamente vivenciada a presença do Papa Inocêncio XI (1676-1689)¹⁴, tanto antes como após a vitoriosa batalha de Viena de 12 de setembro de 1683, quando o Santo Padre, acompanhado de numerosos fiéis, nesta mesma igreja, antes dessa batalha fervorosamente rezou e elevou ardentes súplicas pelo seu sucesso, e também depois dela agradeceu a Deus pela vitória alcançada. Sobretudo, nesse santuário polonês o Papa agradeceu à Santíssima Trindade pela grande vitória do heroico rei da Polônia Jan III Sobieski, que a seu pedido pessoal, juntamente com o Exército Polonês dirigiu-se à Áustria para ali defender e livrar das armadilhas e das ameaças islâmicas a Igreja Católica e toda a cristandade. Vale a pena lembrar que essa foi a maior derrota do islamismo na história, cujo objetivo estratégico não era Viena, mas Roma juntamente com a Basílica de S. Pedro, na qual o vizir de Kara Mustafá planejava a remoção das cruzeiras e a sua transformação em estribaria para cavalos. Mas aconteceu algo diferente. Logo após a vitória, diretamente da tenda de Kara Mustafá o rei Jan III Sobieski enviou ao Papa Inocêncio XI, além da sua espada e da famosa bandeira verde de Maomé, a mais breve mensagem em toda a história polonesa: *Venimus, vidimus, Deus vicit* – Viemos, vencemos, Deus venceu!¹⁵ Essa carta chegou a Roma quinze dias depois para informar o Santo Padre sobre a fragorosa derrota da grande potência turca. O Papa seguinte que visitou a Igreja Polonesa em Roma foi Clemente XI (1700-1721)¹⁶, que chegou ali na solenidade de S. Estanislau no dia 8 de maio de 1703 para celebrar uma Missa e para rezar pedindo o afastamento das calamidades e das desgraças da Polônia, no contexto da chamada Guerra do Norte¹⁷.

14 Cf. *ibidem*, p. 482-483.

15 Cf. R. HENCZEL-WRÓBLEWSKA, *Dzieje Polaków we Włoszech*, Kalisz-Poznań, 2004, p. 74.

16 Cf. R. MONGE, *op. cit.*, p. 488-489.

17 Cf. P. FELICOLA, *op. cit.*, p. 251-252.

4. O albergue como lugar de descanso para os peregrinos da Polônia

Com frequência tem acontecido que os peregrinos poloneses que se dirigiam a outros santuários italianos (p. ex. a Loreto, ao Santuário de Nossa Senhora, ou a Bari, ao túmulo de S. Nicolau), e mesmo a Compostela na Espanha, ao passarem por Roma recebiam ali cartas de recomendação ou apenas confirmações dessas cartas, que obtinham na Polônia, para continuarem a sua peregrinação. Em razão disso a igreja e o albergue de S. Estanislau em Roma tinham também funções consulares porque, ao promoverem esse tipo de ajuda aos peregrinos, cumpriam ao mesmo tempo o papel de uma embaixada. Além disso, alguns documentos confirmam que o albergue recebia muitos jovens religiosos que estudavam na Cidade Eterna¹⁸.

5. O período das partilhas

As três partilhas da Polônia (1772, 1793, 1795), realizadas pelos três ocupantes (Áustria, Prússia e Rússia), tiveram uma grande influência na situação e na vida da igreja e do albergue de S. Estanislau em Roma, praticamente até a recuperação da independência em 1918. No início desse período, a Fundação Hozjusz se encontrava em perigo, visto que estava ameaçada pelas guerras napoleônicas. Já em 1798 ela foi ocupada pelo exército revolucionário francês. Somente por um breve período de tempo a igreja e o albergue pertenceram aos poloneses, quando as Legiões Polonesas, comandadas pelo general Jan Henryk Dąbrowski (1755-1818), se encontravam em Roma. Mas em 1810, durante a segunda invasão dos destacamentos militares franceses e após a deportação do Papa Pio VII (1800-1823)¹⁹, o governo francês vendeu os prédios do albergue a pessoas particulares. Graças ao sacerdote italiano Giovanni Piva e aos seus grandes empenhos, eles foram comprados de volta alguns anos depois. Infelizmente as esperanças que os poloneses, e especialmente os soldados poloneses, depositavam na República Francesa e em Napoleão de recuperar a liberdade e alcançar a restituição do Reino da Polônia foram frustradas. Pela fidelidade aos franceses e a Napoleão,

18 Cf. H. FOKCIŃSKI, op. cit., p. 14-15.

19 Cf. R. MONGE, op. cit., p. 504-505.

a Polônia teve de pagar no Congresso de Viena (1815), no qual as potências europeias da época realizaram mais uma partilha do país. Embora, por um lado, o Congresso tenha mostrado a aparência de criar o chamado “Reino da Polônia”, por outro lado, sob a influência e o domínio da Rússia, confiou o governo fictício e o poder sobre os poloneses ao czar Alexandre I (1815-1825), que até adotou o título de “rei da Polônia”. Esse Reino era apenas nominal, porque após a insurreição contra os russos em 1830 também essa ficção foi derrubada e abolida, além do que, dentre os três invasores e ocupantes a situação mais difícil e cruel ocorria justamente sob o governo da Rússia. Após a queda do Levante de Novembro [de 1830], o ocupante russo, impelido pela vingança, organizou uma luta impiedosa não somente contra os insurretos, mas também contra a Igreja católica, vendo nela a única ajuda e suporte para os poloneses em suas lutas e batalhas pela independência. Tal contexto geopolítico influenciou também profundamente a situação da Fundação de S. Estanislau em Roma, que em 1815 era administrada pelo czar. Desde 1830, após a queda do Levante de 1830, a Fundação foi inteiramente ocupada pelos russos e tornou-se propriedade da monarquia russa. Desde então até o início do século XX, ela propriamente só esteve aberta aos russos com o nome: *Ospizio Imperiale di San Stanislao per pellegrini della Nazione Russa* – Albergue Imperial de S. Estanislau para peregrinos de nacionalidade russa. No que diz respeito à igreja, ela esteve inteiramente fechada de 1871 até 1920. Como informam algumas fontes, por mais de 90 anos os administradores russos saquearam a igreja e o albergue e venderam objetos preciosos e de grande valor histórico, destruindo e devastando dessa forma o maior monumento do polonismo no exterior, isto é, o mais valioso monumento da tradição, da cultura e da fé polonesa fora da Polônia²⁰.

6. A recuperação da independência

Durante a I Guerra Mundial caíram finalmente os três impérios que ocuparam as terras polonesas por 123 anos. Na nova situação geopolítica,

20 Cf. H. FOKCIŃSKI, op. cit., p. 15-17.

Polônia

após uma longa “escravidão nacional”, a Polônia finalmente recuperou a independência no dia 11 de novembro de 1918. Graças aos empenhos de representantes do Estado polonês havia pouco renascido, e sobretudo graças à iniciativa e aos esforços de Adam Stefan Sapieha, funcionário da Cúria Romana e futuro cardeal arcebispo de Cracóvia, em 1920 a igreja e o albergue de S. Estanislau voltaram à posse e à administração dos poloneses. No dia 3 de maio de 1920, na festa litúrgica da Rainha da Polônia, o arcebispo Edward Ropp, ex-prisioneiro soviético, celebrou uma solene Missa na igreja livre e polonesa de S. Estanislau em Roma. Fervorosas orações e ardentes súplicas foram erguidas a Deus desse santuário em julho e agosto daquele mesmo ano, quando os exércitos soviéticos queriam ocupar e tomar a Polônia, e a seguir toda a Europa, a fim de acender o fogo da revolução bolchevique no Velho Continente e levar o comunismo a todos os países europeus. Graças ao chamado “Milagre do Vístula”, no dia 15 de agosto de 1920 o pequeno exército polonês alcançou a vitória sobre o enorme exército russo, destruindo os destacamentos da praga vermelha bolchevique. Em 1921 rezou na igreja dos poloneses o arcebispo Achille Ratti, o primeiro Núncio Apostólico na Polônia renascida e futuro Papa Pio XI (1922-1939)²¹. Em 1928, após certas controvérsias e acirradas disputas e negociações com as autoridades polonesas, desistiu-se da “estatização” da Fundação Hozjusz de 1789. Ela foi dissolvida, e a igreja juntamente com o albergue, após 139 anos voltou novamente à administração eclesiástica plena da Diocese de Cracóvia e dos seus ordinários. Tanto o primeiro reitor, o Pe. Józef Florczak (1920-1932), como o segundo, o Pe. Stanisław Janasik (1932-1942) realizaram a reforma e restauração da igreja e do albergue, que foram muito destruídos pelos russos, bem como cuidaram da regulamentação jurídica e legal da administração e do governo da Fundação Hozjusz. Durante os trabalhos de restauração foi novamente colocada na fachada da igreja, após um século de ausência, a grande inscrição latina visível até hoje: *TEMPLUM S. SALVATORIS ET STANISLAI E.M. HOSPITI NATION POLONOR. MDLXXX* (Santuário do Santíssimo Salvador e de Estanislau Bispo e Mártir e Albergue da Nação

21 Cf. R. MONGE, op. cit., p. 526-529.

Polonesa.1580)²².

7. Os mais importantes acontecimentos após a II Guerra Mundial

A II Guerra Mundial interrompeu por alguns anos e bela e vicejante página da história da igreja e do albergue de S. Estanislau. No entanto já após o término da guerra, depois da vitoriosa batalha de Monte Cassino (18 de maio de 1944), e também após outras vitórias alcançadas na Itália, o general Władysław Anders (1892-1970), com os soldados do corpo por ele formado, veio à igreja de S. Estanislau em Roma para juntamente com o arcebispo Józef Gawlina agradecer a Deus por todas as batalhas vencidas. A partir dessa celebração de ação de graças inicia-se a última e atual etapa da história da Igreja Polonesa em Roma. O seu primeiro reitor no pós-guerra foi o já mencionado Arcebispo Józef Gawlina (nos anos 1947-1964), a seguir o Bispo Władysław Rubin (164-1979), depois o Bispo Szczepan Wesoły (1979-2006) e atualmente o Pe. Paweł Ptasznik.

O primeiro reitor fundou junto à igreja de S. Estanislau, em 1948, o Núcleo Central da Pastoral Emigratória e a publicação trimestral *Duszpasterz Polski Zagranicą* (O Sacerdote Polônês no Exterior), que até há pouco tempo tem ajudado e coordenado a pastoral de todos os sacerdotes que trabalham em prol e em meio aos emigrados poloneses. Em 1965, junto ao albergue e a igreja de S. Estanislau surgiu igualmente o Núcleo de Estudos para Assuntos de Canonização. O Núcleo Pastoral para os Peregrinos *Sursum Corda*, instituído em 1975, remontou ao ideal primitivo da Fundação Hozjusz do século XVI. Nos anos 1964-1974 os prédios do albergue e a igreja foram cuidadosamente restaurados e renovados, e desde então se tornaram e continuamente se tornam não somente um lugar da vida religiosa para numerosos peregrinos e fiéis de língua polonesa em Roma, mas também um importante centro de vida cultural, ao qual chegam incessantemente diversos dignitários e personalidades tanto do mundo da cultura e da política como dos ambientes eclesiásticos. Muitas

22 Cf. P. FELICOLO, op. cit., p. 252; H. FOKCIŃSKI, op. cit., p. 17-18; A. BIAGINI, *Polonia europea: la luce dopo gli anni di buio*, Roma, 2006, p. 16-18.

vezes têm vindo e continuam a vir da Polônia e de outras partes do mundo bispos e cardeais, entre os quais deve ser mencionado o cardeal primaz Stefan Wyszyński, o ordinário de Cracóvia cardeal Karol Wojtyła como protetor e defensor da Fundação Hozjusz, bem como do cardeal Józef Glemp e de muitos outros. Não se pode esquecer das duas solenes visitas de João Paulo II (1978-2005)²³: da primeira, que se realizou no dia 13 de maio de 1979 por ocasião da morte de mártir de Santo Estanislau Bispo, bem como por ocasião dos 400 anos da morte do Servo de Deus cardeal Stanisław Hozjusz, fundador e idealizador dessa Fundação romana; bem como da segunda, que ocorreu no dia 28 de junho de 1992 por ocasião dos 400 anos da consagração da igreja de Santo Estanislau²⁴.

8. A pastoral polônica na igreja romana de S. Estanislau

A Igreja Polonesa em Roma é também a mais antiga estrutura da pastoral em língua polonesa fora das fronteiras da Polônia. Sob o aspecto legal, essa primeira estrutura pastoral *Urbi et Orbi* começou a existir a partir do momento da publicação da Bula *Ex supernae dispositionis arbitrio* por Gregório XIII em 1578, na qual o Papa entregou aos poloneses a igreja do Santíssimo Salvador e permitiu a instituição de um albergue para a nacionalidade polonesa²⁵. A partir daquele momento, esse primeiro e mais antigo núcleo pastoral para os poloneses na Itália, além das modernizações e transformações materiais, passou também por mudanças legais e jurídicas de acordo com as exigências da legislação que vigorava em determinada época. Por exemplo, nos séculos XVII e XVIII foram alterados, renovados e atualizados os estatutos da Fundação Hozjusz, do que já falamos anteriormente. A última atualização legal, relacionada sobretudo com a pastoral dos poloneses na igreja de S. Estanislau em Roma segundo a legislação migratória vigente na Igreja, foi realizada em 1992.

23 Cf. R. MONGE, op. cit., p. 544-549.

24 Cf. H. FOKCIŃSKI, op. cit., p. 18-20, 45-57.

25 Cf. ibidem, p. 11.

Juridicamente, um acontecimento muito importante para a igreja de S. Estanislau em Roma, na Rua Botteghe Oscure, foi a decisão em forma de Decreto, que foi publicado no dia 1 de março de 1992, de acordo com a Instrução vigente *De Pastoralis Migratorum Cura* (n. 33, § 2), pelo Vigário Geral de Sua Santidade para a diocese de Roma, o cardeal Ruini, pelo qual foi instituída junto a essa igreja a chamada missão pastoral *cum cura animarum* para os migrantes poloneses que chegam à Diocese de Roma. O objetivo dessa missão era facilitar a pastoral não apenas para os poloneses residentes em Roma e na região, mas também para todos os peregrinos, emigrantes e fiéis de língua polonesa que têm chegado e chegam à *Urbe*. Além desse primeiro artigo relacionado com a instituição da missão, no seu segundo artigo o Decreto informa que “esta missão é confiada ao Reitor ‘pro tempore’ da Igreja de S. Estanislau na Rua Botteghe Oscure, ao qual são conferidos o título e a autoridade de capelão dos migrantes de acordo com a citada Instrução n. 37 e 39”. Além disso, o que é digno de ênfase, o Decreto se inicia por uma interessante introdução pastoral-histórica, lembrando a incessante solicitude da Igreja diante de todos os migrantes, inclusive dos poloneses. Primeiramente é citado um belo trecho da Carta Apostólica *Pastoralis Migratorum Cura*, de 15 de agosto de 1969: “A assistência pastoral aos migrantes sempre tem mobilizado a maternal atenção e a solicitude da Igreja; na realidade, no decorrer dos séculos ela nunca tem cessado, buscando ajudar de todas as formas àqueles que, como Cristo expulso ao Egito juntamente com a Família de Nazaré, foram forçados a emigrar da sua pátria a terras distantes”. A seguir se lembra que em Roma os papas têm sempre apoiado com solicitude as instituições que se dedicavam à recepção e à hospedagem, bem como à assistência pastoral aos peregrinos procedentes de todas as nacionalidades. Nesse mesmo espírito, igualmente o papa Gregório XIII decidiu em sua Bula de 15 de outubro de 1578 que a igreja de S. Estanislau na Rua Botteghe Oscure se tornasse um centro de acolhimento dos peregrinos de nacionalidade polonesa. O último pensamento dessa introdução é o registro da situação política presente na Europa de 1992 (supostamente como um efeito dos acontecimentos de 1989), que contribuiu, por exemplo, para a numerosa e contínua afluência de migrantes poloneses a Roma, para os quais ocorreu a necessidade de ser organizada a assistência pastoral. Por isso, partindo da Instrução acima citada, o cardeal Ruini decidiu

expedir o citado Decreto, para sair ao encontro das necessidades pastorais que surgiam para os poloneses, que na época vinham em grande número a Roma.

O documento seguinte, que se relaciona diretamente com o artigo segundo do mencionado Decreto, é a nomeação para Reitor da Igreja de S. Estanislau, ao qual ao mesmo tempo, de acordo com esse artigo 2, é confiada a missão *cum cura animarum* e concedido o título de Capelão dos Migrantes. Esse documento, do dia 18 de junho de 2007, que também é um Decreto, foi expedido para o atual reitor da Igreja de S. Estanislau na Rua Botteghe Oscure, o monsenhor Paweł Ptasznik, de acordo com os cânones 556-563 do Código de Direito Canônico vigente, no lugar do Arcebispo Szczepan Wesoły. Para uma realização mais proveitosa e útil desse ministério, o Cardeal concedeu ao recém-nomeado os apropriados direitos resultantes da função de Reitor, convidando-o ao mesmo tempo ao contato com os competentes Escritórios do Vicariato Romano, especialmente com o Escritório para Assuntos Matrimoniais, e finalmente o confiou ao Senhor, desejando-lhe a bênção e o proveitoso ministério pastoral para o bem espiritual dos fiéis. Igualmente nesse Decreto encontra-se uma introdução muito interessante, na qual se recordam as históricas igrejas romanas como uma valiosa herança de arte e fé, às quais pertence igualmente a Igreja de S. Estanislau, e que refletem sobretudo um valor pastoral que deve ser zelosamente preservado: “As igrejas históricas da cidade de Roma, uma incomparável herança de arte e fé, representam sobretudo um valor pastoral que deve ser cuidadosamente preservado para que permaneça sempre vivo e ativo na vida da comunidade cristã da Diocese de Roma. Por essa razão, com o objetivo de cultivar da melhor forma o culto na igreja de S. Estanislau na Rua Botteghe Oscure e com o objetivo de preservar a sua herança de arte e história, aceitando a apresentação de Sua Ema. O Cardeal Stanisław Dziwisz, tenho o prazer de neste Decreto nomear a Sua pessoa como reitor da acima mencionada igreja [...]”.

O terceiro documento, que se relaciona com a Igreja de S. Estanislau em Roma e com os dois Decretos acima vistos – a respeito da instituição da missão *cum cura animarum* junto à Igreja Polonesa e da nomeação para

reitor dessa igreja, é o Decreto sobre a nomeação para capelão dessa Missão e dos Migrantes Poloneses. Essa nomeação para capelão e nomeação para reitor devem ser publicadas simultaneamente pelo Vigário de Roma, de acordo com o artigo 2 do Decreto de 01.03.1992. No mesmo dia 18 de junho de 2007, além da nomeação para reitor, o Cardeal Camillo Ruini, Vigário Geral de Sua Santidade para a Diocese de Roma, concedeu igualmente ao Pe. Paweł Ptasznik a nomeação para Capelão dos Migrantes Poloneses no lugar de S. Ema. o Monsenhor Szczepan Wesoly. O Cardeal concedeu ao mesmo tempo ao recém-nomeado todos os direitos necessários para a realização do seu ministério, que ele deve promover em plena união e colaboração com as estruturas e os escritórios diocesanos delegados para a coordenação da pastoral dos migrantes. A seguir o Cardeal, da mesma forma que na nomeação anterior, desejou ao capelão um proveitoso ministério entre os migrantes poloneses e a bênção do Senhor para ele.

8. Conclusão

Ao se fazer esta breve revista histórica da Fundação Hozjusz em Roma num período de mais de 400 anos, pode-se perceber que o albergue e a igreja de S. Estanislau estiveram sempre estreitamente relacionados com a história da Polônia, e principalmente com os seus maiores e mais importantes eventos, que imediatamente deixavam neles os seus vestígios. Esse mais antigo e mais precioso monumento e ao mesmo tempo patrimônio histórico do polonismo fora da Polônia reflete não apenas os quatro séculos da fé dos poloneses no centro do cristianismo, mas também os momentos mais importantes da história, da cultura e da tradição da Polônia fora das suas fronteiras.

RESENHA – STRESZCZENIE

Kościół św. Stanisława Biskupa i Męczennika w Rzymie jest od wielu wieków ośrodkiem życia religijnego mieszkających tam Polaków, jak też pielgrzymów przybywających z Polski oraz emigracji.

W okresie powojennym przy tej świątyni działał prężny Centralny Ośrodek Duszpasterstwa Polonijnego.

PRONUNCIAMENTO
DURANTE O SIMPÓSIO POLÔNICO
NO CESLA UV (25.10.2016)

*Stanisław PAWLISZEWSKI**

*Prezado Senhor Professor Mariusz Malinowski, Diretor
do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia,
Prezados Convidados do Brasil,
Prezadas Senhoras e Prezados Senhores,
Caros Amigos,*

Quero pedir desculpas por falar em inglês, visto que o meu conhecimento do português é demasiadamente fraco.

Agradeço aos organizadores pelo convite para participar do I Simpósio Polônico UV-Brasil, organizado pela Universidade de Varsóvia.

No meu pronunciamento gostaria de falar sobre a atividade da Sociedade Polono-Brasileira na área da popularização, em meio a diversos ambientes da sociedade polonesa, de conhecimentos sobre a emigração polonesa ao Brasil, sobre os brasileiros de origem polonesa e sobre a sua contribuição para o desenvolvimento de diversas áreas da vida em seu país.

A Sociedade Polono-Brasileira foi fundada em novembro de 1929 pelo então presidente do Senado da República da Polônia Prof. Julian Szymański. A assembleia geral da fundação realizou-se no Auditório do Senado. Participaram da reunião inaugural professores, representantes das autoridades do país e o representante diplomático do Brasil em Varsóvia. O nome original da Sociedade era: Sociedade Brasileiro-Polonesa Rui Barbosa em Varsóvia.

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia

Em novembro deste ano a Sociedade Polono-Brasileira vai comemorar os 87 anos da sua existência. A Sociedade é uma organização social, sem fins lucrativos. Ela tem desenvolvido a sua atividade sem interrupção, com a exceção do período da Segunda Guerra Mundial. O fundador da Sociedade Polono-Brasileira, Prof. Julian Szymański, passou muitos anos no Brasil como professor de Oftalmologia na Universidade Federal do Paraná e dirigiu uma clínica oftalmológica em Araucária, nos arredores de Curitiba.

O principal objetivo visado pelos fundadores da Sociedade Polono-Brasileira era a manutenção e o fortalecimento dos contatos entre a Polônia e as centenas de milhares de imigrantes poloneses no Brasil.

Em 2020 vamos comemorar o centenário do estabelecimento das relações diplomáticas entre a Polônia e o Brasil. No entanto os contatos entre os poloneses e os brasileiros são bem mais antigos, cerca de 50 anos mais antigos.

O primeiro representante diplomático da República da Polônia, o Legado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário Ksawery Orłowski, apresentou as credenciais ao Presidente dos Estados Unidos do Brasil Epitacio da Silva Pessoa no dia 27 de maio de 1920 no Rio de Janeiro. Por ocasião da apresentação das credenciais afirmou ele:

“Ao acreditar o Legado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário no Brasil, o Governo da República da Polônia desejava comprovar quanto deseje o mais rápido estabelecimento das relações oficiais entre ambos os países – relações que *de facto* existem entre os nossos países há mais de meio século. Porquanto recordemos que há 52 anos, da Polónia riscada do mapa político da Europa, pela primeira vez partiram os seus filhos para no Brasil buscar um céu mais sereno e um destino melhor que aquele que lhes proporcionava o jugo dos invasores. A Polónia não deixou de se interessar pelos seus filhos forçados a emigrar, que com a etiqueta de russos ou alemães trabalharam para o desenvolvimento da riqueza deste maravilhoso país, tendo encontrado aqui o pão e uma segunda pátria. Com a tolerância e o respeito demonstrados a esses emigrados poloneses, este país conquistou os corações deles, mas igualmente os corações de todos os 25 milhões de poloneses pulsam num ritmo comum por esta bela Pátria de Vossa Excelência”.

Calcula-se que atualmente vivem no Brasil cerca de 1,5-2 milhões de brasileiros de origem polonesa.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a reconhecer a Polônia independente em 1918.

As relações entre a Polônia e o Brasil sempre foram boas. Alegramos-nos porque também atualmente são muito boas, tanto no que diz respeito aos contatos políticos em nível superior, como também na esfera da cooperação econômica e das transações comerciais, na área das feições culturais e dos contatos entre os cidadãos de ambos os países.

Gostaria de aqui falar da visita oficial do Presidente da República Federativa do Brasil Fernando Henrique Cardoso à Polônia em fevereiro de 2002, a convite do Presidente da República da Polónia Aleksander Kwaśniewski. A visita do Presidente Cardoso foi a primeira visita oficial de um presidente do Brasil à Polónia na história das relações entre ambos os países.

Durante essa visita, no almoço oficial oferecido pelo Presidente Aleksander Kwaśniewski em honra do Presidente Fernando Henrique Cardoso, o Presidente brasileiro disse a respeito dos brasileiros de origem polonesa: “Há muito tempo admiro o fraternal e sincero espírito dos poloneses. Durante as minhas visitas ao Sul do Brasil, especialmente aos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, fascina-me a nobreza dos poloneses e dos seus descendentes que ali residem. A colônia polonesa conta no Brasil cerca de um milhão e meio de pessoas, o que faz com que o país tenha, quanto à dimensão, o segundo grupo de imigrantes poloneses depois dos Estados Unidos. Eu sempre cito esse número, visto que os brasileiros sentem dele muito orgulho, conscientes da excepcional contribuição trazida por essa nação amiga para a moldagem da sociedade brasileira. Do teatro às belas artes, da agricultura à indústria, sem falar da educação e da ciência, a participação da coletividade polonesa é muito significativa na vida do Brasil. Por isso vim à Polónia com a sensação de que estou voltando a uma importante matriz do mosaico étnico que é o Brasil”.

Dentro das suas possibilidades, a Sociedade Polono-Brasileira divulga com total engajamento esses conhecimentos em meio aos diversos ambientes da sociedade polonesa.

Por ocasião de importantes aniversários na história das relações entre a Polônia e o Brasil, ou na história da imigração polonesa no Brasil, a Sociedade organiza exposições dedicadas a esses aniversários ou promove outras solenidades.

Gostaria de dizer algumas palavras a respeito de algumas dessas exposições.

Por ocasião dos 85 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre ambos os países, em 2005, a Sociedade Polono-Brasileira organizou a exposição “Os poloneses no Brasil”. Essa foi a versão polonesa da exposição “Os poloneses no Brasil” organizada por um grupo de brasileiros de origem polonesa e poloneses residentes no Brasil. O organizador da exposição foi o Prof. Henryk Siewierski, da Universidade de Brasília (UnB), que participa do simpósio de hoje. Ele é um eminente tradutor de obras de prosadores e poetas poloneses para a língua portuguesa e um proeminente homem de letras.

Por ocasião dos 140 anos da imigração polonesa no Brasil, em 2009 a Sociedade Polono-Brasileira apresentou essa exposição em diversas instituições em Varsóvia e em toda a Polônia.

A exposição “Os poloneses no Brasil” está sendo apresentada também hoje na parte do Simpósio que se realiza no Museu da História do Movimento Popular Polonês.

Citarei apenas os títulos de algumas pranchas da exposição: “Cristóvão Arciszewski”, “Destino – Brasil”, “Imigrantes”, “Brasileiros de origem polonesa”, “Na objetiva de João Urban”, “Paulo Leminski”, “Ziembinski”, “Fayga Ostrower”, “Frans Krajcberg”, “André Bukowinski”, “Padres e Missioários”, “Os poloneses na Literatura, Arte e Ciência brasileira”, “Língua e literatura polonesa no Brasil”.

No âmbito das comemorações dos 140 anos da imigração polonesa no Brasil, por iniciativa da Sociedade Polono-Brasileira a Comissão de Assuntos de Emigração e de Contatos com os Poloneses no Exterior do Senado da Polônia organizou uma sessão presidida pelo presidente da Comissão, o

Senador Andrzej Person. Dessa sessão participaram senadores, o Embaixador do Brasil Carlos Alberto Simas Magalhães, um grupo de brasileiros de origem polonesa do estado do Rio Grande do Sul que estava em visita à Polônia, bem como convidados, inclusive membros da Sociedade Polono-Brasileira.

As exposições organizadas para comemorar importantes aniversários nas relações entre ambos os países encerram uma grande parte dedicada à história da imigração polonesa no Brasil, aos brasileiros de origem polonesa e ao seu papel na vida da sua pátria.

Durante a apresentação da exposição “Polônia e Brasil – mais próximos do que parece”, organizada por ocasião dos 90 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre ambos os países, que foi apresentada na Biblioteca da Universidade de Łódź, foi apontado que a eminente artista brasileira Fayga Ostrower nasceu naquela cidade. Foi dito igualmente que muitos tecelões poloneses da região de Łódź emigraram ao estado de Santa Catarina em meados do século XIX e trouxeram a sua contribuição para o desenvolvimento da indústria têxtil naquele estado.

A Sociedade Polono-Brasileira empreende ações em prol da popularização da obra de poetas brasileiros de origem polonesa. Graças à cooperação da Sociedade com o Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia, foi publicada uma coleção de poemas intitulada “Limiares de fronteiras” de Tomasz Łychowski, do Rio de Janeiro. Essa coleção foi publicada em língua polonesa, portuguesa e inglesa.

Atualmente a Sociedade está se empenhando por difundir na Polônia a poesia de Paulo Leminski (1944-1989), um eminente poeta brasileiro de origem polonesa. Por ocasião do aniversário dos 70 anos do seu nascimento em 2004 no Brasil, foi publicada na Polônia uma coleção dos seus poemas intitulada “Powróciło moje serce polskie/meu coração de polaco voltou”. A seleção dos poemas foi feita pelo Prof. Piotr Kilanowski, da Universidade Federal do Paraná em Curitiba, e a tradução foi realizada pelo mesmo Prof. Piotr Kolanowski e pelo Prof. Konrad Szcześniak, da Universidade da Silésia. A coleção é bilíngue e foi publicada pela Editora GNOME de Katowice, em 2014.

Uma exposição com o mesmo título “Meu coração de polaco voltou/ Powróciło moje polskie serce” foi organizada pela Casa de Cultura Polônia-

Polônia

Brasil em Curitiba em 2015. As curadoras da exposição foram: Aurea Leminski e Estrela Ruiz Leminski, filhas do poeta.

Graças aos empenhos da Sociedade Polono-Brasileira e do Museu da História do Movimento Popular Polonês, a versão polonesa dessa exposição “Powróciło moje polskie serce/meu coração de polaco voltou” será apresentada na Polônia. Esperamos que a versão polonesa da exposição já em breve poderá ser vista na Polônia.

Na realização de diversos eventos, a Sociedade Polono-Brasileira colabora estreitamente com a Embaixada do Brasil em Varsóvia, com o Ministério das Relações Exteriores, com o Liceu de Educação Geral Rui Barbosa em Varsóvia, com o Museu de História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia, com o Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia e com diversas outras instituições e museus. A Sociedade mantém contatos com a Embaixada da Polônia em Brasília, com o Consulado Geral da Polônia em Curitiba e com algumas organizações polônicas.

A Sociedade Polono-Brasileira tem em alto apreço a cooperação com o Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr, Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, benemérito pesquisador da história da imigração polonesa no Brasil e em outros países da América Latina, autor de numerosas publicações a respeito dos temas acima e redator do periódico *Polonicus*, dedicado à problemática polono-brasileira e publicado em língua portuguesa em Curitiba.

Aproveito a ocasião para expressar o nosso cordial agradecimento e a nossa gratidão a todas as instituições e pessoas aqui mencionadas e aquelas que não mencionei pelo seu apoio aos eventos realizados pela Sociedade Polono-Brasileira.

Muito obrigado pela atenção.

RESUMO – STRESZCZENIE

Podczas otwarcia I Sympozjum Polonijnego na Uniwersytecie Warszawskim (CESLA), w dniu 25 października 2016 r., wśród przemawiających był Stanisław Pawliszewski, były ambasador Polski w Brazylii i prezes Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego.

Mówca zarysował kontakty polsko-brazylijskie, jak też wspominał o społeczności polonijnej żyjącej w Brazylii.

AS DUAS REVOLUÇÕES RUSSAS DE 1917

Jerzy MAZUREK *

A história da dupla revolução russa de 1917, a de fevereiro e a de outubro, faz parte dos grandes temas históricos. Escreveram a respeito dela os participantes desses acontecimentos, escrevem os historiadores, os sociólogos, os políticos, os articulistas¹. Esse interesse resulta do fato de que as consequências dessa revolução têm sido visíveis praticamente durante todo o século XX. O objetivo da revolução era – o que igualmente desperta o interesse – não apenas a edificação de um novo regime, mas também de uma nova economia, sociedade e cultura. É por isso que hoje, de uma distância de quase cem anos, vale a pena lançar o olhar mais uma vez para esse fenômeno de 1917 a fim de extrair os seus traços e as suas características específicas. E, visto que a gênese do que ocorreu em 1917 remonta a um passado bem mais distante, vale a pena examinar o curso dos acontecimentos que levaram à eclosão desse movimento.

Após assumir o poder em 1894, o tsar Nicolau II – com a ajuda de empréstimos externos – deu início a um programa de acelerada industrialização do país². Nos grandes centros industriais, nas cidades e nas vilas surgiu a nova classe dos operários industriais contratados. Além disso, a Rússia deu início a uma expansão econômica para fora das fronteiras do Império. Em abril de 1896 obteve da China a concessão para construir a Ferrovia da China Oriental, que devia ser ligada com a Ferrovia Transiberiana, cuja construção

* Universidade de Varsóvia.

1 Da rica literatura dedicada às revoluções de 1917 na Rússia, em português foram publicadas, por exemplo, as seguintes obras: Roy MEDVEDEV. *Era inevitável a Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978; Edvard RADZINSKY. *O último czar. A vida e a morte de Nicolau II*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992; Richard PIPES. *História concisa da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008; John REED. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

2 Mais a respeito desse tema, escreve Theodore H. Von LAUE. *Sergei Witte and the Industrialization of Russia*. London-New York: Columbia University Press, 1963.

havia sido iniciada cinco anos antes. Foi também assinado um tratado que, no caso de uma guerra, obrigava ambos os países a um confronto armado contra o Japão. Após obter mais uma concessão, dessa vez para a exploração dos recursos florestais na Coreia, a Rússia introduziu os seus exércitos na Península Coreana, e a seguir na Mandchúria. A expansão russa provocou a inquietação da Grã-Bretanha e, sobretudo, a do Japão. Este, após ter sido rejeitada pela Rússia a proposta de Tóquio que sugeria o estabelecimento de zonas de influência no Extremo Oriente (ao Japão caberia a Coreia e à Rússia – a Mandchúria), rompeu as relações diplomáticas com São Petersburgo e em seguida declarou a guerra. Essa guerra foi travada entre 8 de fevereiro de 1904 e 5 de setembro de 1905 no Extremo Oriente e encerrou-se com o tratado de Portsmouth. A Rússia sofreu uma derrota sem precedentes em sua história, tendo perdido duas das suas três frotas (quase toda a Frota do Báltico e a Frota do Oceano Pacífico). O enfraquecimento da força militar da Rússia após a guerra mudou provisoriamente o equilíbrio das forças na Europa em favor dos Estados Centrais, o que possibilitou à Áustria-Hungria a anexação da Bósnia e da Herzegovina. A Rússia, forçada a desistir da expansão no Oriente, intensificou a sua ação na Europa, no Oriente Médio e na região dos estreitos do Mar Mediterrâneo e Negro. Um efeito da volta à política “continental” foi a melhoria das relações russo-britânicas, em consequência do que em 1907 foi assinado um acordo que encerrou a rivalidade de ambos os países, garantiu finalmente o surgimento da chamada Tríplice Entente e assegurou o respeito das zonas de influência de ambos os países na Pérsia, no Afeganistão e no Tibet.

A humilhante derrota do exército russo na guerra contra o Japão contribuiu muito para a insatisfação social na Rússia. A radicalização dos ânimos favorecia o surgimento de organizações e estruturas ilegais de caráter socialista e revolucionário. As influências políticas eram buscadas principalmente em meio aos operários industriais, cujo número cresceu enormemente. Para o ano de 1913 o número do proletariado é estimado em cerca de 3 milhões de pessoas, o que significa que ele dobrou em relação a 1890, e os seus ânimos tornavam-se cada vez mais radicais. Já em 1898 surgiu o Partido Operário Social-Democrata Russo. A partir de 1903, após

o II congresso do partido, esse agrupamento dividiu-se em duas facções: a dos bolcheviques e a dos mencheviques. Em 1907 o partido contava 84.300 membros, sendo 46.100 bolcheviques e 38.200 mencheviques³.

O objetivo principal dos bolcheviques era a criação de um “estado da ditadura do proletariado”, ao que devia servir a revolução socialista. O líder dos bolcheviques era Vladimir Ilitch Lenin (1879-1924), nascido em Simbirsck, numa família de professores que adotava o sobrenome Ulianov⁴. O pai era de origem russo-calmuca, e a mãe – de judaico-alemã. Em 1889 Lenin travou conhecimento com *O capital* de Karl Marx e chegou à conclusão de que o destino da Rússia era seguir o caminho traçado pelo criador do marxismo. Em 1891, em São Petersburgo, concluiu o curso de direito, para a seguir dedicar-se à atividade política. Pela sua atividade sofreu repressões, e nos anos 1897-1900 permaneceu exilado na Sibéria. Passou os 17 anos seguintes da sua vida como emigrado, com uma interrupção de dois anos no período 1905-1907. Era uma pessoa de pequena estatura (apenas 164 cm), de corpo robusto, precocemente calvo. Nessa figura modesta, porém, encontrava-se uma extraordinária força de vontade, autodisciplina, ascetismo e uma inquebrantável fé na justeza do ideal a que servia⁵.

O Partido Socialista-Revolucionário, surgido em 1901, foi fundado por revolucionários oriundos dos chamados populistas⁶. O programa do agrupamento previa a transformação da Rússia numa república democrática, na qual seria predominante a classe camponesa. O partido exigia igualmente a socialização da terra (isto é, a tomada de uma decisão a respeito da sua utilização pelas comunidades aldeãs) e o confisco dos latifúndios.

3 Richard PIPES. *Rewolucja rosyjska*. Warszawa: PWN, 1994, p. 290.

4 O pseudônimo Lenin surgiu pela primeira vez numa carta de 1901 a Gueorgi (Jorge) Plekhanov, que se assinava com o pseudônimo Volgin. Ulianov criou o seu pseudônimo a partir do nome do rio siberiano Lena, que corre para o norte, numa direção contrária à do Volga, para acentuar a decidida diferença de seus pontos de vista.

5 Da vasta literatura dedicada a Lenin, vale a pena recomendar o livro baseado em antigos documentos secretos, publicado sob a redação de Richard PIPES: *The Unknown Lenin. From the Secret Archive*. Yale University Press, 1999.

6 Populistas, líderes do movimento democrático russo nos anos 1870-1890 que aliavam os ideais antifeudalistas à crítica do progresso burguês, proclamando a necessidade de derrubar o Império e de introduzir uma forma peculiar de socialismo (o chamado socialismo agrário), cujo embrião devia ser a comunidade camponesa. O principal ideólogo desse movimento foi Aleksandr Herzen.

Um importante componente do partido era a Organização de Combate, que adotava o terrorismo, direcionado contra os altos funcionários do Império⁷.

Tinham uma face mais moderada os liberais do Partido Constitucional-Democrático, provenientes da burguesia, cujo partido surgiu no dia 12 de outubro de 1905. Eles se pronunciavam a favor de uma monarquia constitucional, com um parlamento e com liberdade de consciência e de associação.

A derrota na guerra com o Japão aprofundou as dificuldades econômicas, que se manifestaram já no início do século XX. A crise econômica dos anos 1900-1903 provocou a ruína de muitas pequenas empresas e, por consequência, contribuiu para um drástico crescimento do desemprego. Adicionaram-se a isso as calamidades das colheitas fracas nas aldeias, que atingiram muitas regiões do país. Apesar dos esforços empreendidos que visavam à industrialização, a Rússia continuava a ser um país atrasado, e a sua economia baseava-se na agricultura. Quatro quintos da população do país eram constituídos de camponeses, na sua maioria pequenos agricultores autossuficientes. Os mais importantes artigos de exportação eram os produtos agrícolas: cereais, gado, madeira. O crescimento econômico realizava-se, então, principalmente à custa da drástica limitação do consumo interno. A crescente penúria provocava a maciça migração da pobreza aldeã para as cidades. Em meio às amplas massas da sociedade russa, intensificava-se a oposição diante do antiquado e injusto regime da Rússia. Também a burguesia e a parte mais esclarecida da aristocracia pronunciavam-se a favor de certas mudanças que facilitassem o funcionamento do Estado. A agitação dos grupos revolucionários que atuavam na clandestinidade e os urgentes problemas sociais provocaram a eclosão da revolução dos anos 1905-1907. Richard Pipes, o mais eminente conhecedor da Rússia do início do século XX, considera esse acontecimento como o início das mudanças estruturais que

⁷ A respeito da situação social, econômica e política na Rússia no início do século XX escreveram, entre outros: Ludvik BAZILOV. *Polityka wewnątrzna caratu i ruchy społeczne w Rosji na początku XX wieku*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1966; Shmuel GALAI. *The Liberation Movement in Russia, 1900-1905*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002; Roberta Thompson MANNING. *The Crisis of the Old Order in Russia: Gentry and Government*. Princeton: Princeton University Press, 1982.

conduziram à revolução de 1917⁸.

No domingo 9 de janeiro⁹ de 1905, ao meio-dia, entre 100 a 200 mil operários e membros das suas famílias iniciaram uma marcha pacífica em direção ao palácio do tsar. Os manifestantes levavam ícones e retratos do tsar e entoavam cânticos piedosos (entre os quais “Deus, protegi o tsar”). Diante do palácio, fechou-lhes o caminho o exército, que abriu fogo. O número total de vítimas continua sendo desconhecido. Cálculos da época falavam de 4 600 mortos e feridos; hoje se acredita que as vítimas não foram mais de mil (200 mortos e 800 feridos)¹⁰. A notícia sobre o incidente, chamado “domingo sangrento”, provocou a indignação geral em toda a Rússia. Espalhou-se o mito comum em meio às camadas inferiores da sociedade a respeito do bondoso tsar, que amava o povo mas que desconhecia os abusos dos funcionários.

Com a notícia do “domingo sangrento”, greves espalharam-se por toda a Rússia e em breve o número dos seus participantes atingiu quase meio milhão. Os distúrbios transferiram-se rapidamente para as aldeias, onde ocorriam numerosas manifestações dos camponeses, que exigiam uma reforma agrária. Em abril de 1905 os bolcheviques proclamaram uma resolução que conclamava à derrubada do poder absoluto do tsar. O ânimo revolucionário atingiu também o exército e a marinha, que eram os principais esteios do regime imperial. Em junho de 1905 ocorreu uma revolta dos marinheiros no couraçado “Príncipe Potemkin Tauridsky”. Atos revolucionários ocorreram também em outras guarnições. A ebulição revolucionária ocorria igualmente nas nações conquistadas pelo Império Russo: poloneses, finlandeses, ucranianos, lituanos, letos, estonianos, georgianos. Nesses casos, ocupava lugar de destaque a questão nacional.

No início de outubro de 1905 eclodiu na Rússia uma greve geral. Pararam as fábricas, as ferrovias e os correios. Diante dessa situação, Nicolau II concordou com um compromisso parcial. No dia 30 de outubro

8 Richard PIPES, op. cit., p. 3-40.

9 Segundo o calendário gregoriano – 22 de janeiro. No texto apresentamos as datas segundo o calendário juliano (chamado do velho estilo), que vigorou na Rússia até fevereiro de 1918. No século XIX esse calendário era atrasado em relação ao calendário ocidental em 12 dias; no século XX – em 13 dias.

10 Shmuel GALAI, op. cit., p. 239.

publicou o “Manifesto constitucional” (o chamado Manifesto de Outubro), no qual prometia o respeito às liberdades fundamentais dos cidadãos, a instituição de um parlamento e de um governo dirigido por um primeiro-ministro. O manifesto do tsar foi apoiado pelos liberais, mas opuseram-se a ele os bolcheviques, que buscavam a deposição do tsar e a tomada do poder. Com estes ajustou as contas Serguei Witte (1849-1915), que exerceu a função de primeiro-ministro de novembro de 1905 a 16 de abril de 1906. A fim de melhorar a situação econômica, contraiu um empréstimo da França na importância de 2,25 bilhões de francos. Promoveu uma política semelhante o sucessor de Witte – Piotr Stolypin (1862-1911), que levou a termo o acerto de contas com a revolução e também introduziu severas repressões diante da oposição. Por outro lado, realizou importantes reformas. Promoveu a reforma agrária, que aboliu as comunas rurais, em consequência do que criou-se uma camada de abastado campesinato. Reconheceu a liberdade de associação. Reformou também o sistema escolar e o exército. No entanto Stolypin foi mortalmente ferido num atentado no dia 14 de setembro de 1911 em Kiev¹¹.

Naquele período o parlamento russo compunha-se de duas câmaras. A câmara superior era constituída pelo Conselho do Estado, instituído pelo tsar. A primeira Duma, composta de 478 deputados, reuniu-se em abril de 1906. Na câmara dominava o liberal Partido Constitucional-Democrata, que conquistou 179 mandatos (37,4%), mas, graças ao regulamento democrático, havia nela muitos deputados de opiniões socialistas e liberais. Estes exigiam mais reformas, inclusive o direito de nomear ministros. A primeira Duma (assembleia legislativa) perdurou apenas por alguns meses, visto que já em julho de 1906, por ordem do tsar – insatisfeito com a sua composição – ela foi dissolvida. A segunda Duma, composta de 518 deputados, reuniu-se no dia 5 de março de 1907. Nela, a grande maioria foi conquistada pelos radicais, razão por que também foi dissolvida por Nicolau II. As eleições para a terceira Duma realizaram-se de acordo com um regulamento eleitoral modificado, que restringia a participação dos operários, dos camponeses e dos representantes de nacionalidades não russas que entravam na composição do Império,

11 Ludvik BAZILOV. *Ostatnie lata Rosji carskiej. Rzady Stołypina*. Warszawa: PWN, 2008.

possibilitando assim uma representação maior das camadas da sociedade favoráveis ao absolutismo do tsar. Foi somente essa terceira Duma, bem mais conservadora que as anteriores, que perdurou durante todo o seu mandato, de 1907 a 1912. A quarta Duma, nos anos 1912-1917, foi propriamente apenas um clube de discussão e oferecia uma crítica muito restrita do governo do tsar¹².

A confiança na família do tsar foi abalada igualmente em razão do seu forte relacionamento com Grigori Rasputin (1869-1916), um simples camponês da Sibéria que se apresentava como um monge. O imperador, e propriamente a imperatriz – Alexandra Fiodorovna (1872-1918), via nele a única salvação para seu filho e sucessor do trono Alexis, que era hemofílico. De forma inexplicável, Rasputin estancava as hemorragias de que não podiam dar conta os melhores médicos. A doença do príncipe era um dos segredos mais preservados, e por isso a presença de Rasputin na corte despertava a curiosidade, da mesma forma que a inquietação. Apesar de ser um alcoólatra e um devasso, ele conquistou uma ilimitada influência sobre a imperatriz e, através dela, sobre o tsar.

As possibilidades de Rasputin cresceram mais ainda após a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Durante a ausência do tsar em Petrogrado (que passava a maior parte do tempo no quartel-general do comando dos exércitos russos em Mohylev), ele obteve uma influência decisiva não apenas para a provisão dos cargos no governo russo, mas também para a condução das atividades bélicas ou dos assuntos da política internacional. Por isso, os poucos que defendiam o tsar lançavam a culpa pelas desgraças da Rússia justamente em Rasputin e na “louca alemã” – a imperatriz Alexandra Fiodorovna. Ela era acusada de aceitar os conselhos de um homem que os fundamentava com “visões noturnas”. Alguns se perguntavam então: “Em que taberna Rasputin tinha essas visões?”¹³. Foi amadurecendo, assim, a decisão de eliminar o “principal autor do mal”. Assumiram essa tarefa alguns

12 Geoffrey A. HOSKING. *The Russian Constitutional Experiment: Government and Duma*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

13 Janusz PAJEWSKI. *Pierwsza wojna światowa 1914-1918*. Warszawa: PWN, 2004, p. 484.

jovens monarquistas liderados pelo príncipe Félix Yusupov. Na noite de 29 para 30 de dezembro de 1916 atraíram Rasputin para o palácio de Yusupov e ali o assassinaram. Assim pereceu o homem que não apenas contribuiu para a queda da autoridade do casal imperial, mas também – sendo certamente um instrumento da espionagem alemã – causou à sua pátria muitos outros prejuízos.

As primeiras batalhas e as primeiras derrotas do exército russo em agosto de 1914 refletiam a situação do Estado russo. Verificou-se que a Rússia não estava preparada para a guerra. Não dispunha de uma suficiente quantidade de armas nem de munições. A guerra, além disso, desorganizou a economia do país. Os operários iam para a linha de frente, as aldeias se despovoavam e o sistema de transporte, direcionado para satisfazer as necessidades do exército, não tinha condições de abastecer as cidades de cereais. Aumentaram dramaticamente os preços – sobretudo os dos alimentos, e florescia a especulação. No mercado instalou-se o caos, cujos efeitos eram mais sentidos pelas camadas mais baixas da população. A difícil situação e a insatisfação geral manifestavam-se em cíclicas greves de motivação econômica e política. O Estado necessitava de reformas e de um governo de confiança nacional. No entanto Nicolau II queria apenas uma coisa: preservar o país na mesma forma em que o havia encontrado ao ingressar no trono após a morte do pai. A situação foi agravada pela cegueira política do tsar, pela falta de moderação e de transigência, bem como pela inaptidão para fazer a escolha correta de pessoas para os cargos fundamentais.

Em 1915, após novos insucessos militares da Rússia, o comando do exército foi assumido pelo próprio Nicolau II. Tendo-se deslocado para a linha de frente, ele perdeu o contato direto com a situação política na capital. A oposição acusava-o pelas derrotas e falava-se cada vez mais da necessidade de afastar o tsar do poder. No exército reinava a fome, os soldados estavam desmotivados sob a influência das derrotas e indispostos com os comandantes. Em consequência do despovoamento das aldeias (foram convocados ao exército cerca de 40% dos homens adultos), a agricultura russa não tinha condições de produzir alimentos. Apesar das pressões sobre os círculos governamentais por parte das elites russas e da burguesia, o tsar

não concordou com quaisquer reformas no país. Não convocava a Duma, e expedia decretos com força de leis.

Em tais condições, intensificava-se a onda revolucionária. Os bolcheviques, que buscavam a derrubada do império e a introdução de um governo da ditadura do proletariado e, a seguir, de um Estado socialista, começaram a conquistar cada vez mais adeptos, especialmente em meio aos operários, mas também entre os soldados. Abertamente convocava a isso Vladimir Lenin, que naquele tempo se encontrava na Suíça. Condenando a guerra e o programa dos partidos social-democratas, proclamava ao mesmo tempo lemas para a transformação da guerra numa revolução social. Em 1916 publicou o trabalho intitulado *Imperialismo, estágio supremo do capitalismo*, no qual apresentou a teoria do “elo frágil”. Ele apostava na vitória da revolução proletária num país com as relações capitalistas mais fragilmente desenvolvidas. Os lemas da propaganda bolchevista, populares na sociedade – término da guerra, terra para os camponeses, poder nas mãos dos operários e outros – granjeavam um apoio cada vez maior.

Em janeiro de 1917 a insatisfação provocada pelos insucessos nas linhas de frente, pela carestia e pela fome tornou-se universal. A onda de greves espalhava-se por todo o país. No dia 18 de fevereiro iniciou-se uma greve na empresa Putilov, em Petrogrado. Em resposta, o comando da guarnição militar tomou a decisão de fechar a fábrica, o que provocou a grande indignação dos operários. No dia 24 de fevereiro, em diversos bairros de Petrogrado, demonstraram a sua insatisfação cerca de 200 mil pessoas. Ocorreram embates com a polícia, à qual o exército não estava disposto a ajudar. Alguns subgrupos militares passaram para o lado dos operários. Intensificavam-se as exigências econômicas, e também políticas (que conclamavam à renúncia do tsar). No dia 27 de fevereiro as demonstrações operárias foram fortalecidas por uma revolta dos soldados. Os revoltosos conseguiram ocupar o principal armazém de munições na cidade. Começaram a ser dominados postos de polícia, desarmados policiais, controlados prédios de instituições estatais, detidos ministros, libertos prisioneiros políticos. Ocorreu uma maciça pilhagem de lojas, restaurantes e casas.

O tsar Nicolau, que permanecia em Mohylev, não se dava conta da

gravidade da situação. Em seu diário, na data de 27 de fevereiro ele escreveu: “Em Petrogrado, há alguns dias começaram desordens. Para o meu pesar, começou a participar deles também o exército. É um sentimento repugnante quando a gente se encontra tão longe e recebe fragmentárias e más notícias. Por breve tempo recebi o relatório. Durante o dia fiz um passeio pela estrada até Orscha. O tempo estava ensolarado. Após o almoço decidi viajar à Aldeia Imperial quanto antes, e à uma da noite embarquei no trem”¹⁴. Enquanto isso, a formação de uma “expedição punitiva”, composta de exércitos fiéis ao tsar, ia demorando. O general Nicolau Ivanov, destinado para introduzir a ordem e sufocar a revolução, tinha à sua disposição apenas cerca de 50 mil soldados, que sucessivamente se revoltavam e passavam para o lado da revolução¹⁵.

Nessas circunstâncias, tentou salvar a situação uma parte das elites reinantes, juntamente com a burguesia russa. A Duma, por elas dominada, apresentou exigências para a realização de reformas no espírito da monarquia constitucional, que restringia o absolutismo do tsar. Em resposta, no dia 26 de fevereiro de 1917 o tsar Nicolau II expediu um decreto que dissolvia a Duma do Estado. Os deputados, até então obedientes, nesse caso não se subordinaram. A duma não apenas continuou a sua atividade, mas um dia depois (27 de fevereiro) constituiu um Comitê Executivo, que se transformou num Governo Provisório independente do tsar, presidido por um cadete, o príncipe Gueorgi Lvov (1861-1925). A base política do Governo Provisório era constituída por representantes dos meios liberais e burgueses, com membros de facções conciliatórias do partido social-democrata – dos mencheviques e dos socialistas revolucionários. No dia 6 de março o Governo Provisório anunciou o seu programa: anistia, eleições democráticas para a Assembleia Legislativa (que devia definir o futuro regime da Rússia), liberdade de imprensa e livre atuação das associações e dos partidos políticos. Foi anunciada a continuidade da guerra “até a vitória final”.

O tsar da Rússia Nicolau II, colocado diante dos fatos concretos, deu-se conta de que a preservação do poder era impossível. Na noite do dia 1

14 Mikolaj II. *Dziennik cara Mikolaja II*, trad. e coment. L. Kozłowski. Warszawa: Iskry, 1998, p. 347.

15 Ludvik BAZILOV. *Obalenie caratu*. Warszawa: PWN, 1977, p. 386-388.

de março deu uma ordem ao general Ivanov para que ele não empreendesse nenhuma ação militar. No dia 2 de março Nicolau II, viajando de Mohylev a Petrogrado, deteve-se na estação de Pskov. Por exigência de políticos e monarquistas moderados, decidiu abdicar¹⁶. Em seu diário, anotou: “De manhã veio o Ruzsky¹⁷ e leu a sua longa conversa por intermédio do aparelho [isto é, do teletipo] com Rodzianka¹⁸. Segundo as suas palavras, a situação em Petrogrado é tal que agora o ministério instituído pela Duma aparentemente não é capaz de fazer qualquer coisa, visto que luta com ele o partido social-democrata em forma de comitê operário. É indispensável a minha abdição... Concordei. Do quartel-general enviaram o projeto do manifesto”¹⁹.

Nicolau II abdicou em favor de seu irmão Miguel. Em razão da grave situação no país, o arquiduque não aceitou a coroa e renunciou a ela no dia seguinte, transmitindo todo o poder ao Comitê Provisório da Duma. O general Nicolau Ivanov foi detido. Após 304 anos de reinado, a dinastia dos Romanov passou à história. O antigo regime rapidamente cedeu lugar ao novo. Isso se realizou com uma relativa tranquilidade e sem um grande número de vítimas. Calcula-se que se tornaram vítimas da revolução de fevereiro não mais que 1 450 pessoas, entre as quais 996 mortas e cerca de 450 feridas²⁰. Alguns dias depois, no dia 8 de março, o tsar Nicolau e sua família foram detidos e colocados em prisão domiciliar no palácio da Aldeia Imperial. As causas da detenção eram o ódio encarniçado da sociedade russa contra o tsar e a sua família e o grande patrimônio da família imperial, que foi cuidadosamente inventariado. O novo governo democrático não concordou com a partida do tsar da Rússia, que queria emigrar com a família para a Inglaterra. No verão de 1918 a família imperial foi aprisionada em Iekaterinburg. No dia 18 de

16 Ibidem, p. 426-435.

17 Nikolai Ruzsky (1854-1918) – general russo que passou as últimas horas com Nicolau II antes da sua abdição. Empenhou-se por livrar-se das acusações de que exercia influência sobre o tsar para que este renunciasse ao trono.

18 Mikhail Rodzianka (1859-1924) – político russo, presidiu a Duma nos anos 1911-1917, principal negociador da abdição do tsar Nicolau II.

19 Mikołaj II, op. cit., p. 348.

20 Ludvik BAZILOV. *Obalenie caratu...*, op. cit, p. 439. Richard Pipes informa que as vítimas mortais foram apenas 149 (*Rewolucja rosyjska...*, op. cit., p. 241), o que – ao que parece – é um número decididamente rebaixado, referindo-se às vítimas apenas do lado das forças governamentais.

julho de 1918 o tsar e sua família foram executados pelos bolcheviques.

No período da revolução de fevereiro, quase que simultaneamente com o surgimento do Governo Provisório, constituiu-se na Rússia um segundo centro do poder: os conselhos e os comitês operários nas cidades, e os comitês militares na linha de frente. O primeiro Conselho dos Delegados Operários e Militares surgiu no dia 27 de fevereiro (12 de março)²¹ de 1917 em Petrogrado. Conselhos semelhantes surgiram em breve em outras cidades e também nas aldeias. Naquele tempo dispunham da maioria nesses conselhos as forças moderadas, principalmente os social-revolucionários, recrutados dentre os mencheviques e os socialistas-revolucionários, que após a revolução de fevereiro saíram da clandestinidade e começaram a desempenhar um importante papel político. O socialista-revolucionário Alexandre Kerenski tornou-se ministro da justiça, depois ministro da guerra e – a partir de 18 de julho de 1917 – premiê do Governo Provisório. A política da continuidade da participação na Primeira Guerra Mundial, promovida pelo governo, provocou a impopularidade do partido entre os operários e os soldados. Apesar de ser ainda apoiado pelas massas camponesas, no partido ocorreu uma cisão: a facção dos socialistas-revolucionários esquerdistas (definidos como “maximalistas”), dirigida por Maria Spiridonova e Boris Kamkov, passou para a oposição.

Eles fortaleceram a principal força de oposição diante do Governo Provisório, que eram os bolcheviques, os quais conclamavam à luta contra o Governo Provisório e os seus partidários entre os Conselhos dos Delegados Operários e Militares (dominados pelos mencheviques e socialistas-revolucionários). No entanto, antes que ocorresse uma colisão entre essas duas facções, a Rússia testemunhou a volta ao país de diversos líderes partidários, que voltavam do exílio, do exército, do exterior. Obteve a maior repercussão a vinda à Rússia do chefe dos bolcheviques, Vladimir Lênin, que veio em abril de 1917 num trem especial que o trouxe da Suíça. A Alemanha, interessada pelo caos na Rússia, expressou o consentimento para a passagem de Lenin e dos seus companheiros pela Alemanha; além disso, o trem contou com o

21 Cf. nota 9.

privilégio da extraterritorialidade, isto é, os passageiros não estavam sujeitos ao controle dos passaportes nem das bagagens. Na tarde do dia 3 de abril Lenin já se encontrava em Petrogrado, onde foi saudado por multidões de operários e soldados. No dia seguinte, 4 de abril, numa sessão do Conselho de Petrogrado, ele apresentou os dez pontos do programa do partido dos bolcheviques, que foi a seguir publicado no artigo “Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução”²². Na história, esses pontos receberam a denominação de Teses de abril.

Em seu pronunciamento, Lenin conclamava a que a revolução burguesa e democrática fosse transformada em socialista. O Governo Provisório devia ser destituído, e o poder devia ser assumido pelos operários e camponeses. Na avaliação de Lenin, na Rússia havia ocorrido uma situação não prevista pelo clássico pensamento marxista: a ditadura da burguesia (representada pelo Governo Provisório) coexistia com a ditadura do proletariado e do campesinato (representada pelo Conselho dos Delegados Operários e Militares de Petrogrado e pelos conselhos de outras cidades que apoiavam), surgida graças ao enorme engajamento da sociedade no processo das mudanças. Isso significava, na sua opinião, que o modelo apresentado por Marx da revolução burguesa, após a qual ocorre a época do governo da burguesia, pode ser transformado em revolução socialista.

Os objetivos imediatos mais importantes da atividade dos bolchevistas – na opinião de Lenin – eram a criação de comitês operários nas fábricas e a tomada do seu controle, a ocupação das propriedades da nobreza pelos camponeses, a imediata retirada da Rússia da guerra e a transmissão de todo o poder aos conselhos operários e militares. Após a proclamação das Teses de abril, na propaganda dos bolcheviques surgiram os lemas “Todo o poder nas mãos dos conselhos”, “Guerra aos palácios, paz às choupanas”, etc. As teses de Lênin despertavam emoções até entre os próprios bolcheviques. Para muitos deles esse programa parecia utópico. No entanto, em razão da intensa atividade dos próprios bolcheviques, sobretudo de Lenin, e da atração das próprias teses, o programa irreal aos poucos se tornava real e possível de ser

22 David R. MARPLES. *Motherland: Russia in the Twentieth Century*. London: Pearson Education Limited, 2002, p. 45-46.

concretizado. O comunista húngaro László Gyurkó, no livro *Lenin – Outubro*, escreveu: “Quando voltou no início de abril, foi recebido com incompreensão. No final de abril [...] a maioria já estava ao seu lado [...]. Não foi Lenin que venceu o próprio partido, mas no partido saíram vencedores os sentimentos que na época inquietavam as massas populares – por ele expressos”²³.

Sob a influência da propaganda bolchevista, que conclamava à desapropriação da nobreza, nas aldeias ocorreram violentas manifestações dos camponeses, que ocupavam os latifúndios. No dia 30 de abril os bolcheviques criaram os destacamentos paramilitares da Guarda Vermelha. No dia 5 de maio, ao Governo Provisório juntaram-se os mencheviques. Com isso os caminhos de ambas as facções do Partido Operário Social-Democrata Russo finalmente se afastaram, e as facções se transformaram em partidos. Intensificou-se a atividade grevista. De 3 a 7 de julho, em Petrogrado ocorreram agitadas demonstrações de operários, soldados e marinheiros contra o Governo Provisório (os chamados dias de julho). O governo tornou ilegal o partido dos bolcheviques como agentes alemães, e Lenin ocultou-se no Grão-Ducado autônomo da Finlândia (que continuava ligado ao Império Russo por uma união pessoal). No dia 5 de julho foi demolida e redação e a tipografia do *Pravda*. Nessas condições crescia a popularidade dos bolcheviques e diminuía a do Governo Provisório, que lutava com grandes dificuldades econômicas e militares. O gabinete foi forçado a introduzir o monopólio para o comércio de cereais e a distribuição de cartões para a compra do pão. A situação tornou-se mais complicada ainda com a ofensiva dos exércitos alemães, que no dia 22 de agosto levou à ocupação de Riga.

Os bolcheviques também ganharam popularidade com o Comando-Chefe do Exército Russo. No dia 25 de agosto o comandante-chefe dos exércitos russos, general Lavr G. Kornilov (1870-1918), anunciou uma proclamação na qual afirmava que o Governo Provisório estava propositalmente agindo a desfavor da Rússia, promovendo uma política vantajosa para a Alemanha, sob a pressão do Conselho dos Delegados Operários e Militares de Petrogrado. Em resposta, o premiê Kerenski proclamou Kornilov como um revoltoso

23 László GYURKÓ. *Lenin – październik*, trad. T. Olszański. Warszawa: PIW, 1970, p. 165-167.

e proclamou os operários e os marinheiros à defesa do governo. No dia 30 de agosto ele mesmo assumiu as funções de comandante em chefe e dois dias depois, no dia 1 de setembro, o governo proclamou na Rússia o regime republicano. Politicamente, quem tirou maior proveito dos mencionados acontecimentos foram os bolcheviques, que a partir do final de agosto de 1917 iam aos poucos retirando o apoio aos socialistas-revolucionários e aos mencheviques. Na noite de 1 para 2 de setembro os bolcheviques conquistaram a maioria no Conselho de Petrogrado, e no dia 5 de setembro obtiveram a maioria no Conselho de Moscou. Da sua residência na Finlândia, Lenin enviou dois manifestos ao Comitê Central do Partido dos Operários da Rússia (dos bolcheviques): “Os bolchevistas devem ocupar o poder” e “Marxismo e revolução”. Ressoava neles claramente o apelo à revolução. Esses manifestos continham igualmente orientações que deviam ser cumpridas para que a vitória fosse alcançada.

No dia 10 de outubro realizou-se em Petrogrado uma sessão do Comitê Central do Partido dos Operários da Rússia, com a participação de Lenin, que alguns dias antes havia vindo da Finlândia. O tema principal dos debates foi a questão da tomada do poder. Após uma tempestuosa discussão, com 10 votos contra 2 (Kamieniev e Zinoviev), foi adotada a decisão de uma ação armada. No dia 12 de outubro o Conselho de Petrogrado instituiu o Comitê Militar-Revolucionário, oficialmente para defender a capital contra os alemães – mas na realidade como um estado-maior para preparar a revolução. Esse comitê tinha uma grande influência na guarnição de Petrogrado e na frota do Báltico. A ele também estava subordinada a operária Guarda Vermelha. No dia 16 de outubro, numa sessão ampliada do Comitê Central, foram sancionadas as decisões de 10 de outubro. Os bolcheviques aguardavam o momento apropriado para o ataque. Eles estavam muito bem organizados, disciplinados, conscientes dos objetivos e dos métodos de ação e sabiam utilizar-se adequadamente das iniciativas fatais de Kerenski, como a malograda contraofensiva na linha de frente.

No domingo 22 de outubro, em Petrogrado, em muitas fábricas e nos quartéis foram organizados comícios e demonstrações. Discursaram os melhores oradores dos bolcheviques: Lunatcharski, Trotski, Kollontay. Com

flamejantes e longos discursos eles viajavam de comício em comício. Os antigos lemas “O poder aos conselhos”, “Fora com a guerra” assumiam um novo conteúdo. Nesse mesmo tempo o Governo Provisório reuniu na capital as unidades militares que lhe continuavam fiéis. Fortaleceu a defesa dos mais importantes prédios e instituições. Para todos se tornou claro que estava se aproximando o tempo da solução final.

A eclosão ocorreu na noite de 23 para 24 de outubro. Por ordem do governo, os destacamentos a ele fiéis atacaram a tipografia dos jornais bolchevistas *Caminho Operário* e *Soldado*. Foram expedidas ordens de prisão contra os membros do Comitê Militar-Revolucionário e estava sendo preparado um ataque contra o Palácio Smolianoy, no qual se localizava o Conselho de Petrogrado dos Delegados Operários e Militares e o Comitê Central do Partido dos Operários da Rússia. A maior parte dessas iniciativas não pôde ser executada. As tipografias foram recuperadas e anteriormente havia sido reforçada a guarda do Smolianoy. Lenta mas ininterruptamente, a cidade ia passando às mãos dos revoltosos. Destacamentos da Guarda Vermelha ocuparam quase todas as pontes. À noite os soldados do Regimento de Infantaria de Keksholm ocuparam a Central Telegráfica Principal, um destacamento de marinheiros – a Agência Telegráfica de Petrogrado, e os soldados do Regimento de Infantaria de Izmailov – a Estação do Báltico. O Comitê Militar-Revolucionário expediu a ordem para a entrada dos navios da Frota do Báltico nas águas do Neva.

A situação exigia ações imediatas. No entanto o Comitê Militar-Revolucionário ia retardando o ataque final contra os principais centros do poder: o estado-maior da Região Militar de Petrogrado, o Palácio de Inverno e outros. Alguns líderes, temendo o risco e a responsabilidade, insistiam na tática da espera pela reunião dos conselhos e pela tomada legal do poder. Partidários de tal solução eram Trotski, Kamieniev, Zinoviev e Stalin. Lenin, por sua vez, era coerente: agora ou nunca. Na noite do dia 24 de outubro ele encaminhou aos membros do Comitê Central uma carta histórica, na qual escrevia: “É preciso a todo o custo hoje à noite, nesta noite deter o governo, desarmando (subjugando, caso opuserem resistência) os oficiais, etc. Não se pode esperar!!! Pode-se perder tudo [...]. O governo vacila. É preciso acabar de

matá-lo a todo o custo! Adiar a ação equivale à morte.”²⁴

Isso serviu de novo impulso para a ação e para a ocupação de outros importantes prédios econômicos e estratégicos da cidade. Nas primeiras horas da manhã do dia 25 de outubro Lenin já sabia que tinha vencido. Ele anunciou isso no manifesto “Aos cidadãos da Rússia”, no qual escrevia: “O Governo Provisório foi derrubado. [...] A questão pela qual tem lutado o povo: a proposta imediata de uma paz democrática, a abolição dos latifúndios, o controle operário sobre a produção, a formação de um Governo Soviético – essa questão está garantida.”²⁵

A situação já estava resolvida: às 21h40, após um sinal da Fortaleza de Pedro e Paulo, do cruzador “Aurora” o canhão deu um tiro de festim. Era a convocação para o assalto, que durou quatro horas e terminou com a conquista do Palácio de Inverno e a detenção do Governo Provisório. Somente Kerenski conseguiu fugir para Pskov. Na mesma noite em que era atacado o palácio, no Smolianoj foi aberto a II Assembleia Russa do Conselho dos Delegados Operários e Militares. Durante os debates foi elaborado o “Decreto sobre a paz” e o “Decreto sobre a terra”. Foi proclamada também a “Declaração dos direitos das nações da Rússia” e a “Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado”. Dois dias depois foi instituído o governo provisório operário-camponês – o Conselho dos Comissários Populares, com a seguinte composição: Vladimir Ulianov (Lenin) – presidente; A. I. Rikov – assuntos interiores; V. P. Milutin – agricultura; A. G. Schlapnikov – trabalho; V. P. Nogin – comércio e indústria; A. V. Lunatcharski – educação; I. I. Skvortsov – finanças; L. D. Bronstein (Trotski) – assuntos exteriores; G. T. Oppokov (Lomov) – justiça; I. A. Teodorovitch – abastecimento; N. P. Avilov (Glebov) – correios e telégrafos; I. V. Djugaschvili (Stalin) – assuntos de nacionalidade²⁶. O governo compunha-se exclusivamente de bolcheviques, visto que os esquerdistas socialistas-revolucionários negaram-se a participar dele, exigindo a formação de um gabinete socialista, composto tanto de bolcheviques como de mencheviques e de ambas as facções do partido

24 Włodzimierz I. LENIN. *Dziela wszystkie*, t. 34. Warszawa: Książka i Wiedza, 1987, p. 412-413.

25 *Ibidem*, t. 35. Warszawa, 1988, p. 3.

26 Richard PIPES, *op. cit.*, p. 395.

socialista-revolucionário.

A tomada do poder pelos bolcheviques realizou-se em Petrogrado quase sem derramamento de sangue, apesar de muitos milhares de pessoas se terem utilizado de armas. Em outras regiões do país aconteceu a mesma coisa, embora em Moscou a resistência se tivesse prolongado por oito dias. No início de novembro os bolcheviques detinham o controle da parte principal do antigo Império – a chamada Grande Rússia. No entanto a grande maioria dos habitantes da Rússia não tinha ideia do que havia acontecido. Para as pessoas simples era indiferente quem detinha o poder.

A guerra civil foi iniciada por Kerenski, no início de novembro, quando ele tomou a fracassada iniciativa de reconquistar Petrogrado com a ajuda do corpo cossaco de Piotr Krasnov. Contra as novas autoridades, definidas como “vermelhas”, apresentaram-se também os cossacos do Don, do Kuban e de Orenburg, bem como as forças contrarrevolucionárias da Transcaucásia, da Ucrânia e da Sibéria, definidas como “brancas”. Inicialmente essas forças contavam com a possibilidade de voltar ao poder graças às eleições à Constituinte russa. Realmente, as eleições iniciadas no dia 12 de novembro de 1917 em Petrogrado (uma semana depois realizaram-se em Moscou, e no decorrer dos dez dias seguintes – no restante da Rússia) terminaram com a decidida vitória dos socialistas-revolucionários. Visto que os bolcheviques – como o único partido – haviam coerentemente prometido o imediato início do diálogo de paz, eles obtiveram o apoio dos soldados e dos marinheiros, principalmente nas guarnições nas cidades. Em razão disso, na guarnição de Moscou os bolcheviques obtiveram 71,3% dos votos, e na de Petrogrado – 74,3%. Os militares dessas aglomerações não permitiram que o poder fugisse das mãos dos bolcheviques. No dia 5 de janeiro de 1918 a Constituinte, com a qual haviam sonhado gerações inteiras de revolucionários, foi brutalmente dispersa por um pequeno grupo de arrogantes marinheiros²⁷.

27 Ibidem, p. 427-428.

Durante a guerra civil 1917-1920, os bolcheviques constituíam a força básica do exército revolucionário, e posteriormente eram o único partido legal em funcionamento na URSS²⁸. Na VII assembleia do partido, em março de 1918, realizou-se a mudança do seu nome para Partido Comunista Russo (dos bolcheviques); a XIV assembleia do partido (dezembro de 1925) transformou-o em Partido Comunista da União (dos bolcheviques), e de outubro de 1952 até a sua dissolução em agosto de 1991 funcionou com o nome de Partido Comunista da União Soviética.

Bibliografia:

BAZILOV, Ludvik. *Polityka wewnętrzna caratu i ruchy społeczne w Rosji na początku XX wieku*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1966.

BAZILOV, Ludvik. *Obalenie caratu*. Warszawa: PWN, 1977.

BECKETT, Ian F. W. *The Great War 1914-1918*. Ed. 2, Harlow: Pearson Education Limited, 2007.

FRANKENSTEIN, Norbert von. *Rasputin – Teufel im Mönchsgewand?*. München: Ehrenwirth, 1997.

GALAI, Shmuel. *The Liberation Movement in Russia, 1900-1905*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

GILBERT, Martin. *First World War*. London: HarperCollins 1994.

28 A respeito da guerra civil na Rússia 1917-1922, competentemente escreveram: Richard PIPES. *Russia Under The Bolshevik Regime 1919-1924*. London: Harvill, 1994; Donald J. RALEIGH. *Experiencing Russia's Civil War: Politics, Society, and Revolutionary Culture in Saratov, 1917-1922*. Princeton: Princeton University Press, 2002; Evan MAWDSLEY. *The Russian Civil War*. New York: Pegasus Books, 2007.

Artigos

HOSKING, Geoffrey A. *The Russian Constitutional Experiment: Government and Duma*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

LAUE, Theodore H. von. *Sergei Witte and the Industrialization of Russia*. London-New York: Columbia University Press, 1963.

MANNING, Roberta Thompson. *The Crisis of the Old Order in Russia: Gentry and Government*. Princeton: Princeton University Press, 1982.

MARPLES, David R. *Motherland: Russia in the Twentieth Century*. London: Pearson Education Limited, 2002.

MAWDSLEY, Evan. *The Russian Civil War*. New York: Pegasus Books, 2007.

MEDVEDEV, Roy. *Era inevitável a Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PAJEWSKI, Janusz. *Pierwsza wojna światowa 1914-1918*. Warszawa: PWN, 2004.

PIPES, Richard. *História concisa da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

PIPES, Richard. *Russia Under The Bolshevik Regime 1919-1924*. London: Harvill, 1994.

RADZINSKY, Edvard. *O último czar. A vida e a morte de Nicolau II*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

RESUMO – STRESZCZENIE

Pierwsza rewolucja rosyjska wybuchła 25 lutego 1917 r., a druga 25 października tego samego roku.

Autor w oparciu o bogatą literaturę omawia te dwa wielkie wydarzenia historyczne, które wpłynęły nie tylko na Rosję, ale z czasem także na inne kraje; również na Polskę.

POLONÊS E PORTUGUÊS: O ENCONTRO DE DOIS IDIOMAS NOS DICIONÁRIOS

Mariano KAWKA*

Há pouco tempo tive a satisfação de concluir um importante projeto pessoal, que foi a publicação de um Dicionário Polonês-Português e Português-Polonês na Polônia e no Brasil.

O lançamento da edição polonesa ocorreu em Varsóvia, na sede do Ministério do Esporte e do Turismo, no dia 17 de abril de 2015. No caso da edição polonesa, a publicação do dicionário contou com a cooperação inestimável do Museu da História do Movimento Popular Polonês, especialmente na pessoa do Prof. Dr. Jerzy Mazurek, bem como do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia. Na Polônia, o dicionário foi publicado em dois volumes: *Słownik portugalsko-polski (wariant brazylijski) / Dicionário português-polonês (variante brasileira)*, Varsóvia, 2014; *Słownik polsko-portugalski (wariant brazylijski) / Dicionário polonês-português (variante brasileira)*, Varsóvia, 2015 [www.bibliotekaiberyjska.pl].

O lançamento da edição brasileira do dicionário ocorreu no dia 25 de agosto de 2015 na sede da Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko, em Curitiba, como uma promoção da Casa da Cultura Polônia-Brasil. A publicação da edição brasileira do dicionário contou com o prestimoso apoio do Dr. Wilson Rodycz, atualmente cônsul honorário da Polônia em Porto Alegre, bem como do Sr. Sidnei Ordakowski, sócios da ROE – Rodycz & Ordakowski Editores, de Porto Alegre. Foi também decisiva a colaboração do Consulado Geral da República da Polônia, na pessoa do Cônsul Senhor Marek Makowski. Na parte da elaboração propriamente dita do dicionário, foi também de inestimável importância a competente cooperação dos

* Professor, tradutor, lexicógrafo, membro do Conselho Editorial de Polonicus.

professores Eduardo Nadalin e Marcin Raiman, do Curso de Letras-Polonês, da Universidade Federal do Paraná. A edição brasileira apresenta o dicionário num só volume: *Dicionário polonês-português / português-polonês – Słownik polsko-portugalski / portugalsko-polski*, Porto Alegre, 2015 [www.roeditores.com.br].

A lexicografia polono-luso-brasileira já tem uma tradição que ultrapassa um século. Aqui no Brasil, desde que os poloneses se fixaram em maior número, surgiu a preocupação com a escolaridade e a educação e, além dos manuais para o estudo das línguas polonesa e portuguesa, no início do século XX já se sentia a necessidade de um dicionário que facilitasse a aprendizagem de ambos os idiomas.

O precursor nessa área foi o professor e linguista de origem checa Francisco Valdomiro Lorenz (1872-1957). Ele chegou à colônia Dom Feliciano, no Rio Grande do Sul, em 1894, e ali permaneceu até 1950. A seu respeito se conta que, quando chegou a Dom Feliciano, já falava 24 línguas e que, quando faleceu, falava mais de cem línguas! Lorenz publicou vários trabalhos linguísticos, como a *Gramatyka języka portugalskiego* (Gramática da língua portuguesa), Curitiba: Gazeta Polska, 1906; *Mała gramatyka języka portugalskiego* (Pequena gramática da língua portuguesa), Curitiba: Gazeta Polska, 1909; *Mała gramatyka języka portugalskiego* (Pequena gramática da língua portuguesa), Curitiba: Oświata, 1924. Na área do nosso interesse, que é a lexicografia, Lorenz publicou: *Słownik portugalsko-polski* (Dicionário português-polonês), Cracóvia, 1905; *Słownik polsko-portugalski* (Dicionário polonês-português), Cracóvia, 1907¹.

Um nome de grande destaque na área dos estudos linguísticos polono-brasileiros que aparece a seguir é o do padre vicentino José Joaquim Góral (1873-1959), que veio da Polônia para trabalhar como missionário no Brasil em 1911. O Pe. Góral pertenceu à organização *Oświata* (Educação), que chegou a presidir. A *Oświata* era uma instituição preocupada com a difusão da educação e do ensino entre os poloneses e os seus descendentes que viviam no Brasil.

1 Cf. R. C. WACHOWICZ-Z. MALCZEWSKI, *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba, 2000, p. 234-236.

Desenvolveu uma ampla atividade editorial, dentro da qual o Pe. Góral teve uma participação muito importante. Entre as suas obras, figuram manuais e gramáticas para o estudo das línguas polonesa e portuguesa e, principalmente, dois dicionários que por décadas mostraram a sua grande utilidade: *Słownik portugalsko-polski* (Dicionário português-polonês), publicado em Curitiba em 1927, e *Słownik polsko-portugalski* (Dicionário polonês-português), publicado também em Curitiba em 1930².

Em época mais recente, foram publicados alguns dicionários na Polônia e no Brasil, como os seguintes:

- Richard de Bloch. *Słownik techniczny polsko-portugalski* (Dicionário técnico polonês-português), Varsóvia, 1967.
- Viola e Inácio Sachs (Viola i Ignacy Sachowie). *Pequeno dicionário português-polonês / Mały słownik portugalsko-polski*. Varsóvia, 1969.
- Antoni Śliwiński e Leokadia Tyszkiewicz Śliwińska. *Słownik polsko-portugalski* (Dicionário polonês-português), Varsóvia, 1983.
- Mariano Kawka. *Dicionário português-polonês / Słownik portugalsko-polski*, Curitiba, 1984.
- Wanda Biernacka. *Pequeno dicionário português-polonês / Mały słownik polsko-portugalski*. Curitiba, 1992.
- Mariano Kawka. *Brazylijski słownik polsko-portugalski / Dicionário brasileiro polonês-português*, Curitiba, 1999.

As intensificadas relações entre a Polônia e Portugal proporcionaram também o surgimento de dicionários que privilegiam a variante europeia da língua portuguesa. Entre eles, podemos citar:

- Cezary Długosz. *Dicionário de polaco-português e português-polaco*, Porto, 2000.
- Barbara Hlibowicka-Węglarz, Edyta Jabłonka, Mirosław Jawor, Lino Matos, Justyna Wiśniewska. *Słownik tematyczny polsko-portugalski* (Dicionário temático polonês-português), Lublin, 2008.

2 Cf. L. BIERNASKI, *Quem foram, o que fizeram, esses missionários...* Curitiba, 2003, p. 56-59; R. C. WACHOWICZ-Z. MALCZEWSKI, op. cit., p. 127-129.

• Dorota Bogutyn e Bożenna Papis. *Kieszonkowy słownik portugalsko-polski, polsko-portugalski* (Dicionário de bolso português-polonês, polonês-português – variante de Portugal), Varsóvia, 2007.

Seria preciso agora dizer alguma coisa a respeito da gênese do meu dicionário. As origens desse dicionário remontam à década de 1980, quando o Pe. José Zając, vicentino, na época redator do jornal *Lud*, me estimulou a fazer uma atualização dos dicionários acima citados de autoria do Pe. José Joaquim Góral, publicados cinquenta anos antes (em 1927 e 1930) e que se mostraram de grande utilidade por muitos anos, mas que, além de esgotados, necessitavam de uma modernização. Devo ter sido influenciado igualmente pelo meu professor e orientador no curso de mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Paraná, Geraldo Mattos Gomes dos Santos, um grande linguista, que também teve a sua passagem pela Universidade Jagiellônica de Cracóvia, e com quem tive o privilégio de muitas vezes trocar ideias a respeito de temas linguísticos. Assim surgiu em 1984 o meu *Dicionário português-polonês*, e posteriormente, em 1999, o *Dicionário brasileiro polonês-português*.

Acredito que a publicação do dicionário na sua versão atual, ampliada e atualizada, tem um grande significado no presente momento da intensificação dos contatos polono-brasileiros em diversas áreas, inclusive na científica e cultural. E para os brasileiros cuja ascendência tem raízes polonesas, esse poderá ser um instrumento importante para a ampliação do seu panorama cultural, porque, se a cultura é uma casa, a língua é a chave da porta que conduz aos aposentos dessa casa. As línguas polonesa e portuguesa nos dão o acesso à rica e diversificada cultura que se encontra por trás dessas línguas.

Polonês e português

No universo linguístico mundial, as línguas portuguesa e polonesa são o veículo de duas culturas importantes. Para melhor nos localizarmos a esse respeito, talvez seja interessante lançar um olhar sobre o atual panorama

linguístico mundial. Há hoje no mundo cerca de 6.500 línguas vivas, mas com grandes disparidades no que diz respeito ao seu uso e ao seu alcance: 52% delas são faladas por grupos de não mais de 10 mil pessoas; 28% são faladas por grupos inferiores a mil pessoas, e até por grupos tão pequenos que as ameaça a extinção, e algumas, de fato, vão se extinguindo. Quando o Brasil foi descoberto, exibia cerca de 200 línguas indígenas. Hoje, muitas delas já se extinguíram. Mas ainda há de 300 a 500 mil falantes de línguas indígenas no país. A língua indígena com o maior número de falantes no Brasil é o ticuna, falado no Amazonas, e também em partes do Peru e da Colômbia, por aproximadamente 30 mil pessoas.

Existem no mundo cerca de 220 línguas faladas por grupos de mais de 1 milhão de falantes, e apenas 69 línguas faladas por mais de 10 milhões de pessoas. Entre elas, o português ocupa hoje a quinta posição (após o mandarim, o hindi, o inglês e o espanhol), e é atualmente utilizado por cerca de 250 milhões de falantes em nove países de língua oficial portuguesa: Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Guiné Equatorial (que faz parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa desde 23/07/2014). É verdade que em alguns desses países a língua portuguesa, embora oficial, não é a mais falada. Por exemplo, em Timor Leste, a língua mais falada é o tétum e na Guiné Equatorial – o espanhol e o francês. A língua portuguesa é a terceira mais usada no Ocidente e a mais falada no hemisfério sul (com 217 milhões de falantes no Brasil, em Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Guiné Equatorial). O português brasileiro é, de longe, a variedade mais falada da língua hoje. O português figura também no topo de outra lista – é a terceira língua mais usada em redes sociais.

Já a língua polonesa, no panorama linguístico mundial, entre aqueles 69 idiomas falados por mais de 10 milhões de pessoas ocupa o 25º lugar, com um total de cerca de 45 milhões de falantes. Além dos 38 milhões dos habitantes da Polônia, o polonês é muito utilizado em países da Europa Central e Oriental, especialmente em alguns que faziam parte da antiga União Soviética: Ucrânia, Bielorrússia, Lituânia, Cazaquistão, etc. É também uma importante língua de imigração em países como os Estados Unidos, o Canadá,

a Inglaterra, a Austrália, Israel, etc. Marca presença importante também em países da América do Sul, principalmente no Brasil e na Argentina.

O português, como sabemos, faz parte da família linguística das línguas latinas (neolatinas ou românicas), grupo que apresenta estas línguas principais: espanhol, português, francês, italiano, romeno, catalão, galego.

Já o polonês pertence ao ramo das línguas eslavas, que se divide em três grupos:

- ocidental: polonês, checo, eslovaco;
- oriental: russo, ucraniano, bielorrusso;
- meridional: búlgaro, servo-croata, macedônio e esloveno.

É sabido que esses grupos linguísticos, devido à sua origem comum, apresentam semelhanças significativas entre si, o que se torna visível, por exemplo, no caso do português e do espanhol.

Em razão da sua origem comum, todas as línguas eslavas preservaram muitas características comuns e palavras iguais ou semelhantes. Graças a isso, num determinado âmbito elas se tornam mutuamente compreensíveis. Os filólogos acreditam que as línguas eslavas estão mais próximas entre si do que as línguas germânicas ou neolatinas. A vantagem disso é que o conhecimento de uma delas (p. ex. da língua polonesa) facilita a compreensão e a aprendizagem de qualquer outra, também pela circunstância de todas elas serem flexivas, isto é, nessas línguas as palavras assumem formas variadas, ou declinam-se de acordo com os denominados casos, para indicar diferentes posições e categorias gramaticais. As línguas eslavas apresentam sete casos (nominativo, genitivo, dativo, acusativo, instrumental, locativo e vocativo), salvo o russo, que tem somente seis (isto é, os mesmos casos menos o vocativo).

Um exemplo dessa flexão, em polonês: *Ojciec kocha syna* (o pai ama o filho.)

Se mudarmos a posição das palavras, não mudaremos a sua função sintática. Então, se dissermos: *Syna kocha ojciec* ou *Kocha ojciec syna*, teremos basicamente a mesma mensagem.

Já o português e as demais línguas românicas são denominadas posicionais, isto é, nelas a função sintática das palavras (propriamente dos

nomes) não é determinada pela flexão, e sim pela sua posição na oração ou por posições:

Por exemplo, em português: *O pai ama o filho*. Nessa oração *o pai* é sujeito, e *o filho* – objeto direto.

Se mudarmos a posição das palavras, mudaremos a sua função sintática:

Em: *O filho ama o pai, o filho*, que era objeto direto, passou a ser o sujeito.

Como acontece com o português e o espanhol ou o inglês, também nas línguas eslavas é preciso tomar cuidado com alguns falsos cognatos, isto é, com palavras cuja aparência pode levar a interpretações equivocadas, ou palavras iguais com significados distintos:

Espanhol: *cachorro* = filhote de animal; *largo* = comprido; *rato* = momento (cf. *perro, ancho, momento*).

Inglês: *actually* = realmente; *college* = faculdade; *exit* = saída (cf. *nowadays, high school, success*).

O mesmo pode acontecer com as línguas eslavas. Por exemplo: em polonês *dziadzia* é vovô, mas em russo *дядя (diádia)* é tio; em polonês, *rodzina* é família, mas em russo *родина (ródina)* é pátria; em polonês, *strona* é lado ou página, mas em russo *страна (straná)* é país; em polonês *susza* é seca, em russo *суша (suscha)* é terra firme; *zapominać/zapomnieć* em polonês é esquecer, mas *запоминать/запомнить (zapaminát'/zapómnit')* em russo é memorizar.

Nas línguas eslavas, as diferenças maiores se apresentam na escrita, visto que elas se utilizam de dois tipos de alfabetos:

- alfabeto latino: polonês, checo, eslovaco, esloveno;
- alfabeto cirílico: russo, ucraniano, bielorrusso, macedônio e búlgaro.

No caso do servo-croata, este tem vários dialetos, sendo os mais importantes o sérvio (de alfabeto cirílico) e o croata (de alfabeto latino).

“Cirílico” se relaciona com São Cirilo, um missionário cristão que viveu no século IX e que teria sido o inventor desse alfabeto. Diz-se também que o alfabeto cirílico teria sido criado na Bulgária, no século IX-X, por um dos discípulos de Cirilo e Metódio, dois irmãos que foram os evangelizadores dos eslavos.

Quem se depara com o alfabeto cirílico pela primeira vez pode ficar

um pouco assustado. Mas, na realidade, trata-se de um alfabeto muito prático. Por exemplo, para escrever a palavras щётка (schtchiotka) (escova), em russo, utilizamos apenas cinco letras. A mesma palavra em polonês (*szczotka*) é escrita com oito letras. Isso se deve ao fato de que, para representar os sons das línguas eslavas, o alfabeto latino teve que ser acrescido de numerosos acentos e sinais, bem como dígrafos (grupos de duas letras, às vezes mais, para representar um só fonema). Em polonês, por exemplo, temos: ć,ń,ź,ż, cz, rz, sz e até o szcz que encontramos em *szczotka*. No lugar dessas quatro letras, em russo utilizamos apenas uma, porque o conjunto *szcz* do polonês é representado pela única letra russa щ (schchá).

A respeito da etimologia do termo eslavo (em polonês *słowiański*) não existe unanimidade, mas uma teoria relaciona a sua origem com a palavra *słowo* (palavra). Os eslavos seriam então os povos que conheciam as palavras (*słowa* em polonês), ou seja, capazes de falar compreensivelmente – em oposição aos outros povos com os quais eles entravam em contato, p. ex. *Niemcy* (alemães), ou *niemi* (mudos), isto é, que não falavam uma língua compreensível. Essa tese é confirmada pelo fato de que a conformação da consciência étnica dos eslavos ocorreu no momento histórico em que eles se confrontaram com outros povos.

As duas variantes do português

No caso da língua portuguesa, também não nos podemos iludir com a sua pretensa unidade, mas precisamos ter consciência das variantes do português, por exemplo, do português do Brasil e de Portugal (ou europeu). Hoje ninguém mais discute que, apesar de ser uma língua só, temos a variante brasileira e a variante portuguesa ou europeia, iguais em quase tudo, mas diferentes especialmente no vocabulário e na pronúncia. Na pronúncia portuguesa há uma forte tendência à queda das vogais átonas. Por exemplo: “pelotão” pode ser entendido por um brasileiro como “plutão”, e o “terrorismo” pode confundir-se para ele com o “turismo”...

Apesar das tentativas de unificação ortográfica, essas variantes representam realidades com grandes diferenças. Essas diferenças podem ser:

Artigos

a) Diferenças léxicas/semânticas

português brasileiro	português europeu
apontador (de lápis)	aguça/afia
bonde	elétrico
chato/desagradável	seca (pronuncia-se séca)
chique/legal	fiche
controle	controlo
dublagem	dobragem
encher o tanque (do carro)	atestar o depósito
endereço	morada
equipe	equipa
esporte	desporto
fumante	fumador
gol	golo
goleiro	guarda-redes/guardião
grampeador	agrafador
mouse	rato
ônibus	autocarro
polonês	polaco
porão	cave
trem	comboio
trecho	troço
xampu	champô
xará	homónimo

Neste ponto creio que merece um comentário a inclusão do adjetivo/substantivo *polonês/polaco* nessa lista de diferenças léxicas ou semânticas.

Como informa o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*³, do final do

3 *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 1.ed. Rio de Janeiro, 2001.

século XIX para cá, no Brasil prevalece o uso de *polonês*, em consequência do uso pejorativo que no Brasil por vezes se atribui ao termo *polaco*. O mesmo dicionário fala do uso pejorativo dessa palavra na referência à constituição brasileira denominada *Polaca*, isto é, a constituição do Brasil que foi promulgada em 10 de novembro de 1937, inspirada na constituição polonesa de 23 de abril de 1935 (chamada *Konstytucja kwietniowa*), considerada antidemocrática. Também o *Manual de redação da Folha de S. Paulo*⁴ adverte: “polaco – adjetivo pejorativo referente à Polônia. Não use em textos informativos. A forma não pejorativa é *polonês*”.

No entanto, é interessante observar que, na contramão dessa visão pejorativa, no Brasil, na linguagem coloquial, observa-se por vezes a preferência pelo termo *polaco* como uma forma de enfatizar subjetivamente o polonismo. Podemos perceber um exemplo desse emprego do termo *polaco* no poema de Paulo Leminski: *Meu coração de polaco voltou*⁵.

Além disso, hoje, na linguagem popular e coloquial brasileira, além de significar *polonês*, o termo *polaco* parece ter sofrido uma ampliação na sua área semântica, visto que também é empregado para designar qualquer indivíduo de características norte-europeias, isto é, loiro, aliás da mesma forma que o termo *alemão*. Isso se comprova pelos muitos estabelecimentos comerciais denominados como “do polaco” (p. ex. Borracharia do Polaco), o que também pode ser visto em notícias publicadas pela imprensa. Por exemplo:

“Dirceu de Souza Pereira havia sido morto pelo suposto desvio de uma carga de maconha comprada por Jossimar Marques Soares, o Polaco”⁶.

“De acordo com o delegado da Delegacia de Homicídios [...], o rapaz, conhecido como Polaquinho, estava com a cabeça esfacelada”⁷.

Num programa televisivo apresentado em Curitiba, um entrevistado, indagado sobre as características de dois indivíduos, assim se expressou: “Um polaco e um moreno”⁸. Obviamente, aqui o termo “polaco” foi utilizado como sinônimo de “loiro”.

4 *Manual escolar de redação – Folha de S. Paulo*. São Paulo: Ática, 1994, p. 134.

5 P. KILANOWSKI-K. SZCZEŚNIAK (org., sel. e trad.), *Paulo Leminski*. Curitiba, 2015, p. 24.

6 *Gazeta do povo*, Curitiba, 20/09/2009.

7 *Ibidem*, 11/07/2010.

8 RPC – PR-TV 2ª edição, 15/10/2015.

Artigos

A título de curiosidade, é interessante observar que nas línguas neolatinas o adjetivo *polonês/polaco*, ou suas formas aproximadas, apresenta uma distribuição quase que equivalente. Vejamos:

português europeu: polaco

espanhol: polaco

italiano: polacco

galego: polaco

português brasileiro: polonês

francês: polonais

romeno: polonez

catalão: polonès

b) Diferenças ortográficas (apesar das tentativas de unificação ortográfica)

português brasileiro	português europeu
ação	acção
Antônio	António
bebê	bebé
cerimônia	cerimónia
econômico	económico
dezesseis, dezessete, dezenove	dezasseis, dezassete, dezanove
fenômeno	fenómeno
inseto	insecto
Irã	Irão
janeiro, fevereiro...	Janeiro, Fevereiro...
Moscou	Moscovo
Polônia	Polónia
primavera, verão...	Primavera, Verão...
umidade	humidade

c) Diferenças sintáticas

português brasileiro	português europeu
1. Gerúndio – ação progressiva estou comendo/estudando	1. preposição + infinitivo – ação progressiva estou a comer/a estudar
2. Posição do adjetivo: no sábado passado	2. Posição do adjetivo: no passado sábado
3. Posição dos pronomes átonos (próclise – antes do verbo): me diga me parece	3. Posição dos pronomes átonos (ênclise – depois do verbo): diga-me parece-me

É por isso que o meu dicionário publicado na Polónia destaca no seu título que se trata da variante brasileira da língua polonesa (variante brasileira / *wariant brazylijski*).

Evidentemente, ao assinalarmos essa diferença, não queremos dizer que uma variante seja melhor que a outra ou superior à outra. Trata-se tão somente de duas realidades diferentes da mesma língua, que apresenta dois formatos distintos, como se fossem duas irmãs da mesma família linguística.

Duas irmãs semelhantes àquelas diversas línguas eslavas irmãs de que fala o escritor polonês Józef Ignacy Kraszewski em seu romance histórico *Stara baśń* (Velha lenda):

“... ludzie jednego słowa, choć różnej nieco nowy...” [“... pessoas de uma só palavra, embora de fala um pouco diferente...”]⁹, ou:

“...gdy się nowa słowa odezwali [przybyli wczoraj goście], powitano ich jak braci” [“... quando se pronunciaram com a fala da ‘palavra’ [os hóspedes que ontem vieram], foram saudados como irmãos”]¹⁰.

9 I. KRASZEWSKI, *Stara baśń*. Kraków, 1954, p. 173.

10 Ibidem, p. 150.

Espero que o meu dicionário, inserido nessa mais que centenária história da lexicografia polono-luso-brasileira, possa também contribuir para a aproximação linguística e cultural polono-brasileira e para através da palavra estimular a confraternização entre os povos, tão necessária nos dias de hoje.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor artykułu „Język polski i portugalski: spotkanie dwóch języków w słownikach”, który niedawno opublikował w Polsce i w Brazylii słownik polsko-portugalski i portugalsko-polski, szkicuje przeszło stuletnią historię słowników obejmujących te dwa języki wydanych w Polsce, w Brazylii i w Portugalii. Omawia następnie pozycję języka polskiego i portugalskiego w światowej panoramie językowej. Podkreśla różnice między wariantem języka portugalskiego brazylijskiego i europejskiego. Zaznacza w końcu rolę słowników w przybliżeniu ludzi w sferze językowej i kulturalnej.

“MUNDO BRASILEIRO” NO OLHAR DE UM IMIGRANTE DE ORIGEM POLONESA (com base na prosa de João Krawczyk)

Anna RYBKA*

Vida e obra de João Krawczyk

João Krawczyk foi um escritor de origem polonesa que por quase setenta anos viveu e desenvolveu a sua atividade literária no Brasil. Nasceu no dia 20 de julho de 1916 como o terceiro filho de Rosália Baryk e Miguel Krawczyk¹. Teve quatro irmãos: dois irmãos – Félix e Boleslau e duas irmãs mais jovens – Irene e Estefânia². Passou a sua infância em Lańcuchowo – uma aldeia situada não longe de Lublin. Essa localidade está localizada na comuna de Milejów e atualmente pertence ao distrito de Łęczyca. A data de nascimento do futuro escritor coincidiu com o período da I Guerra Mundial. Das operações bélicas da época ele não se lembrava, e as informações a esse respeito lhe haviam sido fornecidas pelos relatos dos pais. Afirmava, no entanto, que o tempo em que nasceu teve influência na sua psique e na sua visão do mundo³.

Quando menino, Krawczyk iniciou os seus estudos numa escola pública. Estudou primeiramente em Klucz e depois em Ostrówek⁴. A educação não lhe proporcionou as mínimas dificuldades. Foi um aluno aplicado, e por isso logo aprendeu a escrever e a ler fluentemente⁵. Naquele tempo teve início a sua verdadeira aventura com os livros. Entregava-se à leitura de diversas obras, especialmente a livros de aventura, que eram para ele um verdadeiro

* Realiza estudos de doutorado no Instituto de Filologia Polonesa da Faculdade de Filologia da Universidade de Rzeszów.

1 G. GMITRUK-J. MAZUREK, Wstęp. In: J. KRAWCZYK, *Z Polski do Brazylii (wspomnienia z lat 1916-1937)*, Warszawa, 2003, p. XXXVIII.

2 Ibidem.

3 J. KRAWCZYK, *Z Polski do Brazylii (wspomnienia z lat 1916-1937)*, Warszawa, 2003, p. 1-2.

4 G. GMITRUK-J. MAZUREK, Wstęp. In: *Z Polski do Brazylii (wspomnienia z lat 1916-1927)*, Warszawa, 2003, p. XXXVIII.

5 J. KRAWCZYK, op. cit., p. 8.

prazer. Desde a infância João já revelava um grande interesse pela prosa de ficção. O desenvolvimento do seu interesse pela leitura foi influenciado pelo fato de que em sua casa era feita a leitura em voz alta de livros interessantes, dirigida pela mãe e pelos irmãos mais velhos⁶.

João Krawczyk era oriundo de uma família camponesa. A situação material da família não permitia que a educação fosse oferecida aos cinco filhos. A família não era rica, e a sua principal fonte de sustento era o ganho do cultivo da terra (6,5 hectares de terra)⁷. Nas suas tarefas os pais eram ajudados pelos filhos, que cuidavam principalmente de apascentar as vacas⁸.

O início do século XX, o tempo em que nasceu o escritor, foi um período difícil para as pessoas que moravam na aldeia. Em razão da crise reinante, os camponeses tinham dificuldade para sustentar famílias numerosas. Por razões econômicas, as pessoas se decidiam em massa pela emigração, não somente continental, mas sobretudo pela emigração para fora da Europa. Em dezembro de 1927 também a família Krawczyk decidiu deixar o país natal e buscar uma vida melhor no Brasil.

Após a chegada ao continente sul-americano, João Krawczyk e seus familiares fixaram residência em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul⁹. Lá João frequentou uma escola polono-brasileira na Sociedade Águia Branca¹⁰. Em 1929 os Krawczyk se estabeleceram em Bom Asilo. Os pais de João mudaram-se para uma colônia, porque, com representantes do estilo de vida camponês no mundo, queriam ter seu próprio pedaço de terra, que segundo eles devia assegurar-lhes uma vida decente. Estabeleceram-se então na região de Guarani das Missões, onde 90% da população era constituída de imigrantes de origem polonesa¹¹.

Após a mudança da família do escritor para a colônia, João, na época com treze anos de idade, ficou sozinho em Porto Alegre, onde frequentou a escola

6 Ibidem, p. 7.

7 Ibidem, p. 11.

8 Ibidem, p. 4.

9 https://pl.wikipedia.org/wiki/Porto_Alegre, acesso 12.05.2016.

10 Z. MALCZEWSKI, Krawczyk Jan. In: K. DOPIERAŁA (org.). *Encyklopedia polskiej emigracji i Polonii*, t. 3 K-O, Toruń, 2004, p. 50.

11 E. CIURUŚ, *Polacy w Brazylii*, Lublin, 1977, p. 25.

e trabalhou na redação do jornal *Echo Polskie* (Eco Polonês), primeiramente como contínuo e depois como tipógrafo¹². Em 1930 Krawczyk deixou a cidade e mudou-se para a colônia de Bom Asilo. Em Guarani das Missões continuou os estudos no Colégio Ladislau Reymont, localizado no prédio da Sociedade Nossa Senhora de Częstochowa. Para garantir algum tipo de futuro, começou a sua formação de serralheiro na oficina do serralheiro e armeiro Miguel Kamiński¹³. Naquele tempo João Krawczyk iniciou a sua atividade literária. Daquele período provêm os seus primeiros versos, que eram publicados no jornal *Polska Prawda w Brazylii* (A Verdade Polonesa no Brasil)¹⁴. Em 1937 iniciou os estudos no Colégio Henrique Sienkiewicz, em Curitiba, que um ano depois foi fechado, em decorrência da política de nacionalização empreendida na época pelo governo de Getúlio Vargas. Por isso, a partir de 1938 Krawczyk continuou seus estudos num ginásio brasileiro. Foi o redator da revista *Młody Paranańczyk* (Jovem Paranaense) e mais tarde fundou a publicação *Junak* (Jovem Valente). Nos anos 1937-1939, em *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil), foram publicados contos de sua autoria. Alguns desses textos foram assinados por Krawczyk com o pseudônimo Andrzej Zawrotny. A partir de 1939 o futuro escritor iniciou a cooperação com a Editora Globo e com o *Kurier Polski* (Mensageiro Polonês). Envolveu-se também na vida social. Após a eclosão da II Guerra Mundial os irmãos de João – Félix e Boleslau – decidiram prestar ajuda à pátria oprimida. Seguindo o exemplo deles, em 1943 o escritor se apresentou às Forças Armadas Polonesas. Finalmente, em 1948 mudou-se para Curitiba, onde se envolveu na atividade polônica¹⁵. Naquele mesmo ano, juntamente com Adalberto Breowicz, Ladislau Wójcik e José Walański, fundou o semanário *Siewca* (Semeador), que foi publicado nos anos 1948-1959. Por doze anos (1958-1970), o escritor esteve envolvido em programas radiofônicos bilíngues – em português e em polonês¹⁶.

12 J. KRAWCZYK, op. cit., p. 136.

13 Ibidem, p. 270.

14 J. GMITRUK-J. MAZUREK, op. cit., p. XXXIX-XL.

15 Z. MALCZEWSKI, op. cit., p. 50.

16 J. GMITRUK-J. MAZUREK, op. cit., p. XLII.

Durante a sua estada no Brasil, João Krawczyk interessou-se pela problemática da colonização polonesa no país. Ele era até era visto como um dos mais hábeis escritores que enviavam os seus trabalhos à imprensa polônica¹⁷. A bagagem literária do escritor é grande. Como escrevem Janusz Gmitruk e Jerzy Mazurek, “em sua longa e laboriosa vida publicou centenas de poemas, artigos, contos e romances”¹⁸. Na Polônia foram publicados os seguintes livros de sua autoria: *Ivagone*, *Minuano*, *Ochotnicy z Rio* (Os voluntários do Rio), *Pampa*, *Z Polski do Brazylji – wspomnienia z lat 1916-1937* (Da Polônia ao Brasil – memórias dos anos 1916-1937)¹⁹. As publicações de Krawczyk tinham por tema memórias da vida, e outros textos faziam parte do gênero romance de aventuras. O fato de ele escrever em língua polonesa é, segundo Kazimierz Braun, uma prova “da luta pela preservação da sua língua pátria”²⁰.

Krawczyk visitou várias vezes a Polônia. A primeira visita ocorreu em 1958. Dessa viagem resultou a sua cooperação com editoras polonesas, por exemplo com a redação do *Gromada-Rolnik Polski* (Aldeia-Agricultor Polonês). O escritor sentia saudade do seu país de origem, o que comprova por exemplo o relato de Włodzimierz Chećko: “João Krawczyk, enraizado na sociedade brasileira, sentia muita saudade da velha Pátria. Mantinha um permanente contato epistolar com os familiares e conhecidos, e quando surgiu a possibilidade de viajar à Polônia ele a assimilou toda: o país e as pessoas”²¹. A última visita do escritor à Polônia ocorreu em 1996. Krawczyk voltou ao Brasil alguns dias antes da sua morte. Ele faleceu no dia 19 de julho de 1996 em Curitiba²².

17 J. GMITRUK, Wstęp. In: J. GMITRUK et al. *Polonia brazylijska w piśmiennictwie polskim*. Warszawa, 2000, p. 27.

18 J. GMITRUK-J. MAZUREK, op. cit., p. XLIII.

19 <http://+jan+++++1916+++++1996&1%2C6%2C>, acesso 21.12.2015.

20 K. BRAUN, Los i etos polskiego pisarza emigracyjnego. In: Z. ANDERS-J. PASTERSKI-A. WAL (org.), *Proza polska na obczyźnie: problemy – dyskursy – uzupełnienia*, t. 1, Rzeszów, 2007, p. 20.

21 J. GMITRUK-J. MAZUREK, op. cit., p. XLIV.

22 Z. MALCZEWSKI, op. cit., p. 50.

Memórias literárias de autoria de João Krawczyk

Entre as obras de João Krawczyk publicadas em língua polonesa, merecem destaque dois livros de cunho autobiográfico – *Z Polski do Brazylia – wspomnienia z lat 1916-1937* (Da Polônia ao Brasil – memórias dos anos 1916-1937) e *Ochotnicy z Rio* (Os voluntários do Rio).

A primeira das obras mencionadas foi escrita em língua polonesa e publicada em Varsóvia em 2003, já após a morte do autor. Mas, antes que tivesse sido publicado o livro, trechos seus haviam aparecido em periódicos. A primeira parte foi publicada ciclicamente em *Gazeta Rolnicza* (Jornal Agrícola) de maio de 1996 a dezembro do ano seguinte, e a segunda, em *Gromada-Rolnik Polski* (Aldeia-Agricultor Polonês) de outubro de 1982 a março de 1983²³.

No livro *Da Polônia ao Brasil...* Krawczyk apresenta acontecimentos da sua infância e dos anos da juventude. Ele dividiu as suas memórias em duas partes: a primeira, intitulada *Moje poznawanie świata* (O meu conhecimento do mundo), abarca os anos 1916-1930, na maior parte passados na Polônia. A segunda parte, intitulada *Z tamtej strony ziemi* (Daquele lado da terra), apresenta a vida do escritor como emigrado no Brasil. A obra de Krawczyk não apenas apresenta os mais importantes acontecimentos da sua vida, mas também fornece uma imagem da emigração da população polonesa ao Brasil. Como participante desses acontecimentos, o escritor fala dos estímulos que levavam os camponeses a deixar o seu país natal, descreve o relacionamento dos emigrantes com a Polônia e os seus primeiros passos no novo continente²⁴.

O livro *Da Polônia ao Brasil...* apresenta a situação material dos moradores das aldeias na região de Lublin e dos emigrantes que viviam em colônias brasileiras. Após travar conhecimento com a obra de João Krawczyk, com base em numerosas descrições o leitor pode ter uma imagem da aldeia polonesa e do “mundo brasileiro”. No entanto essas impressões são apresentadas com base nas opiniões subjetivas de um emigrado e podem afastar-se da realidade.

23 J. GMITRUK-J. MAZUREK, op. cit., p. XLV. 0.

24 J. GMITRUK, Od wydawcy, in: J. KRAWCZYK, op. cit., p. 5.

A primeira parte do texto, que relata catorze anos de vida do escritor, apresenta sobretudo um grande número de descrições de acontecimentos percebidos pelo autor como negativos. Krawczyk inicia as suas memórias pela descrição dos dramáticos acontecimentos do período da I Guerra Mundial. Descreve também de forma não muito positiva a situação da família e a sua situação material, que obrigou os Krawczyk a emigrar em busca de melhores condições de vida.

Durante a infância o escritor evoca acontecimentos que foram desagradáveis para ele mesmo. Lembra, por exemplo, a obrigação de apascentar as vacas, a perseguição da parte de colegas mais velhos e de um merecido castigo corporal recebido de um professor.

Mas nem todas as recordações do futuro emigrante relacionadas com a Polônia são negativas. Em suas descrições Krawczyk procura destacar a beleza da natureza, com que se fascinava quando criança. A tranquilidade da paisagem permitia o descanso e a fuga das inquietações do dia a dia. A natureza era para ele um refúgio, e a imagem do país natal gravou-se profundamente em sua memória.

Nessa parte das memórias Krawczyk enfatiza o seu apego à Polônia, que se torna visível já no início da viagem, durante a véspera de Natal comemorada no navio. O menino rememorava as festas passadas no lar, em meio aos seus familiares. Apesar da pouca idade, sentia a afinidade às tradições, aos costumes poloneses.

Krawczyk enfatiza que no momento descer à terra firme devia começar a sua nova vida, inteiramente diferente daquela na Polônia. Não lamentava a partida do país natal e estava simplesmente maravilhado com o lugar a que tinha chegado. O novo mundo se apresentava a ele como muito melhor. Assinala que para toda a sua família o Brasil se mostrou amigável. O pai e os dois irmãos mais velhos encontraram trabalho, e as crianças menores frequentavam a escola. Durante as férias João assumiu o seu primeiro trabalho no jornal *Echo Polskie* (Eco Polonês)²⁵. Ele destinava uma parte do dinheiro ganho a idas semanais ao cinema, que se tornou a sua paixão²⁶. A tais diversões ele nunca poderia ter acesso se estivesse na Polônia.

25 Ibidem, p. 136.

26 Ibidem, p. 137.

A segunda parte das memórias de João Krawczyk, intitulada *Do outro lado da terra*, apresenta os anos seguintes de emigrado passados no Brasil. O escritor apresenta ali sete anos da sua vida como emigrante. Não somente recria a própria história, mas representa também a existência dos migrantes poloneses no país brasileiro.

O escritor apresenta de forma positiva a situação material da família naquele tempo. Muitas vezes enfatiza que ela era bem melhor que na Polônia. Não Brasil não apenas não havia miséria, mas os Krawczyk tinham condições de assegurar a instrução a todos os filhos. João não se sentia com uma pessoa socialmente marginalizada, como acontecia na Polônia. O autor muitas vezes compara o nível de vida numa colônia brasileira com o dia a dia dos camponeses na Polônia.

Nessa parte das memórias Krawczyk descreve os primórdios da sua criatividade literária. Já como adolescente escrevia artigos com conselhos para agricultores, que lhes deviam ajudar no desenvolvimento das propriedades e no aumento da renda²⁷. Com o tempo começou a publicar os seus versos em *Polska Prawda* (A Verdade Polonesa). O próprio autor os considerava como não muito meritórios, mas os outros o elogiavam. O Konarzewski até lhe prognosticou um futuro de escritor²⁸.

Em suas memórias Jan Krawczyk chama a atenção à natureza brasileira. O ambiente natural do novo continente não era tão aprazível como na Polônia e não podia assegurar um descanso tranquilo. O escritor enfatiza que foi privado da sua experiência anterior da “suavidade” da natureza.

Um elemento importante da segunda parte do livro de Krawczyk é a apresentação da vida dos colonos poloneses em Bom Asilo. O autor descreve sobretudo as tarefas diárias dos colonos. Procura também apresentar outras áreas da vida deles. Apresenta por exemplo as diversões dos colonos, o engajamento deles na fundação de uma escola ou de um círculo agrícola. Retrata também as cerimônias que ocorriam na região – os casamentos, os sepultamentos. Nessa parte das suas memórias Krawczyk apresenta

27 Ibidem, p. 260.

28 Ibidem, p. 290-291.

sobretudo as dificuldades do dia a dia dos imigrantes de origem polonesa que se estabeleceram em Bom Asilo, mas também dos conhecidos com quem se defrontou em sua vida.

O livro seguinte de autoria de João Krawczyk, intitulado *Os voluntários do Rio*, apresenta a reação dos poloneses que viviam no Brasil diante das notícias do ataque dos exércitos alemães contra a Polônia. O narrador é um polonês – um imigrante brasileiro, que expõe os sentimentos do apego ao país de origem. O autor das memórias identifica-se com outros compatriotas que residiam não somente no Brasil, mas também em países do mundo inteiro.

Os voluntários do Rio é uma narrativa surgida com base nas memórias de João Krawczyk – voluntário do décimo primeiro transporte de imigrantes de origem polonesa que queriam incorporar-se às Forças Armadas Polonesas. Serviram de base para descrever aqueles acontecimentos as anotações que o escritor fez durante a sua estada no Rio de Janeiro²⁹. O ex-voluntário começou a registrar esses acontecimentos logo após ter voltado a Porto Alegre. Esse manuscrito permaneceu na gaveta por algumas décadas, até o ano 1980, e foi publicado de forma seriada no semanário *Lud* (O Povo)³⁰, até ser publicado em forma de livro em 1988, por uma editora polonesa.

João Krawczyk relata como a eclosão da guerra influenciou o relacionamento dos poloneses com os alemães no Brasil. Especialmente em bairros onde residiam pessoas oriundas da Polônia e da Alemanha, que então começaram a ter um relacionamento hostil, muitas vezes ocorriam brigas e confusões. Os emigrantes poloneses, não podendo participar ativamente da luta, “lutavam” com os imigrantes brasileiros de nacionalidade alemã.

A notícia sobre o recrutamento para as Forças Armadas Polonesas foi recebida com grande alegria³¹. Mas nem todos podiam alistar-se no exército. Podiam lutar pela Polônia somente os homens jovens, saudáveis e fortes, com a condição de que tivessem nascido na Polônia. Para muitos a impossibilidade de participar da defesa da Pátria de origem era um grande golpe.

29 J. KRAWCZYK, *Ochotnicy z Rio*, Warszawa, 1988, p. 251.

30 Ibidem.

31 M. KULA, *Polono-Brazylijczycy i parę kwestii im bliskich*, Warszawa, 2012, p. 268.

O autor das memórias dedica grande atenção aos emigrados de guerra de origem polonesa que pertenciam à aristocracia e apresenta-os de forma bastante crítica. O escritor não compreendia o comportamento de mulheres das esferas mais elevadas que viviam no luxo e na abundância e que nem se interessavam pelo dia a dia da Polônia ocupada. A beneficência delas era vista por Krawczyk como uma forma de exibicionismo, o que comprovaria a sua vaidade e falta de empatia diante dos pobres.

Para concluir a análise das memórias de João Krawczyk, é preciso acrescentar que os voluntários do décimo primeiro transporte que queriam lutar pela liberdade da Polônia nem saíram do Brasil. Passaram o tempo todo no Rio à espera do transporte. Quando receberam a ordem de voltar para suas casas, sentiram-se tristes e frustrados.

O tema das recordações de Krawczyk não é apenas o relacionamento com a situação que então reinava na Polônia, mas também a descrição das diversas camadas sociais e a apresentação dos seus pontos de vista. O autor de *Os voluntários do Rio* apresenta o ambiente entre os poloneses estabelecidos no Brasil – tanto dos emigrantes econômicos como dos refugiados de guerra.

Chama a atenção do leitor a economia na narrativa desenvolvida. Krawczyk “não se empenha por enfeites”³², e descreve todas as situações apresentadas de forma sucinta, sem comentários desnecessários, graças ao que o próprio leitor pode tirar as conclusões a respeito dos acontecimentos descritos.

Um imigrante de origem polonesa no mundo brasileiro – a prosa ficcional de João Krawczyk

Saíram da pena de Krawczyk três romances de aventura publicados na Polônia – *Ivagone*, *Pampa* e *Minuano*. A ação de cada um deles se passa no Brasil, e os seus protagonistas são na maioria poloneses que viviam como emigrados. Cada uma dessas obras é para o leitor uma fonte de conhecimentos a respeito da vida dos imigrantes de origem polonesa no “mundo brasileiro” e do relacionamento deles com o país em que viviam.

32 s/a, Trochę Beckett w Rio. *Kontynenty*, 1989, n. 5, p. 37.

O primeiro livro de João Krawczyk publicado na Polônia é *Ivagone*. A obra foi concluída em março de 1959 em Curitiba e publicada em língua polonesa um ano depois por uma editora polonesa.

O livro se compõe de dezesseis capítulos, cujos títulos são adequados ao respectivo conteúdo. O romancista “conduz” a sua narrativa de forma muito eficiente. A respeito de todos os acontecimentos fala ao leitor um narrador onisciente. Graças a isso o receptor conhece não apenas os fatos e os episódios da vida dos protagonistas, mas também os seus pensamentos e sentimentos. Sabe também quais os estímulos que os incentivaram a tomar as diversas decisões. Dessa forma a pessoa que lê o texto conhece não somente o mundo exterior, mas também as vivências interiores dos protagonistas – suas alegrias, tristezas e aflições. Um recurso com frequência utilizado é a intensificação da tensão do leitor pela suspensão da ação no momento mais interessante. O narrador interrompe da história descrita para descrever as aventuras de pessoas que se encontram por vezes no outro lado do sertão.

No romance *Ivagone* João Krawczyk se utiliza de expressões termos e típicos da fala dos índios, o que confere ao livro uma impressão de autenticidade e fidedignidade aos episódios descritos. A ação se desenvolve na mata equatorial da América do Sul. A mata virgem é às vezes hostil aos protagonistas. Ela é especialmente hostil para com as pessoas que não estão acostumadas com o clima brasileiro e a natureza selvagem. Na perspectiva do olhar dos “brancos”, a selva se apresenta como cheia de perigos.

A obra de Krawczyk apresenta o complicado relacionamento entre as pessoas, apresenta tribos desconhecidas que ainda não foram atingidas pela civilização do homem branco, mas é sobretudo uma descrição detalhada das áreas selvagens da América do Sul. O leitor tem a possibilidade de conhecer o comportamento de tribos primitivas, afastadas da civilização, que habitam as áreas da selva brasileira.

Na obra de Krawczyk manifesta-se o problema da estranheza. Para o personagem Henrique Drogosz, por ser um homem oriundo da cidade, a selva era algo novo. Ele estabeleceu contato com um território desconhecido, e via os habitantes primitivos do lugar como estranhos.

O romance de aventuras aqui apresentado foi recebido com ceticismo

pelos leitores na Polônia. Mieczysław Fleczar, numa resenha publicada na revista *Nowe Książki* (Novos Livros) em 1960, acusou Krawczyk de falsificar as informações a respeito dos habitantes da selva brasileira³³. No entanto convém assinalar que *Ivagone* é um romance de viagens, que não tem por objetivo apresentar acontecimentos verídicos.

Pampa é o romance de aventuras seguinte de autoria de João Krawczyk, publicado na Polônia em 1986. Na sua resenha *Em busca de aventuras*, Teresa Winek, classificou essa obra entre os romances do tipo western positivista³⁴.

O livro de Krawczyk se compõe de onze capítulos divididos em subcapítulos menores, aos quais não foram atribuídos títulos, e com a ajuda dos quais o escritor separa claramente as diversas etapas na vida do personagem principal. Merece atenção a forma de conduzir a narrativa. O narrador onisciente que apresenta em *Pampa* a sorte dos personagens fala principalmente das aventuras vividas por um jovem – o Antek. Ao apresentar os episódios da vida do adolescente, familiariza o receptor com a vida no Brasil e o relacionamento dos imigrantes de origem polonesa com a natureza do país. Graças a essa forma de narrativa, o leitor não apenas se familiariza com as aventuras dos personagens, mas toma conhecimento de todos os raciocínios e estímulos com que se guiam na tomada das suas decisões. Graças à descrição detalhada das vivências dos personagens, o receptor pode sentir emoções semelhantes. O romance de Krawczyk reflete também o relacionamento dos poloneses com a vida no Brasil e mostra tanto os traços positivos como os negativos desse “novo mundo”.

De acordo com o título da obra, os mais importantes acontecimentos ocorrem nos pampas. Mas, antes de o romancista apresentar os episódios que ali ocorrem, caracteriza detalhadamente a vida dos imigrantes de origem polonesa numa colônia brasileira que se dedicam à agricultura. Os protagonistas do romance vieram do país natal ao Brasil em busca de uma vida melhor. Tiveram de se adaptar às condições do país em que se estabeleceram em meio à natureza selvagem, tão diferente do clima ameno na Polônia.

33 Cf. M. FLESZAR, Piramidka trupów. *Nowe Książki*, 1960, n. 24, p. 1518-1519.

34 T. WINEK, W poszukiwaniu przygody. *Nowe Książki*, 1986, n. 6, p. 90.

O tempo dos fatos ocorridos não é fornecido diretamente. Pode-se apenas supor que se trata do período da intensificada migração dos poloneses ao continente sul-americano que ocorreu na primeira metade do século XX. A ação de *Pampa* envolve um período de vários anos.

Um papel importante na vida dos protagonistas cabe à natureza. Para os poloneses que estavam dando no Brasil os seus primeiros passos, a selva se apresentava como um lugar hostil, maléfico e repleto de répteis venenosos, que representavam uma ameaça para a vida humana. O que dava vantagem à natureza era o fato de que os migrantes, como pessoas não adaptadas à vida em tais condições, nem sabiam o que representava um perigo para eles. Não se davam conta dos perigos com que podiam defrontar-se³⁵.

No romance de Krawczyk aparece também a descrição da vida nos pampas. O narrador apresenta o primeiro enlevo de Antek com o novo lugar, que “envolvia toda a sua atenção”. As andanças do personagem principal pelos pampas são repletas de imprevisíveis e perigosas aventuras, das quais sempre consegue sair graças à sua força e coragem. Graças às viagens do protagonista pelos pampas, o leitor conhece não apenas a geografia do terreno, mas também as obrigações e os costumes das pessoas que ali residiam. As peripécias de Antek servem para obter informações a respeito da vida dos brasileiros.

Em sua obra Krawczyk muitas vezes enfatiza que os emigrantes poloneses se viam como estranhos no mundo brasileiro. Não apenas tratavam os nativos como estranhos, mas também eles mesmos eram percebidos da mesma forma por aqueles. O romancista põe nos lábios de muitos personagens a palavra “gringo”, que significa uma pessoa estranha ou estrangeira. Recebe essa denominação também o protagonista da narrativa. O fato de o rapaz não ser um habitante nativo do Brasil influenciou a sua decisão de não participar das escaramuças entre os partidários e os adversários do governo. Os colonos queriam isolar-se das questões com eles não relacionadas diretamente. Acreditavam que ali estavam para criar um novo lar e trabalhar por uma vida melhor, não para envolver-se em assuntos cuja essência não compreendiam.

35 J. KRAWCZYK, *Pampa*, Lublin, 1986, p. 6.

Minuano é o último dos romances de viagem de autoria de João Krawczyk publicado em língua polonesa na Polônia em 1988. O livro publicado no país natal do escritor despertou um grande interesse. Os autores das resenhas chamavam a atenção, por exemplo, para a ação célere, para a forma de desenvolver a narrativa e aos assuntos dominantes na obra, isto é, a história do gaúcho Leivas e o dia a dia de uma colônia polonesa, que constituem o pano de fundo de todo o romance³⁶.

Despertou controvérsias entre os pesquisadores o título do livro de Krawczyk. Literalmente, “minuano” significa um vento forte, frio e cortante que sopra no Sul do Brasil³⁷. No romance, esse é o nome de um dos protagonistas. Fazer dele o personagem principal parece injustificado, visto que o sujeito aparece na obra literalmente poucas vezes. No entanto, alusões a ele aparecem desde o começo, durante o tempo todo do desenrolar da ação. Como se verifica no decorrer da leitura, ele é a “chave” para a solução de vários enigmas.

O romance de viagens de João Krawczyk é dividido em vinte capítulos, aos quais o escritor deu títulos que prenunciam o desenrolar dos acontecimentos. Já com base neles o leitor pode imaginar o conteúdo das diversas partes da obra. Merece atenção a narrativa, que se diferencia dos romances anteriores do escritor. O narrador é um rapaz adolescente que muitas vezes confia ao leitor as suas observações e vivências interiores. A ação da obra se desenvolve principalmente entre os imigrantes de origem polonesa que deixaram o país natal e se estabeleceram numa colônia no Brasil. São eles os protagonistas do romance. Entre eles vive também um menino chamado Staś, que descreve a vida dos colonos, mas também dos habitantes da selva e dos pampas. Graças a isso o leitor conhece as dificuldades com que se defrontam os habitantes do distante continente e pode conhecer as suas predileções e opiniões sobre a vida em diversas regiões do Brasil. O menino que apresenta as dificuldades diárias dos seus compatriotas é curioso de conhecer o mundo e por isso descreve detalhadamente todos os lugares conhecidos. A esse respeito o jovem protagonista está próximo do receptor.

36 Cf. M. SOKOŁOWSKA, Pogoń za przygodą. *Nowe Książki*, 1989, n. 8, p. 44-45.

37 <http://en.wikipedia.org/wiki/Minuano>, acesso 25.04.2016.

Ao se familiarizar com o conteúdo de *Minuano*, o leitor encontra um protagonista narrador que lhe facilita a viagem pelas áreas do longínquo continente e o conhecimento até dos mais perigosos recantos do Brasil.

Em determinados momentos os fatos ocorrem na selva e nos pampas. O protagonista descreve os lugares em que se encontra e as histórias das pessoas com as quais se encontra. A fábula é característica do gênero do romance de aventuras e envolve um período de “dois-três anos”³⁸.

Os protagonistas do romance não são apenas os imigrantes de origem polonesa, mas também representantes de outras nacionalidades, como os portugueses, os negros e os judeus. Há entre eles pessoas idosas, adultas e crianças. Torna-se visível a divisão em pessoas honestas e justas e delinquentes. No livro falta, no entanto, a vitória do bem sobre o mal, tão universal e esperada pelo leitor. Os comportamentos negativos não são castigados.

No romance *Minuano* aparece a descrição das atividades diárias dos imigrantes de origem polonesa. Faziam parte das tarefas dos colonos o cultivo da terra e a criação de animais, o que lhes assegurava a renda e era a fonte básica do seu sustento. A vida na colônia não era fácil. O trabalho pesado e as renúncias tornavam-se indispensáveis para a sobrevivência.

O narrador apresenta igualmente a vida das pessoas que moravam nos matos de Palmeira. Na selva grassavam animais selvagens, viviam répteis, cobras e outras criaturas que significam uma ameaça mortal não apenas para a vida humana, mas também para a criação dos animais. A selva selvagem não era amistosa sobretudo para quem não estivesse acostumado à vida em tais condições.

No romance *Minuano* não transparece o motivo da estranheza. Os imigrantes de origem polonesa não se sentiam estranhos no novo país. O lugar em que se estabeleceram era amistoso. A nacionalidade não era um obstáculo para travar conhecimento com os habitantes nativos. Por um lado, os imigrantes queriam integrar-se na população local, mas, por outro lado, queriam preservar a sua diversidade.

38 M. SOKOŁOWSKA, op. cit., p. 44.

Eles gostavam muito de preservar todos os costumes trazidos da Polônia, de acordo com eles viviam e os transmitiam às gerações seguintes. Mas isso não podia conformar-se com a realidade. Vivendo no Brasil, eles tinham de assumir as normas ali vigentes. Os colonos da Polônia eram percebidos pelos brasileiros de forma positiva. Mas esses colonos nem sempre viam com bons olhos os demais habitantes do Brasil.

O romance *Minuano* é um livro que contém muitas descrições interessantes da natureza do país ao qual tinham vindo os compatriotas do romancista. A obra é interessante também em razão das descrições das paisagens e do relacionamento dos poloneses com aquelas regiões. No romance percebe-se a suavidade da natureza, que não é inimiga das pessoas vindas de um país distante. *Minuano* é um livro interessante para o leitor polonês, que durante a sua leitura tem a possibilidade de conhecer as tarefas diárias dos seus compatriotas que vivem no Brasil.

As reflexões acima a respeito da obra literária de João Krawczyk relacionam-se exclusivamente com os seus textos publicados na Polônia. Merece atenção a forma como o próprio Krawczyk se apresenta na elaboração da sua biografia. Não há dúvida de que o escritor quer apresentar-se ao leitor como uma pessoa de sucesso. Dos textos de sua autoria aflora uma pessoa feliz e realizada, que atribui o seu sucesso na vida exclusivamente à emigração ao Brasil. Na prosa ficcional, entretanto, João Krawczyk apresenta o relacionamento dos protagonistas-imigrantes de origem polonesa com a natureza que os cerca e a forma como eles percebem o “mundo brasileiro”. O escritor apresenta igualmente o relacionamento existente entre colonos de diversas origens étnicas.

RESUMO-STRESZCZENIE

Artykuł przedstawia sylwetkę Jana Krawczyka (1916-1996), jednego z najwybitniejszych przedstawicieli inteligencji polonijnej w Brazylii. Krawczyk urodził się w Polsce i jako 10-letni chłopiec wyemigrował z rodziną do Brazylii, gdzie następnie spędził całe swoje życie. Był publicystą i pisarzem, odzwierciedlając w swoich utworach życie polskich emigrantów w tym kraju oraz ich relacje z nowym środowiskiem, z zachowaniem – w miarę możliwości – polskich obyczajów i tradycji, słowem, dziedzictwa polskiej kultury. Jako pisarz Krawczyk opublikował dwie książki o podłożu autobiograficznym – „Z Polski do Brazylii” (wspomnienia z lat 1916-1937) oraz „Ochotnicy z Rio”. W prozie fikcjonalnej napisał powieści „Ivagone”, „Pampa” i „Minuano”. Wszystkie te dzieła, wydane w Polsce, zawierają wizję „brazylijskiego świata” w perspektywie spojrzenia tego wybitnego twórcy literatury polskiej w Brazylii.

ATORES SOCIAIS E A POLONIDADE: PREOCUPAÇÕES COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA

*Remy FREDER**

*Schirlei Mari FREDER***

Introdução

A motivação para escrevermos esse artigo é no sentido de contribuirmos nas reflexões acerca de alguns fatos que temos observado em nossa comunidade étnica. Nos últimos anos, temos investido um esforço pessoal em buscarmos dados de nossos antepassados juntos às comunidades de origem: Cruz Machado, Mallet, Rio Claro do Sul, Irati e Palmeira. Nessas visitas temos percebido alguns aspectos do patrimônio material e imaterial, fragilmente mantidos e/ou preservados.

Nas conversas com os moradores, notamos que muitos deles desconhecem, por exemplo, uma antiga escola ou capela, sendo um elemento legítimo representante de uma cultura e de um povo que passou por ali. Diante dessa e de tantas outras situações, percebemos que estamos, de fato, diante de um momento um tanto delicado quando se trata da manutenção da cultura. Mas esse momento delicado não surgiu agora, podemos dizer que veio se agravando nas últimas décadas. Porém, o momento atual é muito mais sério, pois corremos o risco de perder diversas entidades e com isso também elementos e/ou códigos de nossa cultura.

* Descendente de poloneses, natural de Cruz Machado/PR, mora em Curitiba/PR. É comerciante há mais de 45 anos, contribuindo para o desenvolvimento de Curitiba e é inventor da cerca paliteiro, muito disseminada pelo Brasil.

** Descendente de poloneses, natural de Curitiba/PR, mora em Curitiba/PR. É doutoranda no Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Mestre em Gestão Urbana (PUCPR) e Administradora.

A polonidade no Brasil é representada, portanto, por uma grande rede de entidades e grupos informais que realizam uma infinidade de atividades que expressam os diversos símbolos da cultura polonesa. E sabemos que num país continental como o Brasil, cada território, cidade e estado tem suas peculiaridades e demandas específicas e é a partir disso que os atores sociais se organizam para representar sua cultura.

Quanto a essa problemática levantada nesse artigo, não temos respostas e sim, indagações. E acreditamos que essas indagações nos levem para importantes debates que, sugerimos, pudessem ser levados para cada comunidade. Desse modo, as questões que trazemos são relacionadas ao papel dos atores sociais, que fazem parte de cada comunidade, na manutenção/preservação e ressignificação da cultura polonesa. Até onde vai a responsabilidade e o compromisso de cada ator que está inserido em cada grupo?

A vinda dos poloneses para o Brasil

No Brasil, os poloneses chegaram a partir de dois grandes movimentos migratórios. Esse movimento foi motivado pela busca de melhores condições de vida para diversas famílias polonesas que naquele momento buscavam novas possibilidades fora do país de origem, a Polônia. Desses movimentos migratórios originaram-se milhares de descendentes que residem em diversas cidades e estados brasileiros¹. O primeiro movimento migratório foi iniciado a partir de 1820 — com a chegada dos primeiros intelectuais, profissionais das áreas de medicina, engenharia, ciências naturais e pesquisadores, que mantinham contratos com o governo ou institutos de pesquisa —, e o segundo, instigado por motivações econômicas, ocorreu entre 1870 e 1914, trazendo mais de 100 mil poloneses² para o Brasil (MALCZEWSKI, 2007).

1 Não há consenso acerca da população polonesa (imigrantes e seus descendentes) no Brasil. Há estimativas de que se situe entre 800 mil e 1,5 milhão. Entretanto, lideranças polonesas estimam em até 3 milhões. Não há dados estatísticos mais precisos (MALCZEWSKI, 2010).

2 Cabe mencionar que o termo “poloneses” é discutível, pois no período de 1795 as regiões da Polônia eram comandadas, ao leste pela Rússia, oeste pela Prússia e o sul pelo Império Austríaco. Em razão disso quando da chegada dos primeiros poloneses em 1871 a Polônia ainda não era uma nação independente, conquista essa alcançada em 1918.

Procurando resgatar contextualizadamente uma linha histórica da inserção polonesa no Brasil, temos registros da importante influência em diversos campos, entre eles, a arquitetura, costumes religiosos, a gastronomia, metodologias ligadas tanto ao ensino do idioma quando às metodologias educacionais dos poloneses e seus descendentes que vivem no Brasil.

No Brasil, principalmente na região Sul, os poloneses constituem um dos mais representativos grupos étnicos, cujas marcas podem ser facilmente identificadas nos bairros e cidades que criaram ou passaram a ocupar. Os poloneses, ao longo das gerações que se seguiram aos primeiros imigrantes, transplantaram valores, costumes e instituições, o que culminou por formar uma nova cultura polono-brasileira, muitas vezes com claras particularidades locais. A história de cada grupo é claramente perceptível em diferentes cidades brasileiras, como resultado de esforços de quatro, cinco ou seis gerações que contribuíram com conhecimentos de diferentes dimensões para definir identidades de lugares e cidades.

Portanto, no caso do Brasil, entre os vários grupos étnicos que ajudaram a formar a nossa sociedade e riquezas culturais, está o grupo polonês. A influência polonesa nas comunidades perpassa também diversas contribuições sociais (a) da cultura familiar e organização do trabalho, com reflexos no fortalecimento e desenvolvimento local; (b) do envolvimento com questões sociopolíticas de territórios e da cidade; (c) de influências na arquitetura e paisagem da cidade; (d) de costumes e tradições incutidos por meio de festividades e celebrações religiosas e populares.

Além de influências sociais e culturais, como evidências do potencial de contribuição dos poloneses para a formação de contextos urbanos brasileiros, podem ser tomadas como exemplos as atuações dos recém-chegados no Paraná nos primeiros movimentos migratórios, que atuavam como artesãos, ferreiros e sapateiros, dinamizando, assim, o comércio e a indústria local. Contribuíram significativamente na inovação de técnicas construtivas e da carpintaria, na introdução de moinhos de cereais para abastecer cidades, bombeamento de água etc. (DVORAK, 2013).

São diversas e múltiplas as influências dos poloneses em terras brasileiras, que são mais fortemente percebidas naquelas que receberam os

maiores contingentes dessa etnia nos processos imigratórios. Como maiores populações e descendentes, atualmente se destacam cidades do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Com influências relevantes há também comunidades polonesas nos estados de São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro, mas menos numerosas (MALCZEWSKI, 2007).

Elementos e expressões de uma cultura

Os diversos elementos e expressões de uma cultura são demonstrados na maioria das vezes por atores sociais que se inserem em entidades, organizações formais e informais e grupos culturais e religiosos.

Por sua vez, essas entidades e edificações são geridas na maioria dos casos por voluntários, descendentes de poloneses, que com muito esforço e dedicação exercem as mais diversas funções para que a entidade realize suas atividades e cumpra sua missão. Ocorre em alguns casos que algumas entidades não têm conseguido repassar a gestão para seus sucessores, tanto em aspectos vinculados à área administrativa e jurídica das entidades quanto em relação à missão institucional, muitas vezes desatualizada.

Mas a situação da comunidade é consequência do que vem ocorrendo há décadas e não surgiu da noite para o dia. Porém, o momento atual é muito mais sério, pois corremos o risco de perder algumas entidades e com isso também elementos da cultura. A perda pode ocorrer por diversos motivos, que vão desde:

- Falta e/ou insuficiência de recursos físico-financeiros;
- Falta de habilidade política para prospectar parcerias em prol das entidades;
- Dificuldades de relacionamento dentro da própria comunidade étnica tanto intraorganização quanto extraorganização;
- Problemas jurídicos e burocráticos;
- Etc.

Para dar sustentação aos argumentos que traremos, vamos inserir algumas citações e referências de materiais que acessamos nesse estudo. Em um deles, a autora Karwinska (2010) nos apresenta argumentos que cabem na análise desse contexto de nossa comunidade. Vivemos em um mundo cada vez menor e vemos cidades e países cada vez mais intimamente ligados econômica, política e culturalmente (KARWIŃSKA, 2010). Dessa forma, recebemos e enviamos nossas visões de mundo e nossos valores que, por muito tempo, tenderam a se afastar, e que agora se aproximam. Essas trocas também se refletem nos elementos de uma cultura e conseqüentemente em uma comunidade étnica.

E em uma comunidade étnica, como lidar com essas questões de troca de interculturais?

Sob o ponto de vista da etnicidade, alguns estudos apontam que os próprios atores sociais envolvidos nos processos culturais, podem manter e/ou simplesmente eliminar elementos de uma cultura. Sim, cada um de nós, que se identifica como ator social em um processo cultural tem algumas responsabilidades no momento de transmitir e manter uma cultura. Vejam que mesmo com as mudanças geográficas, nossos antepassados procuraram adaptar o que foi possível para que conseguissem manter vivas algumas tradições e códigos culturais que representam o povo polonês.

E a etnicidade vai além da definição de culturas específicas, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos, assim como as exigências do momento histórico do qual fazem parte (LUVIZOTTO, 2009). Aqui se encontra um ponto importante nessa reflexão, que é em relação às maneiras com as quais nossas comunidades acionam ou não os elementos de identificação com a polonidade, em dado momento histórico.

Nessa perspectiva, os poloneses podem ser vistos como construtores de uma cultura particularizada a partir de significados, narrativas e modos de fazer distintivos, com reflexos objetivos em diferentes dimensões da vida (GARAPIC, 2012, p.39), como, por exemplo, nas diferentes dimensões que atribuem identidades a territórios e cidades.

Ao buscar-se a interpretação desses códigos deixados por estas diversas culturas, entre elas a polono-brasileira, é necessário adotar algum cuidado na análise para que a mesma não seja por demais estratificada, que é o caso da análise arqueológica feita por camadas, pois este tipo de verificação se dá para a cultura material “morta e enterrada para sempre”, pois esta não sofre mais alterações conforme afirma Mumford (1998, p. 28).

Porém o que importa nessa nossa reflexão é observar uma cultura que ainda permanece ativa e apresenta códigos também de natureza não material que sofreram descontinuidades ou interrupções, mas mesmo assim são passíveis de serem detectadas, conforme afirma Mumford:

[...] a cultura não material é de natureza grandemente fibrosa; embora seus longos fios possam muitas vezes ser rompidos, perpassam todas as camadas e, mesmo quando não visíveis, podem desempenhar um papel importante (MUMFORD, 1998, p.28).

Percebam como é possível identificar diversos sinais de nossa polonidade entre os tecidos de nossa sociedade brasileira. Mesmo que em algumas comunidades esses elementos estejam enfraquecidos, estão ali, aos cuidados desses atores sociais que decidem em que momento ela pode ser ativada e em alguns casos, esquecida.

Na tabela abaixo, trazemos algumas definições de alguns conceitos que julgamos serem importantes para essa reflexão que são: o que são os códigos culturais, memória e a multiculturalidade.

Tabela 1 – Definição conceitual de Códigos Culturais, Memória e Multiculturalidade

Conceitos	Definição
Códigos Culturais	Os códigos culturais estão presentes em todos os contextos das cidades e dos territórios, pois esses são construídos pelos vários grupos étnicos. São grupos que, por meio de seus saberes e de sua cultura, atribuem identidades a lugares e formam paisagens específicas (SLODKOWSKI, 2009).

<p>Memória</p>	<p>Ao referir-se à memória, Troya (2013) deixa claro que existem três conceitos fundamentais quando abordamos o tema: memória, memória social e política histórica ou política de memória.</p> <p>Troya cita a abordagem do historiador alemão Jorn Rusen, que afirma que por meio da memória entendemos o passado e que mesmo nos processos sociais contemporâneos, continua atual quando utilizamos a atividade mental. Sendo assim, a memória social passa a ser interpretada como um agrupamento de ideias que abordam o passado social e esse existe na sociedade de massa e individual “incluindo os seus aspectos cognitivos, imaginativos e emocionais” (TROYA, 2013, p.10-11).</p>
<p>Multiculturalidade</p>	<p>A etnia é um dos difusores da multiculturalidade, se manifestando a partir de um sentimento subjetivo de pertencer a um grupo étnico ou a uma determinada nação, associado a critérios objetivos simultâneos e, normalmente, relacionado com a ascendência do indivíduo e com valores e crenças que preservam e que procuram reproduzi-los e vivenciá-los (GÓRNY e PUDZIANOWSKA, 2010).</p>

Fonte: Elaborada pelos autores.

Portanto, a preservação de uma determinada cultura é um ato voluntário de um grupo étnico, por isso os processos intracomunidade são fundamentais para que se defina o que fica e o que será alterado em sua cultura. Já, independente da vontade interna do grupo, as transformações culturais motivadas por forças externas são assimiladas e influenciam determinada cultura.

[...] Quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se

tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram. Como consequência, é absolutizado um modo de entender a identidade e são rejeitadas maneiras heterodoxas de falar a língua, fazer música ou interpretar as tradições. Acaba-se, em suma, obturando a possibilidade de modificar a cultura (CANCLINI, 2008, p.23).

Mesmo assim, há o risco de, por exemplo, edificações e estruturas institucionais sejam postas de lado por uma ou mais gerações. Em alguns casos um dado patrimônio edificado pode ser mantido, porém negado por uma geração, fazendo com que este equipamento seja uma “cicatriz” no tecido social daquele grupo étnico.

[...] suas estruturas duram mais que as funções e finalidades que originalmente lhe deram forma, a cidade algumas vezes preserva para o futuro ideias que foram insensatamente postas de lado ou rejeitadas por uma geração passada; mas, quanto ao aspecto negativo, transmite às gerações posteriores inaptações que poderiam ter sido lançadas fora, caso não se houvessem materializado na cidade, deixando nela a sua marca – assim como o próprio corpo transmite, sob forma de uma cicatriz ou de uma erupção recorrente, alguma dolorosa ofensa ou desordem ocorrida há muito tempo (MUMFORD, 1998, p.113).

Das referências encontradas em determinado espaço, deve-se levar em conta o tempo presente que agrega consigo o passado e o futuro. É no tempo presente que se formulam os significados, as configurações e avaliações do passado e que virá a ser (SILVA, 2011, p.16).

Cabe mais uma pergunta: Nesse tempo presente de que maneira estamos zelando pelos patrimônios material e imaterial de nossa etnia?

Conclusão

Esperamos ter apresentado elementos importantes para uma reflexão que cabe a cada um de nós e que diz respeito à manutenção de nossa cultura polono-brasileira. Vimos diversos argumentos referentes a uma cultura. A polonidade no Brasil é representada por um grande número de entidades e grupos que compõe uma espécie de rede, que está interconectada pelos mesmos códigos culturais e pelos mesmos ideais.

Mesmo com dinâmicas locais próprias e cada entidade ou grupo tendo sua missão específica, acreditamos que ações conjuntas sejam um dos caminhos para o sucesso da manutenção da cultura. Mas essa decisão cabe apenas aos atores sociais, pois, como vimos ao longo desse texto, eles tem o “poder” de manter ou eliminar elementos que podem até descaracterizar uma determinada cultura.

A título de exemplo de esforços em ações conjuntas, podemos citar o que está mais próximo de nosso cotidiano. Em Curitiba existem oito organizações³, formalmente constituídas, que representam a cultura polonesa. Cada uma delas tem uma missão específica e se organiza de diversas maneiras para manter e preservar os diversos elementos da cultura polonesa. Essa representação das entidades é em nível nacional, sendo que algumas delas já apresentaram trabalhos e projetos na Polônia. Em diversos momentos nesses últimos anos, mais recentemente, vê-se um esforço para se unirem e realizarem ações conjuntas, dessa forma otimizam recursos, fortalecem relações intracomunidade e contribuem de modo significativo para a manutenção da cultura.

Por isso, finalizamos esse texto trazendo a pergunta que fizemos lá no início:

Até onde vai a responsabilidade e o compromisso de cada ator social, que está – ou não – inserido em cada grupo, com a manutenção de sua cultura?

3 Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kosciuszko, Sociedade Polono-brasileira Marechal Józef Pilsudski, Braspol, Sociedade União Juventus, Memorial da Imigração Polonesa Papa João Paulo II, Folclore Polonês Wisla, Conjunto de Canto e Dança Junak e Casa da Cultura Polônia Brasil.

Referências

- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- DVORAK, Anna Katherine. *A hidden immigration: the geography of polish-brazilian cultural identity*. 2013. 228 p. Orientador: Stephen Bell. University of California, Los Angeles.
- GARAPIC, Michał P. Between cooperation and hostility: Constructions of ethnicity and social class among polish migrants in London. *Studia Sociologica*, 2, p. 31-45, 2012.
- GÓRNY, Agata e PUDZIANOWSKA, Dorota. *Report on Poland*. Badia Fiesolana, Italy: European University Institute Badia Fiesolana, 2010.
- KARWINSKA, Anna. *The importance of cultural diversity for the processes of social life*. Krakow: Cracow University of Economics, 2010.
- LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Etnicidade e identidade étnica*. In: *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. Editora Unesp, (Org.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- MALCZEWSKI, Zdzislaw. *Polônia e polono-brasileiros: história e identidades*. Curitiba: Vicentina, 2007.
- _____. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil. *Polonicus - Revista de reflexão Brasil - Polônia*. 2010.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. *Cartografia dos tempos urbanos: representações, cultura e poder na cidade do Natal (década de 1960)*. Natal: EDUFRN, 2011.
- SLODKOWSKI, Aline Carlise. A cultura polonesa no município de Guarani das Missões-RS: uma contribuição para o ensino da geografia nas 3ª séries do ensino fundamental. *10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia*.
- TROYA, Sergey. *Construção de "um espaço de memória comum" nas relações ucraniano-polonesas*. In: *Brasil-Ucrânia: Linguagem, cultura e identidade*. José Adilçom Campigoto e Regina Chicowski, (Orgs.). Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p. 156.

RESUMO – STRESZCZENIE

Emigranci polscy osiedlając się w Brazylii przywieźli ze sobą wiele przejawów polskiej kultury. Wraz z następującą zmianą pokoleniową wiele wartości kulturowych było również przekazywanych dla kolejnych generacji emigracyjnych. Jednak z biegiem czasu niektóre z nich zanikają. Autorzy artykułu wyrażają zaniepokojenie o polskie bogactwo kulturowe. Jakie winny być poczynione przedsięwzięcia, aby uratować dziedzictwo kulturowe polskiej emigracji w Brazylii? Oto pytanie, nie tylko autorów publikowanego tekstu...

OS POLONESES E O CHIMARRÃO: ELO DE INTEGRAÇÃO À CULTURA E COSTUMES DE UMA NOVA PÁTRIA

*Milton José ALLEGRETTI **

Sendo descendente de poloneses, quando era menino, ouvia quase quotidianamente minha mãe, Elisabetha Zielak, convidar as suas vizinhas para tomar um mate... ou chimarrão. Assim ela as chamava: “Maria, do kujki!” – traduzindo livremente: “Maria, vamos à cuia!”.

As pessoas que se avizinham se reuniam para tomar chimarrão, a qualquer hora do dia.

De manhã, ao redor do fogão, antes do café. Na hora do almoço, a pretexto de abrir o apetite. À tarde, após as lidas diárias, para conversar e trocar ideias, ensinar ou aprender um novo ponto de tricô, crochê..., falar do trabalho, dos filhos, dos maridos, dos vizinhos e até da Polônia, sendo a Polônia um lugar distante, mas muito presente no seio dessa gente. Mateando junto a uma roda de amigas, nas áreas das casas, nos alpendres dos ranchos, à sombra de alguma árvore. Não importava se fazia calor ou frio. O chimarrão tanto aquecia como refrescava.

Seriam os anos entre 1960 e 1970, no Rio Grande do Sul, mais precisamente no Município de Erechim, ao qual pertencia a localidade onde nasci: Áurea – 2º Distrito dessa Comarca. Hoje é considerada a localidade brasileira com o maior percentual de habitantes de origem polonesa.

Mas vamos voltar um pouco no tempo...

A origem do chimarrão

* Licenciado em Letras, professor e empresário.

O naturalista francês Auguste de Saint Hilaire, após sua viagem pela América e ao Rio Grande do Sul, conforme registros, em 22 de setembro de 1820 propôs à Academia de Ciências do Instituto de França a designação de “*Ilex paraguariensis*” (ou “*Ilex mate*”) a uma planta aqui encontrada. Segundo o proponente, era costume dos índios de todo o Sul da América do Sul, que compreende no Brasil atual o Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, bem como o Paraguai, o Uruguai e a Argentina, tomar essa infusão de várias maneiras, colocando a erva em porongos (cuias), pequenas cabaças de argila, em chifres de gado cortados (guampas), ou qualquer utensílio em que pudessem colocar a erva-mate e por cima a água.

Fosse quente, mais no Brasil, Uruguai e Argentina – era chamada de chimarrão. Fosse fria, no Paraguai e no norte da Argentina – chamava-se tereré ou tererê. Para sorver a infusão desse líquido de cor verde-escura, os índios utilizavam um pedaço de taquara fina, ou bambu, com furos no entrenó, que ficava submerso, onde enrolavam finos cipós como um filtro para não entupir o bulbo. Depois disso se chamou de “bomba de chimarrão”. Essas bombas passaram a ser feitas de metal: alpaca, cobre, ferro, aço, prata e até ouro. E finalmente uma vasilha com água quente ou fria. A esse conjunto de apetrechos chamou-se “avios de mate”: cuia, bomba e chaleira.

Segundo Auguste de Saint Hilaire, o mate possuía propriedades medicinais, as mais variadas.

A expansão do chimarrão

Um dos maiores fatores para a expansão da bebida foi a vinda dos Jesuítas, que se adaptaram ao hábito de tomar mate, em todas as missões e províncias da região sul da América do Sul. E a cada imigrante que chegava, o chimarrão virava costume, para não dizer hábito, vício.

Essa planta se transforma em produto mercantil e começa a ser industrializada, deixa de ser exclusivamente colhida na mata nativa, para virar plantações de ervais, cujo manejo envolvia cada vez mais pessoas. E para o preparo, construía galpões para a secagem, moagem, armazenamento, os denominados barbaquás.

Os “avios de mate” igualmente levam à abertura de pequenas indústrias por espanhóis, portugueses e imigrantes de várias etnias. Fabricam-se cuias com relevos decorativos, com aros de metal, polidas, requemadas... Bombas de chimarrão as mais diversas, com boquilhas de prata, ouro, incrustadas com pedrinhas coloridas, gravadas com iniciais, brasões... Chaleiras de vários formatos, de ferro fundido, lata, alumínio, cobre.

A produção da erva-mate precisa ser distribuída para os centros consumidores, e surgem então os produtos decorrentes dessas viagens muitas vezes longas: carroções, carroças, rodas, arreios para animais de tração, sacaria para acondicionamento, entrepostos para pernoite. Conclui-se, pois, que a erva-mate “*Ilex paraguariensis*” é acertadamente chamada de OURO VERDE!

Os poloneses – costume e trabalho

Nesse contexto chegam os poloneses, nas diversas levas de imigração. Adotam o chimarrão facilmente, tendo muitos colhido em suas próprias áreas de terra a erva-mate nativa, o que lhes dava algum aporte financeiro, além de alimentar e aquecer o corpo, acalantar a alma e unir as pessoas – oriundas polonesas e gerando a miscigenação de raças.

Muitos poloneses ou polônicos que viveram naquela época obtiveram sucesso através dessa atividade. Prosperaram e criaram seus filhos. Hoje, muitos descendentes dos imigrantes poloneses estão ligados a essa cultura extrativista, seja plantando, colhendo, transformando ou exportando.

Nos dias atuais a erva-mate transformou-se em chás naturais, mesclados com outras frutas, ou misturados com outras ervas, empacotados para os mais diversos destinos do Brasil e do exterior.

Os polônicos de várias regiões também estão ligados através da fabricação de cuias, bombas de chimarrão, peças decorativas, artesanatos.

Os poloneses – linguagem e cultura

A partir dessa planta um tanto quanto desconhecida para os poloneses que aqui chegavam, várias palavras foram sendo criadas e utilizadas, formando

Artigos

um linguajar pitoresco mas de muito valor linguístico, demonstrando que a linguagem é dinâmica e evolutiva em qualquer lugar do planeta.

Alguns vocábulos apolonesados relacionados com a cultura da erva-mate

aroba – arroba (de erva-mate é 15 kg)

barakon – barracão

barbakwa – barbaquá (galpão onde se processa a erva-mate)

bomba – bomba (de chimarrão)

guampa/gwampa – guampa, chifre do gado vacum

herwa – erva-mate

herwal – erval, plantação de erva-mate

herwiarz – ervateiro, que lida com erva-mate

herwowy – de erva-mate, de erva-mate (pé, muda)

kansion – cancha (onde se bate a erva-mate)

kansiować/kanszować – canchar (bater a erva-mate)

kareton – carretão

karosa – carroça

karyzio/karyż – carijo (para crestar a erva-mate)

kauna – caúna, erva amarga, de gosto ruim, com folha similar à erva-mate

kuja – cuia (de chimarrão)

kujka – diminutivo de cuia

porunga/purunga – porongo (cabaça, cuia de chimarrão)

sapekować – sapecar (chamuscar a erva-mate)

simaron = *szymaron*

soket – soquete (espécie de pilão para moer a erva-mate)

szalejra/szalera – chaleira

szymaron – chimarrão

takuara/takwara – taquara (para confecção de fardos de erva-mate)

tulja – tulha (depósito de erva-mate)

Tais palavras novas, que se incorporavam ao “dialeto” polono-brasileiro, eram correntemente utilizadas na linguagem falada. Por

necessidade, acabavam também entrando na linguagem escrita, quando o autor abordava questões relacionadas com a cultura da erva-mate.

Comprovam isso, por exemplo, as frases abaixo:

- *Wśród wiekowych piniorów, imbui i perob rosły tu drzewa herwowe, bogactwo tych stron.*

(Em meio aos seculares pinheiros, imbuias e perobas, cresciam aí pés de erva-mate, riqueza daquela região.)¹

- *Fuma i szymaron rozwiązują języki.* (O fumo e o chimarrão soltam as línguas.)²

Conclusão

Retornando da década de 1960/1970, época de minha infância e adolescência, em que cresci em meio à comunidade polônica, para colocar o que concluo hoje (2017), cinquenta anos depois, chego às seguintes ponderações:

A imigração polonesa tendo em vista uma nova realidade nos mais variados aspectos: costumes, tradições, linguagem, vestimenta, clima, geografia, etc., absorveu – podemos assegurar, num curto espaço de tempo, considerando que a Polônia é um Estado milenar – o novo “modus vivendi” que encontrou no Brasil. Em que pese a forte determinação por parte do governo na Europa em aqui formar uma “Nova Polônia”³, mantendo ao máximo a maneira de viver, seus costumes e tradições, a integração e aculturação acabou superando tudo isso. Ademais, se assim não fosse, ficaria isolada em alguns bolsões e recantos de nosso país. Certamente podemos afirmar que sucumbiria.

Mas essa assimilação e aculturação não implica que os polônicos se esqueceram do seu país de origem, que tanto amam.

Através de uma simples tradição da Região Sul do Brasil – o hábito de tomar chimarrão – chegamos a várias palavras criadas pelos colonos poloneses e seus descendentes para conseguir interagir com os habitantes que aqui viviam. Isso demonstra que a língua polonesa aqui utilizada, ao contrário do que alguns afirmam, não se “degenerou”, mas, ao contrário, mostrou-se viva,

¹ E. GRUDA. Saudade. Warszawa, 1955, p. 181.

² A. OLSHA. *Szumiaq dęby nad Iguassu*. Warszawa, 1958, p. 177.

³ Cf. J. MAZUREK. *A Polónia e seus emigrados na América Latina (até 1939)*. Goiânia, 2016, p. 131-146.

enriquecendo-se ainda mais. Muitos são os vocábulos criados, ao ponto de podermos chamar de “dialeto polono-brasileiro” a variante do polonês que esses colonos aqui criaram.

Finalizando, os imigrantes poloneses muito contribuíram para desenvolvimento de nosso país, com sua coragem, seu trabalho e sua determinação. E hoje continuam participando da construção do Brasil e de sua cultura. Estão presentes nas mais diversas atividades comerciais, industriais, administrativas, sociais e culturais, seja nos campos ou nas cidades. Podemos afirmar, enfim, que o povo que veio da longínqua e sofrida Polônia conquistou a América, e a nossa amada terra – o Brasil.

Biibliografia

FAGUNDES, Glênio Cabral Portela. *Cevando o mate*. 2.ed. Porto Alegre: Habitasul, 1980.

KAWKA, Mariano. *Os Brasileirismos no dialeto Polono-Brasileiro*. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 1982.

SÁ BRITO, Severino de. *Trabalhos e costumes dos gaúchos*. Porto Alegre: Editora Erus, 1975.

ZATTERA, Vera Beatriz Stedile. *Pilchas do gaúcho – Vestuário tradicional, arreios e avios do Mate*. Porto Alegre: Gráfica e Editora Pallotti, 1998, 2ª edição.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor artykułu, potomek emigrantów polskich w Brazylii ze strony matki, omawia niektóre aspekty życia tych emigrantów w nowej ojczyźnie. W szczególności porusza sprawę spożywania napoju „chimarrão” – w formie spolszczonej „simaron” albo „szymaron” – rodzaju herbaty, którą zaparza się na liściach drzewka „erva-mate” i pije bez cukru. Napój ten jest bardzo popularny w południowej Brazylii. Oprócz nazwy samego napoju, Polacy w Brazylii spolszczyli szereg słów związanych z uprawą i przetwórstwem tego produktu. Autor spostrzega w tym znamieny przykład przystosowania się do kultury kraju, w którym osadnicy polscy się osiedlili i gdzie znaleźli swoją nową ojczyznę.

O SURREAL POLONÊS AOS OLHOS DA ARTE

*„Chciałbym malować w sposób, który mógłby sfotografować sny”
“Eu gostaria de pintar de uma forma em que pudesse fotografar
os sonhos” (Zdzislaw Beksinski)*

*Izabel LIVISKI **

Aparentemente o movimento surrealista em seus primórdios não atingiu a porção leste da Europa, já que quase todas as referências se concentram na Paris da década de 1920, mas só aparentemente... essa importante corrente vanguardista que viria a definir o que hoje conhecemos por modernismo e que brotou no difícil momento histórico entre as duas guerras mundiais, ganhou dimensão mundial e influenciou e influencia artistas de todas as partes do mundo até os dias de hoje. Na Polônia não poderia ser diferente.

Antes de tudo, é importante dizer que o surrealismo é mais que movimento artístico, é antes um modo de pensar, um estado de espírito, uma revolução cultural, e a definição do que é “arte surrealista” é de difícil conceituação. Surgiu na literatura através da Revista *Littérature*, com André Breton, Louis Aragon e Phillippe Soupault como líderes e dando continuidade ao movimento Dadaísta, ao mesmo tempo que o superavam. O critério mais difícil para definir o que é, e o que não é “arte surrealista”, é o estético, sobretudo porque esse movimento nunca se definiu em função de considerações estéticas, e

* Fotógrafa e Professora, doutora em Sociologia pela UFPR. Foi a primeira mulher a trabalhar como fotojornalista no Jornal Gazeta do Povo em Curitiba-Pr. onde atuou durante 12 anos. Atualmente pesquisa questões da imagem ligadas a temas sociais, como presídios, comunidades socialmente vulneráveis, direitos humanos e inclusão visual. É articulista permanente, e Coeditora da Revista ContemporArtes, onde escreve sobre Fotografia e Artes Visuais (Coluna INcontros) e sobre a Cultura Polônica (Coluna Polonaises).

sempre deixaram claro que seus objetivos não eram o de “fazer arte”.

Segundo o próprio André Breton, “muitos daqueles que ouvem falar pela primeira vez do surrealismo preocupam-se em saber o critério que permite decidir se uma obra plástica é ou não surrealista. Será que é necessário repetir que esse critério *não é de ordem estética?*” (Breton Apud Ponge, 1991: pg. 17). Assim, concretamente é muito difícil entender o processo de surgimento do surrealismo sem compreender a época em que foi gestado e que seus membros vivenciaram. No centro do surrealismo está a avaliação de que “a situação está precária, muito precária”.

Ou seja, é um movimento surgido em um período de crise profunda para a existência humana, e assim surge a inquietação, a insatisfação e a busca de algo novo, de mudanças, sintetizado na frase de Apollinaire de que “o homem está à procura de uma nova linguagem”. O surrealismo histórico que durou aproximadamente até 1969 terminou, mas o “*surrealismo eterno*”, ou “o espírito surrealista, este, desaparecerá quando o homem não tiver outro limite para sua liberdade a não ser a fadiga de seus desejos. Quer dizer que o espírito surrealista ainte tem alguns milênios pela frente”. (Schuster, 1991: pg. 37).



Fotomontagem com os principais expoentes do movimento surrealista, 1929

Quanto às artes plásticas especificamente, alguns dos próprios surrealistas colocaram em dúvida a capacidade destas serem capazes de veicular as ideias fundamentais do surrealismo. No entanto, a expressão artística do surrealismo nos dias de hoje sob a forma de quadros, objetos e esculturas facilitou a difusão do movimento através do mundo.

Diferentemente da literatura em que a barreira das línguas constitui um obstáculo quase intransponível a linguagem visual universaliza os significados. “Assim, através dos quadros, dos objetos e das esculturas surrealistas, e às vezes, até através de sua simples reprodução nas revistas de arte, o surrealismo atingiu pessoas que jamais haviam lido um único artigo teórico ou crítico relativo aos próprios fundamentos do surrealismo.” (Pierre, 1991: pg. 81)

Um dos caminhos apontados por Breton para as artes visuais estendendo a elas os princípios utilizados pelo surrealismo na poesia, foi o *trompe-l'oeil* ** ou a fixação das imagens dos sonhos. Neste critério muitas obras podem ser aproximadas ao surrealismo, pois este movimento é bastante amplo, e tem na ambivalência e na ambiguidade suas características mais evidentes, e cujos princípios criativos influenciaram uma ampla gama de atividades começando na literatura, e passando pelas artes plásticas, cinema, fotografia, teatro, atingindo inclusive a arquitetura e o design.

Não é nosso objetivo neste pequeno artigo, esgotar as suas possibilidades que são infinitas. Assim, fazemos aqui um breve panorama tentando compreender um pouco mais esse movimento e refletir sobre sua influência sobre artistas poloneses mais antigos e outros mais jovens cujas obras, podem ser aproximadas ao movimento surrealista.

** Trompe-l'oeil é uma técnica artística que usa truques de perspectiva, criando uma ilusão ótica

Artigos

que mostra objetos ou formas que não existem realmente. Provém de uma expressão francesa que significa “engana olho”.



Trompe-l'oeil de Salvador Dali.

“Muito mais do que simples recurso às imagens oníricas ou ao inconsciente, as imagens surrealistas colocaram-se como questionamento da arte enquanto sistema de representação do mundo – e acabaram por questionar o próprio mundo representado, tentando propor um outro possível. Mas os objetivos superaram muitas vezes os próprios artistas e suas produções, embora esses tenham trazido novos elementos à arte, que foram fundamentais para a produção subsequente.” (Cattani, 1991: pg. 126, 127)

Zdzislaw Beksinski (1929-2005), pintor e fotógrafo polonês, foi definido como o ‘artista da apocalipse’, embora ainda pouco conhecido, realizou um trabalho magnífico e que sempre foi inspirado pelo imaginário do surrealismo. Beksinski produzia suas pinturas e desenhos em um estilo que ele chamava ora de “Barroco”, ora de “Gótico”. Seu principal estilo era dominado pela representação, com os exemplos mais conhecidos advindos do “realismo

Artigos

fantástico”, em que ele pintava imagens perturbadoras de ambientes “surrealísticos e atemorizantes”.



Pintura de Zdzislaw Beksinski

O pintor, desenhista e gravurista **Bronislaw Wojciech Linke** (1906-1962), se aproxima de alguns princípios surrealistas, embora sua arte desafie qualquer categorização. Linke expressou em sua produção artística, uma visão pessimista sobre o impacto da sociedade industrial e tecnológica.

Em suas obras, como no clássico *“Autobus”* ele mostra uma desumanização progressiva na sociedade contemporânea, criando visões das condições de vida deterioradas das pessoas associadas com os processos econômicos. Também a tradição do cartaz polonês e os trabalhos de outros expoentes atuais como **Jacek Yerka** (1952), e os desenhos das tatuagens de **Lukasz Sokolowski** (1983), por exemplo, revelam essa estreita ligação dos artistas poloneses com o surrealismo.



“Autobus” de Bronislaw Linke.

Inspirado por toda essa atmosfera da arte polonesa e sua “afiliação” ao movimento surrealista, foi que um grupo de União da Vitória no Paraná, realizou a primeira edição do *Surreal Polônês aos Olhos da Arte* em 2016, tendo a Prof.^a Marisa M. Klobukoski Marcon como idealizadora, com a coordenação de Ludmiła Pawłowski, professora de língua polonesa e de sua aluna Fernanda Strobino.

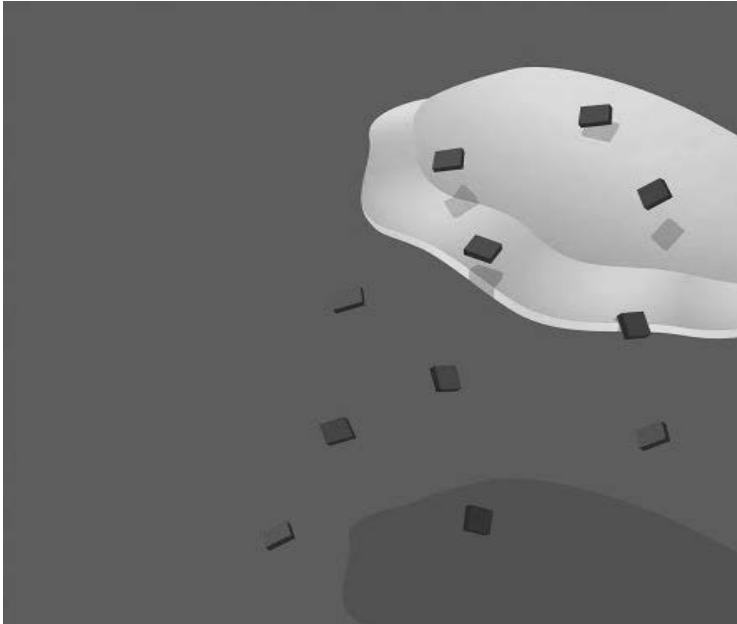
A exposição, de caráter itinerante tem o objetivo da universalização do conhecimento sobre a Polônia e a cultura polônica. Por isso, cada um dos artistas escolheu um tema para a análise criativa no contexto da Polônia, como religião, economia, política, natureza, educação, moda, amor, dança etc. Os materiais para a realização do projeto foram adquiridos por meio do apoio financeiro do Consulado Geral da Polônia em Curitiba, com a participação dos próprios artistas de forma voluntária.

Artigos

São ao todo 22 artistas participantes: Israel Checozzi, Simone Koubik, Marlon Bauer, Aclair Helena Bailke, Ulisses Teixeira, Eloir Amaro Júnior, Everly Giller, Maria Salette Strobino, Márcia Széliga, Heliana Grudzien, Ana Inêz Schreineiner, Keh Michelotto, Felipe Petola, Léo Ferreira, Janete Azeredo, André Brik, Izabel Liviski, Mari Inês Piekas, Elaine Stankiwicz, Claudio Boczon, Schirlei Freder, Juliana Kudlinski. Confira alguns dos artistas e suas obras, que irão expor seus trabalhos na edição de 2017:

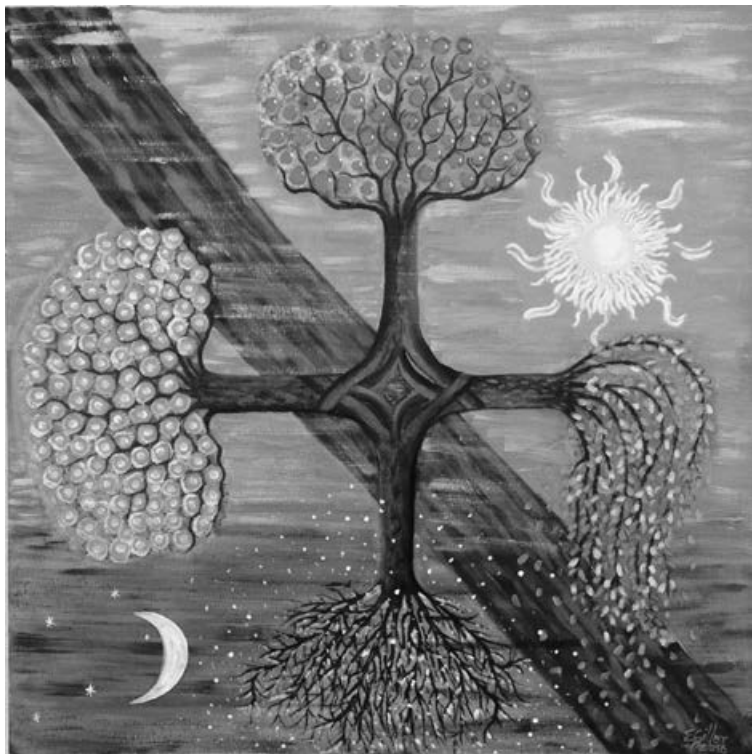
André Brik é curitibano, estudou Design Gráfico na School of Visual Arts e na Parsons School of Design em NY. Atua como Arquiteto, Ilustrador e Diretor de Arte. Seu trabalho tem a influência tanto do *Grafitti*, do surrealismo como também da criação gráfica publicitária da primeira metade do século passado: o cartazismo polonês e o “sachplakat”. Mas sempre com um toque de malícia e senso de humor bem brasileiros.

Sobre a obra “latający pieróg” (“o pierogie voador”), André diz: “Minha avó costumava fazer deliciosos pierogies, do tipo ‘ruski’ com recheio de batata e ricotta e coberto com cebolas fritas. Os dela não voavam, mas faziam você chegar nas nuvens.”



“Latający Pieróg” (pierogie voador) ilustração digital de André Brik

Everly Giller é curitibana, artista plástica e professora de língua polonesa. Sobre sua obra, *“Przyroda”* (“Natureza Surreal”) Everly diz, “Meu tema é a natureza como o próprio título indica, me inspirei nas 4 estações do ano que na Polônia são bem definidas e distintas. Representei as 4 estações com árvores diferentes que se entrelaçam entre si, formando uma cruz que simboliza a união, força e espiritualidade do povo polonês. Ao fundo evidenciei o grande Rio Wisła que corta o país de norte a sul.



“Przyroda” (Natureza Surreal) de Everly Giller

Izabel Liviski é também curitibana, fotógrafa e professora de sociologia e fotografia. Sobre seu trabalho comenta: “*Powstaliśmy z tych rzeczy, ktore sa wykonane z marzeń*” (“*Nós somos feitos da matéria de que são feitos os sonhos*”), é uma fotografia realizada em Varsóvia no ano de 2016. Trata-se do recorte de uma instalação colocada em frente ao Teatr Dramatyczny Warszawa, localizado no famoso Pałac Kultury, e que faz referência à Shakespeare e sua obra. Procurei captar a luz ambiente e fazer uma composição de forma a dar esse aspecto de sonho, de irrealidade através de imagens que se fundem e se diluem, uma metáfora da passagem do tempo e da vida...o título é uma frase atribuída ao próprio Shakespeare.”



“Nós somos feitos da matéria de que são feitos os sonhos”,
fotografia de Izabel Liviski



CASA DA CULTURA
**POLÔNIA
BRASIL**

Serviço:

Exposição “O Surreal Polonês aos Olhos da Arte”

Abertura: 30 de março de 2017, às 19:00 hs.

Local: Casa da Cultura Polônia-Brasil.

Rua Ébano Pereira, 502 Curitiba-Paraná.

<http://poloniabrasil.org.br>



Consulado Geral
da República da Polônia
em Curitiba

Todo o processo do evento e a exposição final receberam o apoio do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba.

<http://www.kurytyba.msz.gov.pl>



O acervo dos quadros que fazem parte do projeto pertencem à Associação Cultural Polono-Brasileira Karol Wojtyla de União da Vitória, no Paraná e todas as atividades relacionadas ao mesmo estão documentadas no website: <https://www.facebook.com/brasilpoloniasurrealismo2016/?fref=ts>

Referências:

Ponge, Robert (et all) - O Surrealismo (Literatura, Artes Plásticas, Teatro, Cinema, Arquitetura, Filosofia). Editora da Universidade (UFRGS), Porto Alegre: 1991.

Para maiores informações sobre o assunto:

“Pioneiras da Fotografia: Dora Maar e o Surrealismo”:

<http://www.revistacontemporartes.com.br/2015/06/pioneiras-da-fotografia-dora-maar-e-o.html>

“Imagens e Imaginários: as origens da fotografia surrealista”:

<http://www.revistacontemporartes.com.br/2014/09/imagens-e-imaginarios-as-origens-da.html>

“Rene Magritte faz escola: A arte fotográfica de Rodney Smith...”:

<http://www.revistacontemporartes.com.br/2015/04/rene-magritte-faz-escola-arte.html>

“Man Ray: uma vida em avant-garde....”:

<http://www.revistacontemporartes.com.br/2014/05/man-ray-uma-vida-em-avant-garde.html>



Flyer da Exposição

Ilustração Digital: André Brik

Arte: Axel Giller

RESUMO – STRESZCZENIE

Surrealizm polski zdobywa wśród polonijnych przedstawicieli kultury coraz większe zainteresowanie. Autorka w zamieszczonym artykule wymienia niektórych przedstawicieli polskiego surrealizmu: Zbigniew Beksinski, Bronisław Wojciech Linke. W środowisku polonijnym spotykamy także grupę artystów uprawiających tę sztukę. W 2017 r. zostanie zorganizowana wystawa takich artystów jak: André Brik, Everly Giller, Izabel Liviski.

POEMAS DO PADRE JAN TWARDOWSKI
TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS

*Joanna JÓZEFOWSKA **

*Guilherme BORGES ***

Um dos poetas religiosos mais conhecidos da Polônia é o padre Jan Twardowski, “padre que escreve poemas”, como ele próprio gostava de se denominar. A sua poesia transmite a visão otimista da fé, a alegria, enfatiza a o mandamento de amor ao próximo, como nesta frase que se tornou célebre: “Tenhamos pressa para amar as pessoas, elas se vão tão cedo”¹. Por meio da poesia, dava consolo às pessoas, ensinava o respeito recíproco, a empatia, a modéstia. O fenômeno da sua popularidade talvez possa ser explicado pela maneira simples de falar sobre problemas complexos.

Padre Jan Twardowski nasceu em 1915 em Varsóvia e lá morreu em 2006. Demonstrou o interesse por escrita ainda na escola, publicando entrevistas e resenhas na revista para os jovens. Com 21 anos, publicou seu primeiro livro de poemas. Formou-se em Letras só depois da Segunda Guerra Mundial, o que teve um grande impacto na sua vida: a sua vocação nasceu da gratidão a Deus por ter sobrevivido. Já em 1948 foi ordenado padre.

* Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB). Formada em Letras (Português, Espanhol) pela Universidade Adam Mickiewicz de Poznan, Polônia e pela Universidade de Sevilha, Espanha. Nasceu em 1991, na Polônia; atualmente pesquisa traduções da literatura brasileira na Polônia e da literatura polonesa no Brasil. Contato: jozefowska@gmail.com.

** Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB). Formado em Letras-Tradução (Português/Inglês) pela mesma universidade. Na graduação, cursou as disciplinas de Polonês 1, Polonês 2 e Polonês 3 ofertadas pelo Instituto de Letras da UnB e Cátedra Cyprian Norwid, em cooperação com a Embaixada da Polônia no Brasil. Nasceu no Brasil em 1992. Contato: gprborges@gmail.com.

1 „Śpieszmy się kochać ludzi, tak szybko odchodzą.” Primeiro verso do poema „Śpieszmy się”, tradução nossa.

Dava aulas de religião nas escolas, escrevia sermões e livros de prosa para crianças. No seu último livro, *Autobiografia: myśli nie tylko o sobie*¹, posiciona-se contra a velocidade da vida atual, o consumismo e o culto à juventude. Consta que a cultura atual, cheia de desespero, depressão e caos, não cumpre o seu papel original de *katharsis*, de fazer as pessoas melhores moralmente. Twardowski ensina que a fé verdadeira é uma fé alegre, com senso de humor: quem tem fé autêntica, não anda triste.

A poesia do padre Twardowski fala claramente sobre temas complicados, tais como a relação entre Deus e o homem, a morte, a saudade da mãe, o sofrimento, a fé e a falta dela. A beleza e a riqueza do mundo são contempladas. Deus não é visível, mas pode ser visto no que criou, ou seja, na natureza e nas demais pessoas; caso Deus se revelasse, não seria mais possível enxergar nada. Todas as vidas têm que ser respeitadas: o homem é só um dos seres que habitam o mundo, junto com formigas, joaninhas, patos e pinheiros. O mundo apresentado nos poemas é real e não abstrato, temos que admirar a sua variedade, as suas cores, os seus cheiros e sons.

Os poemas do autor foram traduzidos do polonês para várias línguas. A seguir, apresentamos quatro poemas em nossa tradução inédita para o português. Nós os consideramos representativos da obra do padre Twardowski.

De acordo com José Paulo Paes (1990)², a poesia, de modo geral, é composta por elementos (metro, rima, elipses, inversões, figuras de linguagem) que perturbam a estrutura lógica do discurso corriqueiro com o objetivo de fazer a atenção do leitor demorar-se nos signos linguísticos, explorando as relações entre esses diferentes elementos e levantando hipóteses sobre o que podem significar. Na tradução, além de se transmitir os significados dos vocábulos de um poema, mostra-se importante transmitir as “perturbações” acarretadas pelos elementos característicos nele presentes, sem os quais se perderia a sua poeticidade, aquilo que o distingue.

Conforme tais princípios, procuramos tornar presentes nas nossas traduções as características dos poemas originais, isto é, o ritmo, as repetições, enumerações, o estilo coloquial, com o intuito de aproximar as duas línguas e deixar visíveis as marcas do polonês nos poemas em português.

1 *Autobiografia: pensamentos não só sobre mim*, tradução nossa. TWARDOWSKI, Jan. Livro editado em dois volumes, em 2006 e 2007, pela editora Wydawnictwo Literackie, de Cracóvia.

2 PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária - aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

Exame de consciência para adulto

Você se afastou muito
da simples caneca com uma alça
da mesa velha com uma toalha comum
da comoção não fingida
do sentido
do fascínio pelo mundo
do que é nu sem ser pelado
do que é grande demais não só de longe mas também de perto
do segredo não servido no prato
da mãe que te olhava nos olhos para que você não mentisse
da oração
da Polônia ferida
você tá ficando velho, hein

Rachunek dla dorosłego

Jak daleko odszedłeś
od prostego kubka z jednym uchem
od starego stołu ze zwykłą ceratą
od wzruszenia nie na niby
od sensu
od podziwu nad światem
od tego co nagie a nie rozebrane
od tego co za wielkie nie tylko z daleka ale i z bliska
od tajemnicy nie wykładanej na talerz
od matki która patrzyła w oczy żebyś nie kłamał
od pacierza
od Polski z raną
ty stary koniu

1976, 1986

Dai-nos humildade

Dai-nos humildade mas não penúria
alegria que se pode ter pouca coisa
e que o dinheiro pode ser ruim
dai-nos uma pureza, que não seja ascetismo
mas amor: como a vida toda
e uma obediência que não seja imposição
mas calmaria das estrelas que também nem sabem
por que andam em cima de nós sempre às escuras
dai-nos um sono saudável uma fome festiva
uma fé serena, isto é, sem pressa
e no inverno lembrai-me da minha mãe
na neve humilde, pura e confiável

Daj nam ubóstwo

Daj nam ubóstwo lecz nie wyrzeczenie
radość że można mieć niewiele rzeczy
i że pieniądze mogą być jak świnie

i daj nam czystość co nie jest ascezą
tylko miłością – tak jak życie całe

i posłuszeństwo co nie jest przymusem
ale spokojem gwiazd co też nie wiedzą
czemu nad nami chodzą wciąż po ciemku

i daj nam sen zdrowy świąteczny apetyt
wiarę bez nerwów to jest bez pośpiechu
a zimą jeszcze matkę mi przypomnij
w ubogim czystym i posłusznym śniegu

1975, 1980

O Mundo

Deus se escondeu para o mundo poder ser visto
caso se revelasse, ficaria sozinho
do lado Dele quem ousaria reparar numa formiga
sequer numa vespa linda correndo em voltas
num pato verde com pernas amarelas
num abibe que bota no máximo quatro ovos
nos olhos redondos da libélula e no feijão na vagem
na nossa mãe que à mesa faz pouco tempo
bebia da caneca com a alça engraçada
no pinheiro do qual caem não pinhas mas escamas
no sofrimento e prazer, as duas fontes de sabedoria
nos mistérios não menores mas sempre distintos
nas pedras que mostram o caminho para viajantes
amor que não pode se ver
Ele não ofusca

Świat

Bóg się ukrył dlatego by świat było widać
gdyby się ukazał to sam byłby tylko
kto by śmiał przy nim zauważyć mrówkę
piękną złą osę zabieganą w kółko

zielonego kaczora z żółtymi nogami
czajkę składającą cztery jajka na krzyż
kuliste oczy wązki i fasolę w strąkach
matkę naszą przy stole która tak niedawno
za długie śmieszne ucho podnosiła kubek
jodłę co nie zrzuca szyszki tylko łuski
cierpienie i rozkosz oba źródła wiedzy
tajemnice nie mniejsze ale zawsze różne
kamienie co podróznym wskazują kierunek
miłość której nie widać
nie zasłania sobą

1977, 1980

Não sei como chegar

Tudo mudou não tem mais as pequenas mansões
com cheiro de frutas e cera de chão
com cortinas nas janelas com lavanda na gaveta
a igreja também não é a mesma. Tranquila, mesmo
sem a bisavó de língua latina calma e discreta
ela luta para que Deus seja mais visível
mas como Ele ama de verdade não dá para vê-lo
reformaram as estações não sei mais como chegar
à plataforma onde me despedi de alguém para sempre
a caneta o alpinista social o cadáver a tinta
o céu o mar e as montanhas continuam os mesmos

Nie mogę trafić

Wszystko się pozmieniało nie ma małych dworów
pachnących owocami i pastą do podłóg
z zazdrostkami w oknach z lawendą w szufladzie
kościół też nieco inny. Spokojny choć przecież
bez cichej i dyskretnej prababci łaciny
stara się by Boga było lepiej widać
lecz Bóg kocha naprawdę więc jest niewidzialny
dworce przebudowano już nie mogę trafić
na peron gdzie kogoś żegnałem na zawsze
długopis karierowicz nieboszczyk atrament
niebo morze i góry zostały te same

1976, 1979

A PALAVRA

Poetas poloneses contemporâneos

*Tomasz ŁYCHOWSKI**

No lançamento de um livro em 2004, em Paris, fiz a seguinte pergunta: “Świat się wali, a my mówimy o poezji?” – O mundo desabando e nós falando de poesia? De repente, é justamente essa a solução, que surge – “Blowing in the Wind” – pois, mesmo na forma mais dramática da arte prevalece o equilíbrio e a harmonia, sem a qual a arte não se sustentaria. Que seja bem-vinda, portanto, a poesia salvadora!

Já que fiz alusão a Bob Dylan, acredito que tenha sido acertada a sua escolha. Cheguei a essa conclusão quando me veio à memória um acontecimento da minha infância. Era o ano de 1944 e eu tinha 9 anos de idade. Estávamos, eu e a minha mãe, numa aldeia no leste da Alemanha. Era quase o final da II Guerra Mundial. Um grupo de crianças alemãs me pediu para cantar-lhes em polonês. Tímido, subi numa árvore e, escondido pela folhagem, cantei para eles. As crianças, atentas, sentaram-se em volta da árvore.

A reflexão do agora octogenário é a seguinte: o pai de uma dessas crianças alemãs poderia, hipoteticamente, ser um guarda em Auschwitz enquanto eu era, de fato, o filho de um prisioneiro daquele campo de concentração. No entanto, naquele breve momento, houve uma aproximação. Não havia mais guerra. Estávamos unidos por cima de divisões étnicas e políticas. A arte, a música, a poesia tem esse poder de construir pontes.

O mesmo acontecimento enseja outra reflexão. Essas crianças alemãs não entendiam a letra dessas canções polonesas. O som de palavras estranhas teria então um efeito mágico? O ininteligível teria se tornado inefável?

* Conselho Consultivo de Polonicus.

A melodia, mais a palavra tiveram o efeito de comunicar algo que atingiu os ouvintes de maneira mais profunda?

O exemplo clássico de uma combinação de palavras com melodia, que impactam para além do que vemos e do que ouvimos, é o “Der Erlkönig” da “parceria” entre Goethe e Schubert. Eles certamente seriam candidatos imbatíveis ao Prêmio Nobel combinado de Música e Literatura.

O som de algumas palavras tem um efeito sobre mim que eu não consigo entender ou interpretar. Quando ouço, ou simplesmente visualizo nomes como “Babilônia”, “Timbukto”, “Walhalla”, “Castela”, essas palavras tocam em fibras do meu subconsciente. Mas agora, passados tantos anos, pelo menos sei que esse efeito ocorreu na minha juventude, quando as ouvia ainda jovem. Atualmente, se as ouvisse pela primeira vez provavelmente faria uma pesquisa no Google para descobrir o que significam. E aí se perderia todo o mistério e toda a magia. Ou seja, para estar aberto à poesia é preciso manter-se jovem. Para sempre poder ouvir ou ler a Palavra como se fosse pela primeira vez. Ou, dando ouvidos à grave advertência feita no Apocalipse, ser fiel ao entusiasmo do primeiro amor.

Tudo isso tem a sua consequência quando traduzimos um poema. Gostaria, portanto, de compartilhar com vocês – se me permitem esse tom informal de amizade – a minha “przygoda”, ou seja, a minha aventura ao traduzir três poetas poloneses contemporâneos para a Revista Brasileira da ABL. Aventura, ou, talvez, melhor ainda seria a palavra ventura. Usando de gíria, topei a parada e saí lucrando. Os grandes Milosz, Szymborska, Herbert já são conhecidos do leitor brasileiro; optei, portanto, por poetas praticamente inéditos no Brasil e descobri, com imenso prazer, que eles também são grandes. São eles: Julia Hartwig, Ewa Lipska e Ryszard Krynicki. Logo de saída, um poema bem filosófico de Ewa Lipska:

Poemas

Przesłanie

Mensagem

*Tak pisać aby nędzarz
myślał, że pieniądze* *Escrever de tal modo que o pedinte
pense que é dinheiro*

A ci co umierają *E os que partem desta vida*
że to urodziny que é aniversário

Neste breve poema Ewa Lipska nós propõe um resumo da missão de um poeta. Um manifesto poético. A nós poetas ou tradutores cabe oferecer ao nosso semelhante uma palavra que seja tão bela, tão eficaz que possa suprir as suas carências mais profundas. Será, então, satisfeita a fome de pão do mendigo e a fome de vida do agonizante. É impossível não se entusiasmar com a força poética desse verso!

Essa concisão, essa economia de palavras, mas com grande poder de expressão, encontrei, anteriormente, em duas frases, uma de Shakespeare e a outra de Hemingway:

*All the world's a stage
And all the men and women merely players*

As you like it

Sem a palavra “All” na primeira linha e sem a palavra “merely” na segunda, seria preservado o sentido, mas teria se perdido a sua expressão poética. Do jeito que está no original essa frase se torna verdadeiramente poética e o sentido filosófico ainda mais profundo. Sobretudo, com a ênfase no “merely”! Que diferença faz o advérbio “meramente”!

A frase de Hemingway, tirada de *O velho e o mar*, encerra toda uma filosofia de vida e a sua força poética provém do fato de tratar-se de um diálogo entre o personagem principal – o Velho – e um... peixe:

Poemas

Let him think I am more man than I am and I will be so.

O insólito é, pois, um ingrediente frequente em poesia. Isso parece se encaixar bem nesse poema de Ewa Lipska:

*Não fui salva pela inundação
mesmo já estando submersa.
Não fui salva pelas chamas
embora há anos me consumissem.
Não fui salva por catástrofes
mesmo com carros e trens me esmagando.
Tampouco por aviões
que comigo explodiam no ar.
Desabavam sobre mim
muros de cidades imensas.
Não fui salva por cogumelos venenosos
e nem mesmo pelos tiros certos
de pelotões de fuzilamento.
Não fui salva pelo fim do mundo
pois para isso ele não tinha mais tempo.
Nada me salvou.
Estou viva.*

Em Ewa Lipska podemos, quem sabe, notar aquele senso de humor que é tão presente na poesia de Wisława Szymborska.

É possível, por outro lado, que o meu encantamento com esses poetas poloneses contemporâneos se deva ao fato de encontrar em seus versos algo que nos leva à reflexão. Ou a uma nova maneira de encarar o mundo, à palavra que vai além do seu significado aparente.

De Julia Hartwig:

Poemas

*Para tudo há um tempo
Mas não o tempo de ressuscitar as primeiras esperanças
E os primeiros amores
Tampouco o de gravar em palavras aquilo que atravessa a mente como o vento
E costuma ser o presságio de uma verdade importante
Mas que nos escapa tão depressa como se estivesse brincando
E, no entanto, chega o tempo irreversível
Quando um a um se vão todos que amaste
E todos que, ao ir embora,
Não te revelam se partem decepcionados
Chega essa hora
E tu a recebes sem nenhuma vergonha e sem humildade
Assim, simplesmente*

Simplesmente

Ryszard Krynicki também lida com esse tema:

Para Anna e Stanisław Barańczak

*Vou ser sincero: às vezes acredito
que existe um outro mundo, acredito em aparições,
em vampiros, que sugam cérebros, que sugam sangue
aliás, talvez mais do que acreditar tenha medo
(o que dá no mesmo hoje em dia: ter medo – ter fé).
Então procuro não sentar de costas para a porta,
elas têm vida própria, digo mais:
me tornei supersticioso, já não falo em voz alta sobre meus sonhos,
das minhas esperanças, para não espantá-las evito
dizer palavras que podem se vingar,
risco-as de poemas antigos (aliás,
não apenas eu), mas é preciso dizer também
que às vezes relaxo, abandono toda cautela,
bebo vodka, amo mulher, viajo, penso
telepaticamente, viro as costas*

*para as portas – que têm vida própria
e, mais cedo ou mais tarde, acabam se abrindo,
e, mais cedo ou mais tarde, há de me tocar
essa mão gélida, ou, quem sabe, ela apenas me dará um sinal,
ou, então, sem avisar, apertará o meu coração,
sinceramente: não acredito que essa seja a mão
de Ossip Mandelstam ou Georg Trakl,
ou de nenhum outro poeta, o qual, não importa quão humana
ou desumana tenha sido a sua morte,*

continua nos falando com palavras vivas

Acredito

No ensino de línguas estrangeiras se fala da diferença entre “Teach the language” e “Teach about the language”. Em vez de considerações teóricas, prefere-se a prática. Por isso me permiti apresentar-lhes os poemas acima citados em vez de tão somente discorrer sobre eles. Eu diria que, além de ler e de ouvir poesia existe também a chance de apalpá-la. Tive essa experiência ao copiar à mão os Sonetos de Shakespeare. De repente, eles assumiram para mim uma nova dimensão, tornaram-se tridimensionais. É algo que recomendo. Além do visual e do sonoro, acrescenta-se o elemento sensorial.

Agora, parece-me, cabe uma pequena digressão. As relações entre dois países podem ser variadas. Econômicas, políticas, mas também poéticas. Quando a Polônia deixou de existir no mapa mundi como país soberano, embora já tenha sido no passado um país forte e respeitado, levantaram-se várias vozes ao redor do mundo pleiteando o seu ressurgimento. Entre essas vozes e, de um modo especial, a de Ruy Barbosa. O seu discurso na Conferência Internacional de Haia em 1907 foi fundamental nesse sentido, eis suas palavras: “Os poloneses são um povo que conquistou as simpatias do mundo pelas injustiças políticas que, há mais de um século, os governos autocratas da Rússia, da Alemanha e da Áustria fazem cair sobre a sua cabeça”. E Machado de Assis dedicou

a ela o poema “Polônia”, com essas palavras impressionantes: “Não ama a liberdade quem não chora dores tuas”.

Evidentemente, as relações políticas e comerciais são altamente benéficas entre os muitos países do mundo. Mas para que isso se torne possível, há necessidade de que haja neles um governo autônomo, independente. As relações comerciais atendem primordialmente aos interesses materiais dos países envolvidos. Ocorre que o apelo de Ruy Barbosa foi mais poético do que comercial. Não havia interesse material imediato em seu apelo. Foi antes um gesto de solidariedade de uma alma nobre e romântica com uma nação oprimida pelo invasor, que sonhava recuperar a sua independência. Um eco do “Vive la Pologne!”, pronunciado em Paris pelo Imperador Dom Pedro I, ao saber da insurreição na Polônia em 1830. O raciocínio que eu procuro desenvolver é o seguinte: não me parece de todo impossível que em muitas realidades, que venham a se concretizar, o ponto de partida seja um ideal poético. E que é justamente a poesia – e não tratados comerciais e políticos – que mais verdadeiramente e mais profundamente aproxima as nações. Mas este é, sem dúvida, o ponto de vista apaixonado e “interesseiro” de um tradutor que acredita que seja desejável o namoro poético entre o Brasil e a Polônia. Que é na poesia – que está acima de interesses materiais – é que suas almas estão mais unidas, mais próximas.

Os poemas do papa polonês Karol Wojtyla, que também tive o privilégio de tentar traduzir, suscitaram os seguintes comentários de Giovanni Reale:

“...Uma das questões que se põem ao falarmos da obra poética de João Paulo II é se há, ou não, a possibilidade de haver uma conexão entre a filosofia e a poesia.

Paul Valéry, por exemplo, sustentava que poesia e filosofia não se podem fundir e que são incompatíveis entre si, já que a filosofia cria noções, enquanto o poeta exprime estados de ânimo.

O grande poeta e pensador T. S. Eliot, retomando estas afirmações de Valéry

Poemas

e confrontando-as com a poesia de Dante, refuta-as de modo perfeito. E o que ele disse relativamente à poesia de Dante vale também para a poesia de Wojtyła. “O poeta pode tratar os conceitos filosóficos, não como matéria de discussão, mas como matéria de visão”. E ainda: “A poesia de Dante é uma imaginação visível”.

Resumindo: o filósofo enquanto criador de conceitos é um “pensador”, o poeta enquanto criador de imagens é um “visionário”, o poeta pode “ver” e exprimir por “imagens” aquilo que o filósofo e teólogo exprimem por “conceitos”.

Esse “ver”, penso eu, sugere a apreensão de uma totalidade, uma visão mística, que nos atordoa e ilumina ao mesmo tempo. A grande mística Santa Teresa D’Ávila nos brinda com um exemplo disso:

*Nada te turbe
Nada te espante
Tudo passa
Deus não muda
A paciência tudo alcança
Quem a Deus tem nada lhe falta
Só Deus basta*

O tudo diante do nada. A visão do que não muda diante do que passa.

Vejamos agora alguns fragmentos da poesia do místico eslavo:

*Porque desejo abrir espaço
para as Tuas mãos estendidas,
porque quero aproximar a eternidade
para que receba o Teu sopro*

*O Amor tudo esclareceu,
o Amor tudo solucionou*

Poemas

*por isso glorifico o Amor,
onde estiver*

In “Canto sobre o Deus Oculto”

E do mesmo poema:

*O Senhor, ao brotar no coração, é como uma flor,
sedenta do calor do sol.
Venha, pois, oh luz da profundidade do dia incompreensível
e apóie-se na minha margem*

*Arda não demasiadamente próximo do céu
e tampouco longe demais.
guarda, coração, esse olhar,
na qual a eternidade te espera.*

Não é nada incomum conhecermos Papas filósofos ou teólogos, mas é mais raro eles serem poetas também, por isso pareceu-me oportuno dedicar algumas palavras ao Papa Poeta Karol Wojtyła. De certo modo, ele, que tinha dito: “S e Deus é brasileiro, o Papa é Carioca!” continua sendo bastante contemporâneo e presente entre nós.

Espero continuar aprendendo com esse time de craques como Henryk Siewierski, Regina Przybycien, Piotr Kilanowski, Aleksandra Pluta e outros para quem sabe futuramente contribuir com o meu tijolinho na publicação bilíngue de poetas brasileiros e poloneses.

Gostaria de terminar esse nosso encontro com poetas poloneses contemporâneos com dois poemas de Ryszard Krynicki, o qual, nesse mundo conturbado, nos fala do poder transformador da poesia:

*A poesia costuma ser – se antes é
como o sangue transfusional e o transplante do coração
de cujos doadores, embora mortos faz tempo*

Poemas

*em acidentes súbitos – é o seu sangue
que vive e a corrente sanguínea de outrem
transforma em parentesco
e de outros aviva os lábios*

Poesia

E:

*O que é a poesia se não salva
nem nações nem pessoas
tampouco nações e pessoas de si mesmas*

*mas apenas o que pessoas
e nações tão facilmente conseguem aniquilar?*

*Que mais pode ser se não o aflito
bater de um coração mortal
mais forte do que o terror diante da
indigência e da morte*

voz da consciência?

O que é a poesia que não salva nações nem pessoas?

E, agora, finalizando mesmo:

*How many roads must a man walk down
before you call him a man?*

*The answer, my friend, is blowin' in the wind
the answer is blowin' in the wind*

Rio de Janeiro / Brasília, 18/11/2016.

KMIECIK, Sylwia. *A comunidade polônica brasileira na visão do padre Zdzislaw Malczewski/Polonia Brazylijska w publicystyce ks. Zdzisława Malczewskiego*. Varsóvia: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2016, pp. 166.

*Rhuan Targino ZALESKI TRINDADE **

EM NOME DA MEMÓRIA DA COMUNIDADE POLONESA NO BRASIL

Ao pensarmos sobre o desenvolvimento de estudos acerca da presença da comunidade polonesa no Brasil, um aspecto importante que automaticamente vem à tona é a questão linguística. Muitos pesquisadores da Polônia e do Brasil, dedicados a diferentes áreas de estudo, têm produzido trabalhos de grande qualidade, mas que ao serem publicados unicamente em polonês ou português, por vezes, ficam circunscritos ao público de seu país de produção. A publicação de livros bilíngues traz um avanço importante quando tratamos da troca de conhecimento entre os dois países, principalmente em relação à presença polonesa no Brasil.

* Historiador, mestre em história pela UFRGS e doutorando em história pela UFPR.

A função de acessar um amplo público nos dois idiomas é cumprida pelo livro *A comunidade polônica brasileira na visão do padre Zdzisław Malczewski/ Polonia Brazylijska w publicystyce ks. Zdzisława Malczewskiego*, tema de mestrado da estudante de “polonística” Sylwia Kmiecik, realizado sob a orientação da professora Anna Jamrozek-Sowa no Instituto de Filologia Polonesa da Universidade de Rzeszów, traduzido pelo professor e importante tradutor, Mariano Kawka, e editado pelo *Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego*, que tem publicado na Polônia muitos trabalhos sobre a comunidade polono-brasileira, incluindo alguns textos bilíngues.

A obra que aqui analisamos trata da figura do padre Zdzisław Malczewski e seu importante trabalho na preservação, descoberta e catalogação da memória e história dos poloneses no Brasil. O padre, nascido em 21 de janeiro de 1950 em Nowy Brzesk na Polônia, veio para o Brasil em 31 de março de 1979, onde para além das atividades sacerdotais voltadas aos descendentes de poloneses, com base no serviço da Sociedade de Cristo para os poloneses emigrados, dedicou-se à pesquisa científica sobre a mesma comunidade. Doutor em história em 1995 no Instituto Adam Mickiewicz de Poznań, Malczewski tem produzido diversos livros e textos publicados em português e polonês voltados à história da Igreja católica e às marcas da presença polonesa no Brasil. Ademais, é importante na organização de eventos, apresentação de comunicações, bem como na divulgação do trabalho de diferentes pesquisadores sobre temas relacionados aos polono-brasileiros, através da Revista *Polonicus*.

Os vínculos com as universidades polonesas (em diferentes cidades do país) e a afiliação a grupos de pesquisa da Polônia são pontos igualmente importantes que ampliam o campo de ação do trabalho de Malczewski e permitem entender o caráter múltiplo deste personagem.

Todas essas atividades, encabeçadas pelo padre, e seus trabalhos publicados são temas e fontes que foram utilizados pela pesquisadora Kmiecik no livro que aqui analisamos. A autora realiza um importante exame da atuação de Malczewski diretamente sobre seu objeto, enquanto padre, liderança e mediador, por exemplo, entre o consulado polonês, autoridades, estudiosos e pesquisadores acadêmicos e a comunidade polônica, para além

do seu próprio trabalho de pesquisador ao registrar e documentar a “vida da comunidade” polonesa do Brasil. A autora destaca o esforço do padre em utilizar nos seus estudos, para além da razão, seu coração, descrevendo conforme afirma, positivamente, a presença dos poloneses no Brasil: marcando lugares, eventos, obras (artísticas, literárias, etc.), personalidades e outras características que servem à preservação da memória polônica brasileira e o destaque a sua importância no desenvolvimento nacional.

Em resumo, segundo a autora, o padre Malczewski “se concentra nos fenômenos que distinguem a coletividade polônica no conjunto dos cidadãos do Brasil” (2016, p. 163). Sylwia Kmiecik então, ao dividir a obra em 4 capítulos, busca delinear seu texto lastreado pela “ótica” de Zdzislaw Malczewski ante os poloneses no Brasil, destacando suas pesquisas e ação sacerdotal. No primeiro capítulo, sobressai uma biografia do seu pesquisado, especificando sua trajetória familiar, estudos, formação sacerdotal e como pesquisador. No segundo capítulo, enfoca a ação de cronista, as pesquisas, compilações e produção de documentação pelo padre, expondo a forma como Malczewski descreve a comunidade polônica a partir das características do seu trabalho supramencionado. O terceiro capítulo atenta para os enfoques específicos de Malczewski, os locais de memória, festas, eventos da comunidade polonesa no Brasil, que constituem a identidade local dos migrantes e descendentes. O último capítulo avulta um dos pontos mais importantes dos escritos do padre, as lideranças e representantes da comunidade polonesa, isto é, diversos intelectuais, empresários, artistas e membros destacados frente ao grupo polonês brasileiro, acerca dos quais Malczewski realiza biografias demonstrando o desenvolvimento em terras brasileiras trazido por determinadas imigrantes mais significativos especializados e provenientes de diferentes áreas de atuação na sociedade.

Em suma, o trabalho de Kmiecik merece atenção em razão de ser uma obra rigorosa, o qual permite a leitura de falantes do português e trata de um personagem central da comunidade polonesa no Brasil que é o padre Zdzislaw Malczewski e sua bagagem cultural e documental de destaque sobre as marcas da presença dos poloneses no Brasil e sua memória.

POWIDOKI / AFTERIMAGE DE ANDRZEJ WAJDA

*Tomasz ŁYCHOWSKI **

Uma façanha extraordinária: aos 90 anos de idade Andrzej Wajda é tão convincente quanto o era aos 50! Tomadas fora de série: Marek Edelman, o cinegrafista preferido de Steven Spielberg, brilha como sempre. Interpretação de primeira: Boguslaw Linda é uma boa aposta para o Oscar de melhor ator. Um roteiro excelente: mantendo o equilíbrio entre inevitáveis diálogos sobre teorias da arte e fortes cenas de pura ação. Um exemplo disso é o fim de uma “relação amorosa” que não termina de modo romântico, mas agride o espectador com a brutal abdução de uma linda garota.

A qual, por sinal, não é o principal personagem romântico. A grande paixão do protagonista permanece invisível e somente se torna visível através da transformação de flores brancas em flores azuis. O que poderia sublinhar com maior ênfase a importância de cores em nossas vidas? Por sinal, o tal final de uma quase “love story” não representa uma rejeição cruel, mas antes prova que o protagonista, já com certa idade, realmente tinha um sincero afeto pela moça e não queria que ela desgraçasse sua vida ao seu lado.

O filme é sobre a crueldade do período estalinista e de como esse regime intervinha e interferia na vida do cidadão comum. De um modo específico nas artes, que tinham de “servir ao povo e à vitória final do socialismo”. Em vez da liberdade de expressão, um dirigismo total. Ninguém é fuzilado, enforcado, não se corta a garganta de ninguém. Não há espancamentos. Tudo se passa de maneira metódica, pois as regras devem ser estritamente observadas. Embora, é claro, nem sempre. Isso nos lembra o filme de Kieslowski “Não matarás” que descreve em detalhes o lúgubre procedimento de tirar a vida de alguém. Ou a pesada atmosfera do romance “Trevas ao Meio Dia”, de Arthur Koestler. Sim, o terror está no método.

* Poeta, pintor polônico, Conselho Consultivo de Polonicus.

Aos poucos, lentamente, a arte – ou seja, a pessoa – é sufocada. Cortam-se-lhe as veias, mas bem devagar, em câmara lenta. Deixam sangrar até a morte de modo “natural”. Esse tempo foi especialmente duro para Andrzej Wajda e quando ele o descreve sabe exatamente o que está dizendo, pois experimentou tudo isso na própria pele. Uma imagem simbólica resume o filme: a janela do quarto do pintor é subitamente velada por um banner vermelho. Um artista consegue lidar com a pobreza, mas poderá ele sobreviver à ausência de luz? Sem a tinta e sem o pincel para pintar?

Ao escolher Boguslaw Linda para encarnar Wladyslaw Strzeminski, um dos grandes pintores e teóricos de arte daquela época, Wajda certamente intuiu que esse grande ator contribuiria para elevar o tom artístico da película. Tendo em vista, além disso, que Linda interpretou o papel de um aleijado, que tinha perdido um braço e uma perna na I Guerra Mundial, valoriza ainda mais o seu desempenho. O que se vê é impressionante.

Algo que ajuda a suavizar o clima às vezes sombrio do filme e os infortúnios do artista é a forte presença de uma atriz adolescente (Bronislawa Zamachowska) que faz o papel de sua filha. As atitudes contidas dessa jovem no relacionamento com o pai, aparentemente isentas de emoções (as mais profundas ela raramente deixa transparecer), funcionam como um contraponto entre o drama que presenciamos e as tarefas do dia a dia. Ou o espaço de tempo entre um “cafezinho” e outro. “Tem um buraco no meu sapato” ou “Você fuma demais”. Por outro lado, os alunos que o veneram, quiçá representam o que sobrou de alento naqueles dias. A solidariedade dos jovens com o velho, aleijado professor renunciava naqueles anos de chumbo o sopro de uma leve esperança, de melhores dias por vir. Uma ponte entre o que foi e o que será, por cima de um agora que opta por não ser. Pois quem pode derrotar a juventude? E quem pode derrotar a arte?

A mesmice material daqueles dias quando “todos eram iguais, mas alguns mais iguais do que os outros”, as privações do cotidiano, o racionamento de alimentos, a pobreza franciscana das moradias, tudo é mostrado nos menores

| Crônicas

detalhes. Alguns espectadores, acostumados com o aparato cinematográfico de Hollywood, podem achar que Wajda exagera no sutil e no simbólico, mas em termos artísticos este filme é sem dúvida um retorno ao melhor de sua longa carreira.

O final, então... Quem viu “Cinzas e diamantes” poderá fazer um paralelo. Magnífico!

Rio Film Festival, 8 de outubro, 2016 (filme visto na véspera da morte do cineasta)

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DO PAPA SÃO JOÃO PAULO II

*Zdzislaw MALCZEWSKI, SChr **

Na tarde de sábado 10 de dezembro de 2016, na pequena cidade de Nova Roma do Sul, distante 160 km de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, realizou-se a incomum solenidade da bênção do monumento de S. João Paulo II. Numa região montanhosa, onde os descendentes dos imigrantes italianos se dedicam à plantação da uva e à produção de bons vinhos, encontramos muitas localidades onde vivem também descendentes de poloneses. Nesse mar dos brasileiros italianos, naquela região montanhosa, os descendentes dos imigrantes poloneses demonstram uma animada atividade étnica.

É justamente em Nova Roma do Sul, uma cidadezinha com um pouco de mais de 3 mil habitantes, que existe um animado núcleo da Braspol. Justamente graças à iniciativa do presidente Sr. Alcides Zulmir Zorraski e à coleta de uma significativa soma de dinheiro, considerando as pequenas proporções da comunidade polônica local, foi edificado um monumento com a altura de 11 metros.

A solenidade se iniciou com a Missa que foi presidida pelo bispo Dom Alessandro Ruffinomi CS (um missionário italiano da Congregação de S. Carlos Borromeu) e concelebrada por diversos sacerdotes. Entre os fiéis, a grande maioria era constituída de polônicos locais, bem como daqueles que tinham vindo de muitas cidades e vilas localizadas na mencionada região do rico Estado do Rio Grande do Sul. Entre os fiéis, percebia-se a presença do Sr. Marek Makowski – Cônsul Geral da Polônia, que havia vindo para as solenidades da distante Curitiba.

Após o término da Missa, realizou-se a procissão até o lugar onde foi edificado o monumento, na área de uma praça pública especial criada pela municipalidade. O mestre de cerimônias, o engenheiro Sr. André Hamerski (um excelente organizador e líder polônico no Rio Grande do Sul), convidou as pessoas presentes a se aproximarem do monumento. A seguir cantamos os hinos

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

nacionais do Brasil e da Polônia. Foi lida uma carta, traduzida para a língua portuguesa, que havia sido enviada pelo ministro Adam Kwiatkowski – chefe de gabinete do Presidente da Polônia Sr. Andrzej Duda e ao mesmo tempo diretor do escritório presidencial para assuntos polônicos. A mensagem do senhor ministro Adam Kwiatkowski foi recebida pelos presentes com uma estrondosa e prolongada salva de palmas. Eis o texto da carta, que foi enviada ao André Hamerski – presidente da Braspol no Rio Grande do Sul :

Estimado Senhor Presidente, Caros Patrícios

Com alegria recebi a notícia sobre a celebração do descerramento do monumento-memória ao nosso grande patrício, São João Paulo II, em Nova Roma do Sul, bem como o convite de participar do extraordinário e histórico momento da vida da comunidade polônica no longínquo Brasil. Muito por isso sou agradecido. Deveres não me permitem estar pessoalmente presente nesse importante evento. Asseguro, no entanto, que os assuntos dos Polônicos residentes no continente sul-americano são e serão cercados com profundo zelo pelo Presidente da República da Polônia, Andrzej Duda. O reforço dos laços com a comunidade de mais de 20 milhões de polônicos residentes além das fronteiras da Polônia é uma prioridade nas atuações do Senhor Presidente, bem como de Sua Chancelaria.

A pessoa e a obra da vida do Papa Polônês outorga um profundo sentido às celebrações organizadas pela BRASPOL. São João Paulo II é para cada um de nós um modelo incomum a ser seguido. Através de sua vida ele nos mostrou como é importante o outro e quão importante deve ser o zelo pelo próximo. Nós como Nação somos de maneira especial herdeiros do patrimônio do grande Polônês. Significativo é que há séculos a vida social dos Patrícios além das fronteiras forja-se em torno de paróquias polonesas. É impossível menosprezar o papel das pessoas eclesásticas na conservação da identidade e na construção da comunidade dos Patrícios em todos os lugares onde corações poloneses batem – igualmente aqui na hospitaleira terra brasileira. Deposito por isso especiais palavras de agradecimento.

No crepúsculo dos 1050 anos de Batismo da Polônia agradeço pelo engajamento nas atuações na causa dos Polônicos e Poloneses residentes no Brasil. O trabalho desenvolvido pelos Senhores na causa da promoção da cultura e das tradições polonesas é muito familiar ao Presidente da República da Polônia, Andrzej Duda. Encontros para celebrar a memória do Papa Polônês são magníficos exemplos

da construção de laços, amparados no fundamento da fé, tradição e cultura do Povo Polonês.

Nas mãos do Senhor Presidente deposito a todos Patrícios as expressões de profunda consideração e reconhecimento pela persistência e cuidado com a língua materna, tradições e cultura dos antepassados. Agradeço pela fidelidade nas transmissões do passado, pela guarda do patrimônio cultural dos Polônicos Brasileiros, a qual até hoje permite alegrar-se com a beleza do folclore polonês, das canções e das danças. Dirijo expressões de especial agradecimento pela ajuda e pelo apoio ao Poder Municipal e região.

Aos Senhores e Senhoras desejo excelentes e inesquecíveis momentos vividos em companhia de seus próximos e amigos, preciosos sentimentos espirituais, bem como toda a satisfação na vida pessoal e profissional.

A seguir discursaram: o prefeito municipal, o reitor da Missão Católica Polonesa e o Cônsul da República da Polônia. O coroamento desse evento religioso, polônico e social foi a bênção do monumento, realizada pelo bispo Dom Alessandro.

Após a bênção deu-se o descerramento da imagem de S. João Paulo II. Para o encerramento, segundo o costume brasileiro, não podia faltar a apresentação de uma longa sessão de ruidosos fogos de artifício.

**VISITAÇÃO CANÔNICA DO SUPERIOR GERAL
DA SOCIEDADE DE CRISTO
NA CAPELANIA POLONESA EM PORTO ALEGRE**

*Zdzislaw MALCZEWSKI, SChr **

Nos dias 17-19 de dezembro de 2016 o Pe. Ryszard Głowacki SChr – superior geral da Sociedade de Cristo, em companhia do Pe. Casimiro Długosz SChr, provincial – esteve na capital do Rio Grande do Sul.

À noite do primeiro dia, representantes da Capelania Polonesa ofereceram um jantar em honra dos hóspedes num restaurante de Porto Alegre. Participaram desse encontro diversas pessoas que representaram a coletividade polono-brasileira local.

No domingo, 18 de dezembro, realizou-se na Igreja Polonesa a parte mais importante da visitação. A solene Missa foi concelebrada em língua polonesa. No início da Missa o capelão da comunidade saudou o superior geral e apresentou uma síntese da história da imigração polonesa, bem como da pastoral polônica na cidade. Em nome da comunidade local, dirigiu palavras de saudação ao ilustre visitante o Sr. Sérgio Sechinski. A seguir a Sra. Helena Królikowski, segundo o nosso tradicional costume, fez ao Padre Geral a entrega de um pão.

O Superior geral pronunciou uma homilia, apresentando nela a realidade religiosa da comunidade polônica e familiarizando os fiéis com o carisma da nossa congregação religiosa. A fala do superior geral foi traduzida pelo padre provincial.

No final da S. Missa o capelão da comunidade entregou uma imagem de Nossa Senhora de Monte Claro à Sra. Gabriela Taffarel. Há um ano essa efígie está visitando as casas polônicas em Porto Alegre. Durante uma semana permanece na casa da pessoa ou da família, que a recebe num domingo e traz à igreja polonesa no domingo seguinte.

A seguir o capelão da colônia polonesa de Porto Alegre agradeceu ao superior geral pelo encontro comum na oração, e ao superior da província

* Redator da revista *Polonicus*.

pela possibilidade de exercer a assistência pastoral no seio da comunidade católica em Porto Alegre, que se caracteriza por uma profunda fé, pelo apego ao seu santuário construído nos anos 30 do século passado e por um forte polonismo. Os representantes do conselho econômico e pastoral da Capelania, os Senhores Vitoldo Królikowski e Sérgio Sechinski, entregaram aos nossos hóspedes alguns presentes que lhes lembrassem essa terra gauchesca, que no passado acolheu milhares de imigrantes poloneses. As palavras finais do superior geral e do provincial, acompanhadas da solene bênção, encerraram essa santa Missa profundamente vivenciada por todos

Logo após a Missa, deslocamo-nos até o espaço frontal ao santuário para uma refeição, da qual participaram os que estiveram presentes na celebração. Havia cerca de 110 pessoas e, entre elas, dois conjuntos de folclore polonês: o conjunto que atua junto à Sociedade Polônia e o “Na Zawsze” (Para sempre) – um novo grupo que há um ano funciona na filial da Braspol de Porto Alegre. Os artistas executaram diante do superior geral algumas danças regionais polonesas. O superior geral teve a possibilidade de ver de perto essas pessoas e de conhecer um pouco a vida delas. Muitas quiseram gravar em fotos os agradáveis momentos que haviam vivenciado.

Na noite daquele domingo deslocamo-nos com os nossos hóspedes à cidade próxima de Canoas, que pertence à região metropolitana de Porto Alegre, onde o advogado Dr. Alberto Tyska e sua esposa prepararam em honra do padre superior geral um churrasco especial. Participaram do jantar comum famílias polônicas envolvidas nas atividades da Capelania. Para o superior geral, essa foi uma ocasião especial para conhecer de perto os nossos polônicos e as suas famílias.

Na manhã de segunda-feira, o superior geral, com os coirmãos religiosos que o acompanhavam, visitou a sede da Sociedade Polônia. Em novembro essa organização havia comemorado solenemente os 120 anos da sua existência e atividade. Ali estava à nossa espera o presidente Sr. Mariano Hossa, que nos mostrou os amplos e bem equipados espaços da sede.

À tarde, o superior geral, juntamente com o padre provincial que o acompanhava, fez uma visita de cortesia ao arcebispo metropolitano Dom Jaime Spengler na cúria episcopal. O superior geral da Sociedade de Cristo

expressou diante do hierarca local a gratidão pela solicitude pelo bem espiritual da comunidade polônica e também pelo fato de na sua Igreja os padres da Sociedade de Cristo terem a possibilidade de realizar o carisma da congregação.

No final do dia levei os ilustres superiores religiosos ao aeroporto local, situado a apenas 5 quilômetros da Igreja Polonesa.

A visitação canônica do padre superior geral foi para mim, um velho imigrante, uma experiência especial. Para a comunidade polônica foi um sinal do desvelo da Sociedade de Cristo pelo bem espiritual dos polônicos locais, para que nenhum deles se perca espiritualmente nessa metrópole brasileira. Provavelmente essa foi a primeira visitação canônica de um superior maior à Capelania Polonesa em Porto Alegre. Os mais velhos representantes da comunidade não foram capazes de me dizer se no passado a Capelania foi visitada pelo superior geral da Congregação dos Padres Vicentinos, que por 70 anos prestaram assistência aos emigrados poloneses e aos seus descendentes na cidade. Estou profundamente convencido de que, com base nos testemunhos expressos dos polônicos locais, a visita do padre superior geral Ryszard Glowacki foi para eles um fortalecimento na fé e no polonismo. Com certeza, por muito tempo ainda voltaremos com a memória a esses momentos religiosos que juntos vivenciamos.

DIRETORIA DA CASA DA CULTURA POLÔNIA BRASIL SE REÚNE PARA PLANEJAMENTO 2017

No início de março, a diretoria e conselheiros da **Casa da Cultura Polônia Brasil** se reuniu para realizar o planejamento de 2017.

A instituição fundada em 2012 na cidade de Curitiba atende à comunidade polono-brasileira local e em outras partes do estado do Paraná, oferecendo atividades culturais e cursos do idioma polonês. A **Casa da Cultura Polônia Brasil** é uma associação com finalidade cultural sem fins lucrativos, cujos diretores e conselheiros são voluntários que dedicam tempo e competências na realização de eventos e atividades que visam a difusão da cultura polonesa em sua maioria gratuita e aberta a todos os públicos.

Para a manutenção e sustentabilidade da instituição é necessário um planejamento que vise, entre outras coisas, a viabilização de recursos para manutenção do orçamento anual e o custeio de eventuais gastos ao longo do período. Os associados contribuem anualmente com uma taxa simbólica e a instituição conta com importantes parceiros institucionais como *Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba*, *Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kosciuszko*, a *Sociedade Polono-Brasileira Marechal Pilsudski* e a *Braspol*.

Com o intuito de garantir a sustentabilidade de sua sede a **Casa da Cultura Polônia Brasil** mantém um calendário de atividades fixas, entre elas estão as edições da Feira de Arte e Cultura que acontecem em datas comemorativas ao longo do ano, abrindo suas portas a artistas e artesãos que queiram expor e comercializar seu trabalho e produtos, revertendo uma parte da renda para manutenção da CCPB. Além de exposições, recitais, publicações, eventos e oficinas gastronômicas, a instituição conta com cursos de polonês em vários níveis, com custo acessível, professores capacitados, atualizados no Brasil e na Polônia, material didático diferenciado e atividades culturais complementares, tudo para atender bem ao associado e comunidade em geral.

Desde sua fundação a **CCPB** tem se empenhado na realização de projetos voltados para a difusão da cultura polonesa junto à comunidade

local, regional e em âmbito nacional, muitas de suas publicações e produtos são enviados para várias partes do Brasil. São publicações próprias e de terceiros, com destaque para: o *Dicionário Polonês-Português / Português-Polonês* de autoria de *Mariano Kawka*, da Rodycz & Ordakowski Editores; os livros publicados pela instituição *Memórias de Luz: História de Poloneses Justos*, organizado por *Piotr Kilanowski*, publicação patrocinada pelo Ministério das Relações Exteriores da República da Polônia e pelo Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba que contou com o apoio da UFPR – Universidade Federal do Paraná (Curso de Letras-Polonês) Departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas (DEPAC); a edição brasileira do livro de poemas traduzidos, bilíngue, *Meu coração de Polaco Voltou*, que reúne cerca de 60 poesias do escritor curitibano *Paulo Leminski*, com seleção e tradução de *Piotr Kilanowski* e o *Lendas Polonesas: Legendy Polskie*, resultado do trabalho de artistas de origem polonesa responsáveis pela exposição “Lendas Polonesas” que itinerou de 2014 a 2015 pelo Paraná e Rio Grande do Sul, organizado por *Márcia Széliga*.

Além das publicações a instituição tem lançado produtos exclusivos criados especialmente para comercialização direta, entre eles a coleção de camisetas temáticas com artes da exposição “Lendas Polonesas” inspirada nas obras das artistas *Heliana Grudzien*, *Márcia Széliga*, *Juliana Kudlinski* e *Adriana Kmiec* e duas semijoias lindíssimas em formato de mandala com destaque para as gralhas azuis e os galos, ícones do trabalho de *Dona Emília*. Com design da *Dona Prata* a inspiração veio da *wycinanka*, arte popular polonesa que *Emilia Piaskowski* domina tão bem, uma das muitas contribuições da artista e artesã à comunidade, o que lhe rendeu homenagens como a realização de exposição individual em 2015 e a condecoração de “mérito à cultura polonesa”, honraria concedida pelo Ministro de Cultura e Patrimônio Nacional da Polônia no final de 2016.

Para a presidente da **Casa da Cultura Polônia Brasil**, Sra. *Schirlei M. Freder* e os membros da diretoria e conselho: *Mari Ines Piekas*, *João Carlos Cwiklinski*, *Mario José Gondek*, *Everly Giller*, *Adriana Magnuski Kmiec*, *Paulo Cesar*

Kochanny, Axel Giller, Mauro Giller, Denise Sielski, Paula Cristina Celli, Márcia Eliza Széliga e Rhuan Targino Zaleski o compromisso com a comunidade polono-brasileira e com a manutenção de uma memória ancestral é o que os inspira nesse trabalho. Por esses motivos o corpo diretivo atual, em seu segundo mandato, tem trabalhado no sentido de alcançar os objetivos da instituição, entre eles: pesquisa, intercâmbio entre Polônia e Brasil, cooperação com entidades polonesas e brasileiras, promoção do patrimônio, tradição e costumes, contribuindo para integração da comunidade polono-brasileira através de eventos e projetos pensados e realizados para atender a todos os públicos.

Quer saber mais sobre a **Casa da Cultura Polônia Brasil** e como se tornar um associado? Então entre em contato através do e-mail: contato@polonibrasil.org.br ou através do telefone (41) 3088-0708. Para outras informações acompanhe as notícias no site e na *fanpage* da CCPB ou siga-a no Instagram [#casaculturapbr](https://www.instagram.com/casaculturapbr).

Seja um associado da **Casa da Cultura Polônia Brasil**! Além dos descontos em cursos, produtos e eventos pagos, você estará contribuindo para manutenção da instituição e suas atividades, garantindo sua longevidade.

Autoria do texto: Meg Mamede para Casa da Cultura Polônia
Brasil

O ECHO POLONII BRAZYLIJSKIEJ DEIXA DE SER PUBLICADO...

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr *

O *Echo Polonii Brazyljskiej* (Eco da Comunidade Polônica Brasileira), publicado pelo reitor da Missão Católica Polonesa desde junho de 2009, por sete anos tem sido enviado regularmente, pelo correio tradicional, às representações diplomáticas da Polônia, às organizações polônicas, aos líderes polônicos, bem como aos missionários e às missionárias poloneses que trabalham no Brasil. A publicação era também enviada a bibliotecas selecionadas (como a Biblioteca Nacional da Polônia), ou a pesquisadores da comunidade polônica na Polônia. O propósito do redator era que o periódico apresentasse aos leitores a realidade da comunidade polônica brasileira e da sua pastoral, tão diferente daquela promovida entre os imigrantes poloneses nos países da Europa, nos Estados Unidos ou na Austrália. Além disso – no propósito do redator – devia se constituir num vínculo entre as comunidades polônicas ou os missionários poloneses. Como esses missionários, somos uma comunidade polonesa bastante significativa e especial dentro da dinâmica Igreja brasileira, que se encontra presente em todo o imenso território do país. Através desse boletim nos tornaríamos mais próximos e ao mesmo tempo contribuiríamos para a integração da nossa coletividade polônica. Os textos publicados na revista, dedicados à coletividade polônica, deviam apresentar ao leitor esse grupo étnico presente no rico mosaico brasileiro.

Desde o segundo semestre de 2009 até o final de 2016 foram publicados 42 números. Algumas vezes, em razão de falta de recursos financeiros, a publicação era apresentada como número duplo. Desde o momento da publicação do último número do jornal *Nowy Lud* (herdeiro do *Lud*, publicado desde 1920), a coletividade polônica brasileira não tinha atualmente nenhum periódico publicado em língua polonesa. E era uma pena... Pretendíamos que nesse único periódico em língua polonesa aqui publicado, que era o *Echo Polonii Brazyljskiej*, a temática dos textos publicados fosse ampliada

* Redator da revista *Polonicus*.

através da colaboração dos leitores, expressa no envio de informações das suas comunidades locais. Em cada número do *Echo*, abaixo da vinheta havia a legenda: “O único periódico em língua polonesa no Brasil”. No decorrer desses anos, temos enviado à Polônia pedidos de ajuda financeira para a revista. Da Associação *Wspólnota Polska* recebemos somente uma vez uma ajuda financeira. Embora cheguem da Polônia notícias oficiais de que o país está interessado em apoiar as mídias polônicas, em relação ao *Echo*, infelizmente, não pude perceber isso.

No final do ano passado, após muitas reflexões “a favor e contra”, decidi com pesar interromper a publicação do *Echo Polonii Brazylijskiej*. Como já anteriormente mencionei, esse era o único periódico em língua polonesa publicado no Brasil. Embora eu o publicasse a cada dois meses, via a necessidade de uma publicação mais frequente, em razão da quantidade de eventos e da vitalidade da coletividade polônica. Nos meus planos editoriais, encontrava-se a gradual passagem da publicação bimensal para a mensal e, com o tempo, para a semanal... Infelizmente, esses planos não puderam ser realizados. Por quê? Eu não tinha quase nenhuma resposta de leitores que quisessem escrever alguma coisa e não recebia a ajuda financeira que pedia na Polônia. Essa é a única razão da interrupção do periódico: a falta de recursos financeiros!

Todos os números da publicação encontram-se no portal da Missão Católica Polonesa no Brasil (www.polska-misja.com.br). Não estou encerrando a publicação definitivamente, mas sim interrompendo temporariamente. Ainda que, com o correr do tempo, seja preciso tomar uma decisão e perguntar: Será que vale a pena?

O envolvimento, o tempo, o dinheiro (para as despesas de impressão, a compra de envelopes, as taxas postais, que ultimamente subiram muito) que eu destinava à publicação e à distribuição do *Echo Polonii Brazylijskiej* devem ser por mim dedicados – além da pastoral polônica – às minhas pesquisas independentes sobre a história da imigração polonesa no Brasil.

